



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOÃO MARCOS SALGADO DE MORAES

CRÔNICAS DE NÁRNIA: AUTORIA, ESCRITA E RECEPÇÃO DA OBRA DE C.  
S. LEWIS NA INGLATERRA (DÉCADAS DE 1940 À 1960)

GOIÂNIA  
2022



**UFG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE HISTÓRIA

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESSES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

João Marcos Salgado de Moraes

#### 3. Título do trabalho

Crônicas de Nárnia: autoria, escrita e recepção da obra de C. S. Lewis na Inglaterra (décadas de 1940 a 1960)

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**

---

02/08/2022 16:00

SEI/UGF - 3082133 - Termo de Ciência e de Autorização (TECA)



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Lima Gomes, Professor do Magistério Superior**, em 01/08/2022, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **JOÃO MARCOS SALGADO DE MORAES, Discente**, em 02/08/2022, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3082133** e o código CRC **D63D018D**.

---

Referência: Processo nº 23070.030463/2022-91

SEI nº 3082133

JOÃO MARCOS SALGADO DE MORAES

CRÔNICAS DE NÁRNIA: AUTORIA, ESCRITA E RECEPÇÃO DA OBRA DE C.  
S. LEWIS NA INGLATERRA (DÉCADAS DE 1940 A 1960)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, **como requisito para a qualificação** do mestrado em História.

**Área de concentração:** Culturas, Fronteiras e Identidades.

**Linha de Pesquisa:** Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História.

**Orientador:** Prof. Dr. Ivan Lima Gomes.

GOIÂNIA  
2022

Ficha de Identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Moraes, João Marcos Salgado de  
Crônicas de Nâmia: autoria, escrita e recepção da obra de C. S. Lewis na Inglaterra (décadas de 1940 a 1960). [manuscrito] / João Marcos Salgado de Moraes. - 2022.  
CLVI, 156 f.: l.

Orientador: Prof. Ivan Lima Gomes.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2022.

1. Literatura Infantil. 2. Nâmia. 3. C. S. Lewis. 4. Discursos. 5. Recepção. I. Gones, Ivan Lima, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 038/2022 da sessão de Defesa de Dissertação de **JOÃO MARCOS SALGADO DE MORAES**, que confere o título de **Mestre(a) em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s vinte e oito dias de junho do ano de dois mil e vinte e dois, a partir da(s) 14h00, via videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “Crônicas de Nárnia: autoria, escrita e recepção da obra de C. S. Lewis na Inglaterra (décadas de 1940 a 1960)”. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Ivan Lima Gomes (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel (FL/UFG)**, membro titular externo e **Roberta Ferreira Gonçalves (IFGoiano)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Ivan Lima Gomes**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) vinte e oito dias de junho do ano de dois mil e vinte e dois.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Lima Gomes**, Professor do Magistério Superior, em 28/07/2022, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elias Nazareno**, Coordenador de Pós-graduação, em 28/07/2022, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel**, Professora do Magistério Superior, em 30/07/2022, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 2960568 e o código CRC 39DF6D1A.

Referência: Processo nº 23070.030463/2022-91

SEI nº 2960568

JOÃO MARCOS SALGADO DE MORAES

**CRÔNICAS DE NÁRNIA: AUTORIA, ESCRITA E RECEPÇÃO DA OBRA DE C. S. LEWIS NA INGLATERRA (DÉCADAS DE 1940 A 1960).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

Goiânia, \_\_ de junho de 2022

Banca examinadora

---

Professor Dr. Ivan Lima Gomes (UFG – Orientador)

---

Professora Dra. Ana Lorym Soares (UFJ – Examinadora)

---

Professora Dra. Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel (UFG – Examinadora)

---

Professora Dra. Roberta Ferreira Gonçalves (IF Goiano – Examinadora)

GOIANIA  
2022

## AGRADECIMENTOS

Talvez uma das partes mais difíceis de escrever uma dissertação seja os agradecimentos. Uma infinidade de sujeitos me ajudou a chegar aonde estou. Na impossibilidade de agradecer a todos, escolho alguns sujeitos que com certeza tenho um pouco deles em mim e que um pouco de mim vive neles.

Gostaria de agradecer à minha mãe que é a pessoa com o coração mais forte que eu conheço, que mesmo diante de tantas dores pessoais, sempre me apoiou, espiritualmente, emocionalmente e financeiramente, sendo uma sonhadora implacável.

Ao meu pai, por todas as conversas e todas as orações e todo o amor que a sua maneira ele expressa por mim.

Ao meu irmão que me apresentou C. S. Lewis e Nárnia e sempre me deu apoio e referências para que minha escrita fosse mais completa.

Ao meu orientador, Professor Doutor Ivan Lima Gomes, por todas as orientações, todos os encontros, toda a paciência, todo cuidado, e principalmente por ter me aceitado como seu orientando. Além disso, por ser um ser humano empático com o qual eu tive o privilégio de conhecer e trabalhar.

Aos meus amigos José, Lorraine, Rafaela e Yara, por todo o apoio emocional e por entender meus sumiços nas épocas de escrita, não desistindo da nossa amizade apesar disso.

Aos meus companheiros de saga e de estrada formado pelo Doutor Marcos que eu sou devedor de aulas particulares, referências e empréstimos de livros; ao meu amigo e companheiro de mestrado Lucas que sempre foi aconchego e ouvido nos tempos de crise; ao meu também amigo de mestrado Leandro por todo o conhecimento ensinado, companheirismo e caronas e por fim a minha amiga de longa data Cleidiane que foi casa emocional em Goiânia e casa física, sempre tendo um lugar, independentemente da situação.

Agradeço também à minha amiga Neuzi, que me apoiou incansavelmente nas traduções da maioria das cartas encontradas nessa dissertação, me ajudando com o inglês e estudando o contexto da língua para que não houvesse erros.

Meus agradecimentos também à CAPES, que forneceu uma bolsa que possibilitou um entusiasmo maior nos meus estudos, e a possibilidade de uma dedicação exclusiva a eles.

Muito obrigado a todos (a) vocês. Longe de ser só minha, essa dissertação tem muito de cada um de vós. Deus abençoe ricamente a cada um.



Certa vez, num refeitório de hotel, eu disse em voz um pouco alta demais: “Odeio ameixas secas.” De outra mesa inesperadamente, ouvi a voz de um menino de seis anos: “Eu também.” A simpatia entre nós foi instantânea. Nem eu nem ele achamos aquilo engraçado. Ambos sabíamos que as ameixas secas são ruins demais para serem engraçadas. *C. S. Lewis, “On Fair-Stories”, Essays Presented to Charles Williams (1947).*

## RESUMO

Toda obra literária enquanto lida constitui-se como um objeto móvel. Novas leituras, representações e discursos são tirados dela de acordo com seu caminhar temporal através das culturas diferentes. *As Crônicas de Nárnia* não foge disso e tem sido explorada frequentemente por várias áreas do saber como a filosofia e a letras. Entretanto a obra ainda carece de trabalhos historiográficos. Nesse sentido, a presente pesquisa tem o intuito de apontar historicamente o seu autor C. S. Lewis juntamente com os discursos desse sujeito assim como também entender em que contexto a obra é construída. Feito isso, cabe entender quais tipos de discursos são possíveis de se identificar através da leitura da obra e como eles se conectam a sua historicidade e ao seu autor. Por fim, temos como objetivo apontar a partir dos estudos de recepção quais as referências o autor colocou na obra para que ela fosse entendida de determinada maneira e através da análise das suas cartas com seus fãs, quais as impressões os leitores da década de 1950 e 1960 tiveram da obra.

**Palavras – chave:** Literatura Infantil. Nárnia. C. S. Lewis. Discursos. Recepção.

## ABSTRACT

Every literary work as it is read constitutes itself as a moving object. New readings, representations and discourses are taken from it, according to its temporal journey through different cultures. The Chronicles of Narnia is no exception and has been frequently explored by various areas of knowledge such as Philosophy and Modern Languages courses. However, the work still lacks historiographical works. For that matter, the present research aims to historically point out its author C. S. Lewis along with the discourses of this subject as well as understand in what context the work is built. Once this is done, it is important to understand what types of discourses are possible to identify through the reading of the work and how they connect to its historicity and its author. Finally, we aim to point out from the reception studies which references the author placed in the work so that it could be understood in a certain way and through the analysis of his letters to his fans, what impressions the readers of the 1950s and 1960s had of the work.

**Keywords:** Children's Literature. Narnia. C.S. Lewis. Discourses. Reception.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Representação do Tarcaã descrito acima. ....	92
Figura 2: Chegada de Digory e Polly a cidade de Charn.....	103
Figura 3: O guarda-roupa.....	104
Figura 4: O elmo do lampião. ....	104
Figura 5: Capa de O cavalo e seu menino. ....	105
Figura 6: Digory e Polly (primeira ilustração dos personagens na história). ....	107
Figura 7: Os irmãos Pevensie - Pedro, Edmundo, Lúcia e Susana.....	108
Figura 8: Encontro com Aslam em forma de cordeiro. Edmundo, Lúcia e Eustáquio. ....	109
Figura 9: Reis e Rainhas de Nárnia: da esquerda pra direita. Tirian, Pedro, Polly, Digory, Edmundo, Jill, Lúcia e Eustáquio.....	110
Figura 10: Macaco Manhoso, um dos vilões de A Última Batalha. ....	111
Figura 11: Mapa de O cavalo e seu menino. ....	112
Figura 12: Mapa de A viagem do Peregrino da Alvorada .....	113
Figura 13: Tash. ....	114
Figura 14: As Crônicas de Nárnia - Primeira Edição. ....	130
Figura 15: Alison White, bispa de Hull, abençoa estátua de Aslam na Igreja de St. Mary.....	142

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPITULO 1 – A CONSTRUÇÃO DE UM TRAJETO – AUTOBIOGRAFIA DE LEWIS COMO UMA “PRODUÇÃO DE SI”.....	22
1.1 As dores e as influências da meninice .....	32
1.2 Primeira Guerra Mundial – Uma mudança de perspectiva.....	37
1.3. Uma volta ao abismo e os debates acerca do pacifismo. ....	42
1.4 Para além dos muros da universidade: A fama internacional de C. S. Lewis. ....	44
1.6 O Lewis conservador, anticomunista e a religiosidade fria de um pós-guerra. ....	51
CAPÍTULO 2 – AS CRÔNICAS DE NÁRNIA – APRESENTAÇÃO E ESTUDOS SOBRE A OBRA. ....	55
2.1. <i>As Crônicas de Nárnia</i> – Apresentação da obra.....	55
2.1.1 O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa (1950).....	55
2.1.2 Príncipe Caspian (1951) .....	56
2.1.3 A viagem do Peregrino da Alvorada (1952).....	57
2.1.4 A cadeira de Prata (1953) .....	58
2.1.5 O Cavalo e Seu Menino (1954) .....	58
2.1.6 O sobrinho do mago (1955).....	59
2.1.7 A Última Batalha (1956) .....	59
2.2 As obras dentro da obra: Um olhar literário sobre o universo de Nárnia. ....	60
2.3 A intertextualidade entre Nárnia a Bíblia e a teologia cristã. ....	71
2.4 As críticas a saga: seria a obra eurocêntrica, racista e sexista? .....	83
2.4.1 A polêmica acerca do lugar feminino em Nárnia – seria a obra sexista? .....	84
2.4.2 As acusações acerca do eurocentrismo e do racismo em Nárnia.....	91
2.5 A importância da ilustração nas Crônicas de Nárnia. ....	97

CAPITULO 3 - O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM AUTOR E O CRUZAMENTO DE UMA RECEPÇÃO.....	116
3.1 A construção de referências por um autor, a escolha de um leitor e os mecanismos propostos para uma leitura específica de Nárnia. ....	121
3.2. O processo de seleção das cartas, sua apresentação e os principais questionamentos dos leitores mirins da década de 1950 e 1960 acerca de Nárnia.....	131
3.3 Um panorama geral das cartas e da construção do diálogo entre Lewis e seus fãs.....	134
3.3.1. Phyllida: A “crítica literária” de Lewis.....	136
3.3.2 Patrícia e Laurence: Questionamentos acerca de Aslam e da religiosidade da obra.....	138
3.3.3 Laurence, Joan, Jonathan, Ruth e Philip: Questionamentos acerca do fim dos personagens e do fim da saga. ....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	147
FONTES: .....	149
REFERÊNCIAS .....	149

## INTRODUÇÃO

*As Crônicas de Nárnia*, compõem uma coleção de livros, num total de sete, escritos em inglês e publicados durante o período de 1949 a 1954 pela editora britânica Geoffrey Bles. Atualmente, as vendas ultrapassam a casa das 100 milhões de cópias.<sup>1</sup> Por mais que cada uma das sete histórias traga tramas diferentes, elas se relacionam de maneira coerente, principalmente por conta do personagem Aslam, presente em todas as sete histórias na figura de um leão.

A obra é considerada um clássico da literatura infantil britânica juntamente com outras obras publicadas no século XX como *O Hobbit* e *O senhor dos anéis*, de John Ronald Reuel Tolkien, *O Vento nos Salgueiros* de Kenneth Grahame, assim como *Cinco Crianças e um segredo* e *A história do amuleto* de Edith Nesbit, e, mais atualmente, *Harry Potter* de J. K. Rowling. Mesmo já se passando mais de meio século da morte de C. S. Lewis a série que contém as *Crônicas* segue sendo sua obra mais conhecida.<sup>2</sup> Além disso, o grande alcance mundial da obra, e as apropriações e releituras sofridas pela obra ao longo dos anos a atualizam para as novas gerações, vide, as novas edições e as adaptações cinematográficas de *As Crônicas de Nárnia*, o que qualifica a obra como um clássico não só dentro do espectro da literatura infantil britânica, mas da literatura do século XX de um modo geral.

Ainda se torna necessário pontuar que por mais que Nárnia possa ser entendida como um clássico literário, há ainda uma certa resistência em assumí-la como objeto de investigação acadêmica, uma vez ser ela entendida como uma obra de massa ou popular, ou em outras palavras um *best-seller*. A terminologia carrega assim o preconceito de não ser em si, uma, literatura dotada de qualidade literária, sendo, frequentemente tratada por seus críticos como uma literatura de pouco valor:<sup>3</sup>

Se tantas pessoas os compram e os leem são porque julgam que são produções literárias de alto valor, ou porque se divertem e se emocionam ao lê-los, Entretanto como você já deve saber, a opinião de professores e intelectuais sobre eles não é das melhores. Quando se trata dos melhores livros do século, o erudito esforça-se para lê-los e, sobretudo, para ter o que dizer sobre eles, pois isso é sinal de distinção e os

<sup>1</sup> (CF: Carta de CS Lewis Narnia é vendida por £ 9.800 em leilão. BBC, Wiltshire, 13 de setembro 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-wiltshire-45506040>. Acesso em 06/02/2021.)

<sup>2</sup>DURIEZ, Colin. Manual prático de Nárnia. Trad. Celso Roberto Paschoa. Osasco, São Paulo: Novo Século Editora, 2005, p.11.

<sup>3</sup> BOTO, Karolinne de Santana; BRAZ, Márcia Ivo. Práticas de incentivo à leitura para o público adolescente: um estudo sobre os best-sellers infanto-juvenis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. Anais eletrônicos...Fortaleza: CBBD, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/878/838>. Acesso, 19/01/2021.

coloca no topo da intelectualidade. Quando se trata de best-sellers, ocorre justamente o inverso: dizem galhardamente, que, não leram e que mesmo assim, não gostam.<sup>4</sup>

Seu autor, C. S. Lewis foi um especialista em Língua e Literatura Inglesa e um notável professor e crítico literário. Além de ter sido titular da cadeira de Literatura Medieval e Renascentista da Universidade de Cambridge, também foi indicado para a Academia Britânica em 1955, o que consistia na marca suprema de distinção para qualquer membro das Ciências Humanas.

Entretanto, C. S. Lewis não ganhou notoriedade apenas por seus méritos acadêmicos e literários. Em sua fase adulta, abandona o ateísmo e se converte ao cristianismo tornando-se um apologista cristão. Seu intuito, a partir daí, passou a ser mostrar sua visão do poder intelectual e imaginativo da fé cristã, que ele considerava racional e irresistível. Muitas vezes, inclusive, utilizou-se da ficção para que seus leitores acessassem suas ideias filosóficas e teológicas. Sua obra *Cristianismo Puro e Simples* é apontada por um historiador das religiões como Alister McGrath como uma das obras teológicas mais influentes do século XX.<sup>5</sup>

O interesse pela vida de Lewis e sua literatura cresceram exponencialmente a partir da década de 1970, quando os direitos sobre suas obras foram adquiridos pela William Collins & Sons. A editora em parceria com Walter Hooper, último secretário de Lewis, publicou vários ensaios de Lewis que ainda não tinham sido publicados e que Hooper tinha acesso. Isso trouxe uma nova perspectiva acerca dos ideais do autor.<sup>6</sup>

Walter, também editou e publicou, entre 2000 e 2006, três mil e quinhentas correspondências de Lewis. Essas novas fontes possibilitaram novas perspectivas acerca do autor e alavancaram os estudos sobre ele e suas obras, resultando em análises literárias, novas biografias entre outros textos.

Além da reflexão teológica, Lewis possui uma gama de escritos sobre os mais diversos assuntos, passando por críticas à educação inglesa e ao seu modo de ensinar, como em *Abolição do homem*. Também possui escritos acerca das maneiras que o leitor deve ler uma obra que são encontrados em dois livros seus: *Um experimento em crítica literária*<sup>7</sup>, *Como cultivar uma vida de leitura*<sup>8</sup> ambas traduzidas e publicadas pela Thomas Nelson Brasil.

<sup>4</sup> ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006, p.18.

<sup>5</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.13.

<sup>6</sup> Ibid., p.379.

<sup>7</sup> LEWIS, C. S. (1961) - Um experimento em crítica literária. Trad. Carlos Caldas, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

<sup>8</sup> LEWIS, C. S. (1961) – Como cultivar uma vida de leitura. Trad. Elissamai Bauleo et all, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.



Entre os estudos dedicados à vida e à obra de Lewis destacam-se os seguintes: *C. S. Lewis – do ateísmo às terras de Nárnia*,<sup>9</sup> do já mencionado Alister McGrath e que se tornou uma referência biográfica importante para os estudos sobre Lewis; *C. S. Lewis – além do universo mágico de Nárnia*<sup>10</sup> organizado por Robert MacSwain e Michael Ward, onde especialistas de vários centros de pesquisas de referência se debruçaram para analisar os diferentes escritos do autor com vistas à elaboração de uma síntese do pensamento de Lewis a partir de diversos campos de conhecimento; e por último, mas, não menos importante o trabalho do professor de Harvard, Armand M. Nicholi intitulado *Deus em questão – C. S. Lewis e Freud*<sup>11</sup> que se propõe a analisar as diferentes maneiras que ambos tinham de se relacionar com o mundo, a partir do cristianismo e do ateísmo, respectivamente.

Nota se, que ao listar essas obras, encontramos estudos de caráter biográfico, focados em uma análise literária e relacionados a campos como a psicanálise e filosofia. Porém ainda se encontra em escassez estudos que se proponham a analisar Lewis sob uma ótica mais propriamente histórica, centrando esforços em discussões ligadas às transformações que atravessam a autoria e sua obra ao longo do tempo. É o que buscaremos fazer aqui.

Minha trajetória com Lewis e a pesquisa em História data de 2014. Na ocasião foi aberta a Confraria C. S. Lewis no interior da Universidade Federal de Jataí (UFJ). A iniciativa da formação da Confraria partiu de três alunos do curso de Direito que, após vários encontros onde discutiam sobre teologia, direito e a relação entre Cristianismo e universidade, decidiram abrir a Confraria enquanto um grupo aberto a todos os cristãos e não cristãos da UFJ.

Nesse período, eu fazia graduação em História na UFJ e também participava da referida confraria. Chegada a época de escrita da monografia, a figura de C. S. Lewis me pareceu interessante, pois já havia por mim uma suspeita de que a série de livros *As Crônicas de Nárnia* se constituía em uma alegoria cristã escrita pelo autor. Assim, ao conversar com minha orientadora na época, a professora doutora Iara Toscano Correia, traçamos dois objetivos principais para a monografia: analisar as representações cristãs em *As Crônicas de Nárnia*, relacionando-as com as passagens do texto bíblico e, buscando através dos estudos biográficos, refletir se Lewis construiu ou não tais representações. Por fim, o trabalho final buscou descrever o processo de construção de Nárnia a partir dos estudos biográficos ligados ao autor.

---

<sup>9</sup> MCGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

<sup>10</sup> JACOBS, Alan. *As Crônicas de Nárnia*. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael. *C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015.

<sup>11</sup> NICHOLI, A. M. *Deus em questão: C. S. Lewis e Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2005.

A pesquisa me capacitou acumular um corpus bibliográfico amplo acerca de Lewis e de sua obra, o que me possibilitou redigir um projeto de mestrado que ainda tinha o cuidado de dar a devida importância para C. S. Lewis como escritor. Porém, a pesquisa direcionou-se, a partir das indicações de leituras obtidas durante as reuniões de orientação e as disciplinas cursadas no PPGH-UFG, para uma investigação sobre o processo de produção das *Crônicas*, tomando-a como objeto que coloca em questão temas ligados à autoria, a partir da ideia da escrita de si e dos estudos autobiográficos; aos processos de publicação da obra, a partir do estudo da edição, das relações entre imagem e texto e das práticas de leitura; e, à sua recepção e seus protocolos de leitura junto ao público.

A dissertação que será apresentada se divide em três capítulos. O primeiro dialoga com aquilo que consideramos como a “construção histórica do lugar social do autor”. Assim como vários intelectuais, Lewis foi atravessado pelas tragédias e mudanças de pensamento que circundaram o século XX. Sua participação nas trincheiras que marcaram a Primeira Guerra, bem como sua contribuição atuante como comunicador na Segunda, não só transformaram seu pensamento acerca da maneira de ver o mundo, como também ajudaram a teorizar uma teologia sobre problemáticas como: maldade, Deus, cristianismo autêntico, e o lugar do homem em relação à sua finitude temporal. Não menos importante influenciou diretamente na maneira como Lewis construiria seus livros imaginativos carregados de discursos moralizantes, alegorias ao cristianismo e de uma mensagem redentora de pós vida.

Sendo assim o início do primeiro capítulo tem o intuito de apresentar o autor a partir da autoimagem que ele constrói de si, valendo-nos de uma análise da sua autobiografia intitulada *Surpreendido pela Alegria*. Sabendo que toda autobiografia é também uma construção literária que busca construir uma narrativa lógica, dialogamos com Philippe Lejeune<sup>12</sup> para refletir sobre os mecanismos que orientam o funcionamento do compromisso entre autor e leitor quando se escreve uma autobiografia debatendo aspectos como intencionalidade de verdade e a possibilidade da mesma. Autores como Pierre Bourdieu<sup>13</sup> e Contardo Calligaris<sup>14</sup>, por sua vez, permitem elaborar reflexões acerca da intencionalidade da obra biográfica e seu direcionamento a leitores específicos. Philippe Artières, por sua vez busca demonstrar como o arquivamento da vida, no fim das contas, vai muito além do exercício autobiográfico, e se constitui numa

---

<sup>12</sup> O presente artigo de Lejeune por ter sido escrito em várias épocas diferentes, contextualizamos que utilizaremos o presente na obra *O pacto Autobiográfico – De Rousseau à Internet*, Belo Horizonte: UFMG, 2008.

<sup>13</sup> BORDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. IN; Usos & abusos da história oral./Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. –RJ: Editora da FGV, 1996.

<sup>14</sup> CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: Estudos Históricas, no 21, 1998.

característica do sujeito moderno, sendo este, alguém que guarda e preserva documentos e ignora e joga fora outros, assim numa construção documental de si.

A escolha por iniciar uma análise de Lewis a partir de uma reflexão crítica sobre a sua autobiografia se deve ao fato de ter sido possível identificar a importância que Lewis dedica à sua autobiografia. Por meio dela, o autor estabelece, etapas da sua vida que teriam sido fundamentais para chegar à sua condição de escritor, sem perder de vista sua relação com o cristianismo.

Feita a “compreensão” da leitura que Lewis realizou de si, nosso interesse avança rumo aos contextos históricos no qual esse sujeito foi construído, na medida em que sua autobiografia tem ligação direta com todo o ambiente britânico do qual ele fez parte. As grandes guerras, a era atômica e a política de bem-estar social do pós-guerra ecoaram em Lewis, e cabe discutir como nosso autor se relacionava com tais marcos históricos através da sua trajetória.

No capítulo 2, nosso primeiro objetivo é trazer uma apresentação da obra, fazendo um breve resumo do que ele se trata e a contextualizando com a tradição literária da fantasia do qual ela é uma representante, situando também o que é, para autores influentes desse gênero como Lewis e Tolkien a literatura da fantasia.

Além disso, pretendemos apontar como é perceptível em Nárnia, influências de outras obras literárias que fogem do espectro literatura da fantasia ou infantil, como, por exemplo, os escritos de Platão e Aristóteles, a *Odisseia* de Homero e a Bíblia. Deste modo por entendermos *As Crônicas de Nárnia* como uma obra que é construída a partir da comunicação com várias obras e autores, o conceito de “intertexto”, desenvolvido pela crítica literária Julia Kristeva<sup>15</sup> a partir dos seus estudos da teoria bakhtiniana, nos ajudarão a compreender como isso de fato ocorre em Nárnia.

Feito isso, aprofundaremos ao estudo dos discursos que são perceptíveis em Nárnia, mas que em teoria não têm por objetivo soar como o discurso principal. Nesse sentido abordaremos o discurso religioso da obra, a filosofia clássica que Lewis tenta imprimir, as questões acerca de um possível eurocentrismo e racismo dentro da obra, finalizando nas discussões sobre gênero em Nárnia e o lugar dos animais na narrativa, abordando as principais críticas a alguns desses discursos e as defesas daqueles que enxergam um equívoco em tais críticas.

Por fim, atentaremos para a questão das ilustrações em Nárnia, e de como essas se comunicam com o leitor e mudam ou não a estrutura de entendimento da história. Entendendo

---

<sup>15</sup> KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

a ilustração como uma língua autônoma que não se constitui mais como uma língua inferior ao texto.

No último capítulo desta dissertação, temos como objetivo apontar os aspectos relacionados as maneiras que Lewis gostaria que sua obra fosse lida, e em contraponto com isso, identificar a partir das respostas das cartas do autor aos seus leitores, se essa maneira realmente ocorreu. Diante disso, é necessário um debate acerca dos processos de recepção. Nesse sentido as contribuições de teóricos como: Roger Chartier e Umberto Eco estudiosos da estética da recepção, nos darão perspectivas teóricas diferentes do tratamento da recepção e como esses constitui em um processo determinante tanto para a construção da obra, que a partir da intercurso entre autor/leitor vai se modificando, como também para a constituição de novas leituras e interpretações que fogem a mão do escritor, que perde seu sentido como único criador da obra, mas ao mesmo tempo sem perder seu status como mente criadora para a maioria do seu público.

Para análise epistolar, os trabalhos das historiadoras Angela de Castro Gomes e Fabiana de Souza Fredrigo nos servirão de aporte teórico para o estudo dessas fontes históricas. Discutiremos as respostas de Lewis aos seus leitores, pontuando, quais eram os assuntos em Nárnia que mais interessavam seus leitores. De modo que, por meio de uma análise da documentação das décadas de 1950 e 1960 sobre as leituras possíveis que os primeiros leitores de Nárnia tiveram da obra, poderemos chegar à conclusão final dessa dissertação.

A partir das leituras já feitas temos como a hipótese que ao fim dessa dissertação, tais cartas nos apontaram para dois tipos de leituras principais: uma de caráter religioso e repleta de simbolismos e uma que em um primeiro momento, é a que define Nárnia, ou seja uma obra cavaleirística infantil.

Para cumprir todos esses objetivos utilizaremos três edições como fontes primárias: a edição publicada pela Harper Collins em homenagem à morte da desenhista da arte de Nárnia, Pauline Baynes e que teve por parte da editora o intuito de fazer um fac-símile da primeira edição. Além dela, a edição em 7 volumes da editora WMF Martins Fontes, que contém a mesma arte original dos desenhos da primeira edição com exceção da capa; e pôr fim a edição em volume único também da WMF Martins fontes sendo essa das três, a de caráter mais popular e a mais utilizada em pesquisas referentes a Nárnia.

Nossa escolha por essas edições se deu em grande medida, por conta da pandemia, na medida em que fiquei impossibilitado de realizar uma viagem para acessar a documentação primária ligada a Lewis e à coleção *As Crônicas de Nárnia*. Dessa forma, tais edições são

suficientes para abranger o tipo de problemática que buscamos enfrentar, analisando materialidade, as imagens do texto e o próprio texto em si.

Apesar de possuírem aspectos materiais diferentes, nas três edições, o escrito das duas edições em português se mantém igual, o que torna os nomes dos personagens fixos de uma edição para outra. Além disso, optamos por utilizar os nomes traduzidos para o português, ao invés do original em inglês, seguindo a bibliografia e de modo a estabelecer diálogo com o público brasileiro interessado em estudos críticos sobre as *Crônicas de Nárnia*. As cartas foram traduzidas por mim, e nelas, também adotamos os nomes dos personagens em português.

Tais cartas foram encontradas nas obras *C. S. Lewis, Letters to Children* da editora TouchStone e *Cartas de C. S. Lewis* da editora Harper Collins Brasil, e traduzidas quando havia necessidade.

Vale salientar o método utilizado pelas editoras de *Letters to Children*, obra que retiramos a maioria das cartas, Lile W. Dorsett e Marjorie Lamp Mead. Segundo as mesmas, foram escolhidas cartas que tratavam acerca de Nárnia com o autor, mas que por vezes aprofundava em algum diálogo de caráter pessoal. Pelo número elevado de correspondências dessas crianças com Lewis, as editoras tentaram selecionar cartas que representassem uma amostra geral da relação das crianças com o autor.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.7.

## CAPITULO 1 – A CONSTRUÇÃO DE UM TRAJETO – AUTOBIOGRAFIA DE LEWIS COMO UMA “PRODUÇÃO DE SI”.

Em 1955, Lewis já era um autor consagrado de renome mundial, um apologeta e teólogo entre os mais influentes da sua geração, e ocupante da cadeira de inglês medieval e renascentista da Universidade de Cambridge cargo que ocuparia até se aposentar. Com inúmeros livros, artigos publicados, lhe veio o anseio de contar sua própria história, segundo o mesmo por dois motivos: “Este livro foi escrito em parte como resposta a pedidos de que eu contasse como passei do ateísmo ao cristianismo, e em parte para corrigir uma ou duas ideias falsas que aparecem por aí sobre mim.”<sup>17</sup>

Essa frase constituída no prefácio evidencia claramente uma das características dos escritos autobiográficos, ou seja, a intenção de Lewis em corrigir alguns aspectos da sua imagem e construir uma nova interpretação pública acerca de si, fazendo assim o ato de arquivar a própria vida que sobrevive como documento ao tempo e à morte.<sup>18</sup>

Entretanto o que define o gênero autobiográfico? E entre tantos de tipos de biografia em qual *Surpreendido pela Alegria* se enquadra?

Historicamente é difícil definirmos de maneira precisa o início da autobiografia, mas partiremos da datação tomada por Philippe Lejeune. Para o especialista em autobiografia, o entendimento que temos de autobiografia no sentido de contar através dos textos a vida de alguém só faz sentido a partir de 1770 e de uma literatura europeia. Lejeune entretanto pondera que é possível que se tenha uma literatura pessoal antes desse período e fora da Europa, mas ao relacioná-las a maneira que pensamos a autobiografia hoje, elas se tornam anacrônicas ou fora de contexto.<sup>19</sup>

Nesse sentido Contardo Calligaris, demonstra que se abríssemos o leque de possibilidades do que pode ser tido como autobiografia, o termo teria uma trajetória muito mais antiga e diversa que o fim do século XVIII. Os diários íntimos, os diários de anotações e as memórias poderiam também ser consideradas autobiografias, mas mesmo mediante a isso, o autor concorda com Lejeune que a autobiografia como entendemos hoje, surge quando para cada um em nossa cultura se constrói uma ideia de experiência global na narração orientada da história de uma vida. Para além disso o próprio termo autobiografia sendo extremamente recente datado

---

<sup>17</sup> LEWIS, C. S. *Surpreendido pela alegria*. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.9

<sup>18</sup> ARTIÈRE, P. *Arquivar a própria vida*. Estudos históricos: arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, 1998, p.32.

<sup>19</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rosseaus a Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p.13, 14.

do fim do século XVIII e estabelecendo no início do século XIX, nos dá dicas de que os escritos anteriores por mais que se assemelham a autobiografia não se constituem para nós como tal.<sup>20</sup>

Em relação a sua construção entendemos o gênero literário autobiográfico a partir da definição de Philippe Lejeune que a considera, uma narrativa retrospectiva que uma pessoa real faz da sua própria existência, focalizando em sua história particular, tendo esse tipo de escrita alguns elementos marcantes, como por exemplo: ser uma narrativa ou prosa e conter uma posição específica do narrador da narrativa, que por vezes se identifica como personagem principal, por vezes não.<sup>21</sup>

Se tem por característica da autobiografia uma abordagem acerca da vida individual do sujeito, uma busca pela gênese da sua personalidade.<sup>22</sup> O problema é que esse processo ocorre “segundo uma ordem cronológica que também uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo.”<sup>23</sup> Deste modo o relato autobiográfico tem em si uma preocupação em dar sentido, em se tornar razoável, construindo uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, e uma constância que permita estabelecer relações entre os estados sucessivos partindo efeito para o final.<sup>24</sup>

Esse tipo de perspectiva é construída a partir da necessidade que nos é imposta mesmo que de maneira imperceptível de arquivar nossa vida de maneira linear. “Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas. O anormal é o sem-papéis. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico.”<sup>25</sup> Em mundo social que tende a normalizar a identidade como constância em si mesmo de um ser responsável, inteligível a maneira de uma história bem construída dispõe de todo tipo de instituições de totalização e unificação do eu.

Nesse sentido, o nome próprio se constitui no maior símbolo de um ponto fixo em um mundo em constante movimento. Essa forma singular de nomeação garante a identidade do

---

<sup>20</sup> CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: Estudos Históricas, no 21, 1998 (1), p.46, 47 e 48.

<sup>21</sup> LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rosseaus a Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 14.

<sup>22</sup> Idem., p.15

<sup>23</sup> BORDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. IN; Usos & abusos da história oral./Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. –RJ: Editora da FGV, 1996, p. 184.

<sup>24</sup> Ibid., p.184, 185.

<sup>25</sup> ARTIÈRE, P. Arquivar a própria vida. Estudos históricos: arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, 1998, p.10, 11.

indivíduo em todos os campos possíveis, onde ele intervém como agente, ou seja, em todas as suas histórias de vida possíveis<sup>26</sup>:

[...] o nome próprio é o suporte (somos tentados a dizer a substância) daquilo que chamamos de *estado civil*, isto é, desse conjunto de propriedades (nacionalidade, sexo, idade etc.) ligadas a pessoas às quais a lei civil associa efeitos jurídicos e que *instituem*, sob a aparência de constatá-las, as certidões de estado civil. Produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso à existência social, ele é o verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nomeação através dos quais é construída a identidade social: essas certidões (em geral públicas e solenes) de *atribuição*, produzidas sob o controle e com a garantia do Estado, também são designações rígidas, isto é, válidas para todos os mundos possíveis, que desenvolvem uma verdadeira *descrição oficial* dessa espécie de essência social, transcendente às flutuações históricas, que a ordem social institui através do nome próprio; de fato, todas repousam sobre o postulado da constância do nominal que pressupõem todos os atestados de nomeação, bem como, mais genericamente, todos os atestados jurídicos que envolvem um futuro a longo prazo, quer se trate de *certificados* que garantem de forma irreversível uma capacidade (ou uma incapacidade), de contratos que envolvem um futuro longínquo, como os contratos de crédito ou de seguro, quer de sanções penais, toda condenação pressupondo a afirmação da identidade para além do tempo daquele que cometeu o crime e daquele que sofre o castigo.<sup>27</sup>

Todavia como pondera Bourdieu, tentar compreender a vida como uma série única de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo exceto o a constância que os nomes próprios dão aos sujeitos, “é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.”<sup>28</sup> Essa tendência que se há de produzir uma história de vida como uma história, ou um relato coerente com significado e direção se constitui então em uma ilusão retórica que é pautada principalmente a partir de uma tradição literária que reforça uma representação comum da existência.<sup>29</sup>

O fato de aceitarmos essa ilusão remete ao poder da escrita nas sociedades ocidentais a partir do século XVIII sobre o conjunto cotidiano, para o sujeito que pretende existir é preciso inscrever-se estar documentado.<sup>30</sup> Assim, arquivamos as coisas de maneira a termos nossa identidade nominal reconhecida: nossa certidão de nascimento, endereço, passaporte, contas, todos esses documentos remetem a um cuidado em classificarmos nosso papel de agente nas relações ao nosso redor seguindo a coerência de uma norma estabelecida. Deste modo por mais

<sup>26</sup>Ziff, P. *Semantic analysis*. Ithaca, Cornell University Press, 1960. p. 102-4. *apud* BORDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. IN: Usos & abusos da história oral./Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. –RJ: Editora da FGV, 1996, p.186

<sup>27</sup> *Ibid.*, p.186, 187.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 189, 190.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p.185.

<sup>30</sup> ARTIÈRE, P. Arquivar a própria vida. Estudos históricos: arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, 1998, p.12, 14.



que de maneira diferente de um autor que se propõe a escrever uma autobiografia, vários documentos cotidianos possuem de maneira resumida aspectos autobiográficos, como por exemplo o curriculum que traça uma trajetória ligada as qualificações e as experiências que um indivíduo construiu dentro da “sua” temporalidade. “É preciso, portanto, classificar esses papéis, organizá-los em dossiês nos quais será mencionado o seu grau de importância, a sua origem, a sua função, a sua data de produção.”<sup>31</sup>

Feito esse pequeno apanhado acerca do gênero voltamos ao prefácio escrito por Lewis o que evidencia facilmente como o autor realmente está convicto da ideia de que as experiências da adolescência e juventude estavam diretamente ligadas ao seu processo de conversão anos depois, e demonstra também apreço por autobiografias onde as explicações futuras pairam em elementos dos primeiros anos do indivíduo:

Nos primeiros capítulos, o leque de informações tem de se abrir bastante para que, quando da chegada da crise explicitamente espiritual, o leitor possa entender que tipo de pessoa foi moldada pela infância e adolescência que vivi [...].  
Pronta a “preparação” restrinjo-me estritamente ao tema principal e omito (por mais importante que seja o fato segundo os parâmetros biográficos tradicionais) tudo o que pareça irrelevante nessa fase. Não creio que muito se perca com isso; jamais li uma autobiografia em que os trechos dedicados aos primeiros anos não fossem os mais interessantes.<sup>32</sup>

Veja como no trecho escrito pelo autor diversos elementos acerca da prática autobiografia que mencionamos podem ser observados: a escolha de uma temática, a omissão admitida pelo autor de alguns elementos e por fim o vislumbre que os ocorridos iniciais da vida ou melhor dizendo o ponto inicial se desenrola se concretizando em algo. Nesse sentido a definição de A. O. J. Cockshut (1984) do que é um autobiógrafo na modernidade é a que mais nos agrada definindo como aquele à que responde pergunta: "Como cheguei a ser o que sou?" De modo semelhante Quincey ou Ruskin abrem mais uma maneira de pensar a autobiografia, como se preparassem a proposta inicial freudiana: conte-me sua infância que saberemos quem você é.<sup>33</sup>

<sup>31</sup> ARTIÈRE, P. Arquivar a própria vida. Estudos históricos: arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, 1998, p.14.

<sup>32</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.9, 10.

<sup>33</sup> COCKSHUT, A. O. J. 1984. The art of autobiography in 19th & 20th Century England. New Haven, Yale University Press *apud* CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: Estudos Históricos, no 21, 1998 (1), p. 52

Lewis nasceu em 29 de novembro de 1898 dentro da esfera de conflitos e ressentimento que historicamente culminaria no que foi conhecido como *The Troubles*<sup>34</sup>. O clima de rancor era particularmente intenso nas regiões ao norte onde no século XII os monarcas britânicos tinham tomado as terras dos condes irlandeses e estimulado a ida de colonos ingleses e escoceses protestantes. Sendo a Irlanda um país majoritariamente católico, esses reclamavam as terras que por direito eram suas, e da condição de cidadãos de segunda classe por conta dos códigos legais discriminatórios.<sup>35</sup>

Seu pai, Albert James Lewis, era um advogado bem-sucedido de Belfast, protestante tanto politicamente quanto em relação a religião e fervoroso na defesa dos interesses protestantes. Já sua mãe Flora Augusta Lewis, também protestante não parecia ser tão devotada em suas posições sobre o conflito, contratando por diversas vezes funcionários católicos para trabalhar em sua residência. Mediante a essa esfera é de se pensar que Lewis cresceria com um interesse crescente por política, mas nas suas inúmeras cartas e diários escritos na adolescência e na fase adulta Lewis “refere-se livremente a todo tipo de literatura, bem como a artes plásticas, música, filosofia, mitos e lendas, psicologia, mesmo a física subatômica”, mas não menciona eventos politicamente relevantes para Irlanda como o *Home Rule*<sup>36</sup>, ou a criação do Estado Livre Irlandês.<sup>37</sup>

A falta de preocupação de Lewis acerca das questões políticas pode ser notada em *Surpreendido pela Alegria*, por ele não mencionar nenhum desses sentimentos políticos começando diretamente com a descrição dos seus pais. Descrevendo sua família como inteligente e letrada, situa sua mãe academicamente como uma bacharel de matemática, leitora voraz de Merediths e Tolstois, e a pessoa que o encaminhou na leitura do francês e do latim e seu pai como um leitor de poemas e admirador da retórica e de autores como Dickens e que tinha uma “presença marcante, voz poderosa, rapidez de raciocínio e boa memória” que com certeza o faria ter sucesso na política senão lhe faltasse dinheiro quando mais jovem. Para Lewis, enquanto sua mãe vinha de uma família com talento para a felicidade e com um perfil mais frio, seu pai era de uma família galesa de gente sentimental, passional e falante. Esse

---

<sup>34</sup> Conflitos que abalaram a política da Irlanda do Norte entre 1969 até 2007 (Cf: ALMEIDA, D, V. O legado dos passados dolorosos: como são ensinados os *The Troubles* aos jovens na Irlanda do Norte? Tese de doutorado – Universidade do Porto. 2019, p.47

<sup>35</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.25.

<sup>36</sup> Movimento em busca de garantir a autonomia interna da Irlanda dentro do Império Britânico. DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.26,27.

contraste entre as famílias era visível tanto na mãe com afeição alegre e tranquila e também no seu pai que tinha altos e baixos na sua vida emocional.<sup>38</sup>

Mesmo com a influência literária dos pais, Lewis, cita ambos como distantes da literatura que ele passou a se dedicar a partir do momento que pode escolher o que gostaria de ler. Na sua biografia ele cita: “ nenhum deles jamais havia ouvido as trombetas das terras dos elfos [...], se sou romântico meus pais não tiveram nenhuma responsabilidade sobre isso.”<sup>39</sup>

Por fim e não menos importante a família Lewis também era composta por Warren Hamilton Lewis, irmão mais velho de C. S. e que ele retrata como uma *benção*, além de seu primeiro companheiro de construção de histórias. Sobre isso Lewis diz: “Ele desenhava navios, trens e batalhas; eu, quando não imitava os desenhos do meu irmão, desenhava aquilo que nós dois chamávamos de “animais vestidos” – os bichos antropomórficos da literatura infantil.”<sup>40</sup>

Lewis ao mesmo tempo que elogia sua articulação na construção das histórias para uma criança de seis anos, também critica o fato de que a beleza estética dos seus desenhos e os do seu irmão eram distantes das formas naturais. Partindo disso o autor diz que suas experiências sobre a “beleza” desde de muito cedo traziam para ele uma ideia romântica dela e não estética. Sobre isso, Lewis em sua biografia cita um relato importante:

Certa vez, naqueles dias mais remotos, meu irmão levou para o nosso quarto a tampa de uma lata de biscoitos que ele havia coberto de musgo e decorado com galinhos e flores para fazer dela um jardim de brinquedo, ou uma floresta de brinquedo. Foi o primeiro contato que tive com a beleza. O que o jardim de verdade não conseguira fazer, fizera o jardim de brinquedo: tomei consciência da natureza – de fato não como um celeiro de formas e cores, mas como algo frio, úmido, fresco, exuberante [...]. Enquanto eu viver, a imagem do Paraíso terá algo do jardim de brinquedo do meu irmão.<sup>41</sup>

Essas experiências com o irmão tiveram uma significância expressiva para o autor, que através dela, teve o primeiro contato com o que ele chamou de beleza e que mais tarde será intitulado como sensação de “Borealidade” ou “Alegria” e circulara grande parte das obras do autor por toda sua vida.

É relevante observar na narrativa a autobiografia de Lewis, que a identidade “narrador-personagem” que é na maior parte das vezes marcada pela utilização da primeira pessoa, chamada de autodiegética é usada por ele frequentemente.<sup>42</sup> Logo no início da trama Lewis por

<sup>38</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.12.

<sup>39</sup> Ibid., p.13

<sup>40</sup> Ibid., p.13

<sup>41</sup> Ibid., p.14

<sup>42</sup> LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rosseaus a Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p.16

várias vezes se coloca como indivíduo principal da história a utilizar “eu” a todo momento como podemos perceber nos trechos acima.

Entretanto antes mesmo de uma articulação entre primeira pessoa e discurso, o que se tem é uma articulação entre discurso e autor, o que significa dizer que todas as vezes que lemos na autobiografia a palavra “eu”, ela remetera para uma mesmo lugar, no caso da obra estudada: C. S. Lewis. Essa importância do nome próprio que por vezes aparece apenas uma vez durante a obra, seja na capa do livro, em uma folha de rosto ou abaixo do título se dá pela ligação a uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real a enunciação de todo o texto escrito, ou seja, de uma pessoa cuja a existência é atestada pelo registro em cartório e verificável.<sup>43</sup> Embora as memórias possam ser tidos como “discursos que mobilizam sinceridade como valor de verdade, não podem por isso, ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas.”<sup>44</sup>

Deste modo é característico que na autobiografia como apontado acima se tenha uma identidade entre o autor, aquele que narra, e a pessoa do qual se conta a história. Philippe Lejeune chamara isso de “Pacto Autobiográfico” e será esse compromisso feito pelo autor com seu leitor através ou da exposição de que ele é o personagem da trama ou do uso da primeira pessoa, ou de sua assinatura durante o texto que diferenciara a autobiografia do romance autobiográfico.<sup>45</sup>

Em 1905, com a boa condição financeira de Albert a família Lewis se muda para uma casa bem maior em Little Lea<sup>46</sup> que Lewis descreve como parecendo uma cidade inteira para uma criança e que marca a trajetória do autor por dois elementos: o arcabouço gigantesco de livros que seu pai proporcionara para que ele usasse, o que aguçou seu interesse literário e sua falta de destreza com as mãos derivadas de um problema genético herdado do seu pai que o impossibilitava de ter habilidade com ferramentas, forçando a começar a escrever e criar suas histórias.<sup>47</sup> Sobre isso o autor diz:

A Casa Nova é praticamente um personagem de relevo na minha história. Sou um produto de longos corredores, cômodos vazios e banhados pelo sol, silêncios no piso superior, sótãos explorados em solidão, ruídos distantes de caixas-d’água e tubos

<sup>43</sup> LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rosseaus a Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 22, 23.

<sup>44</sup> GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro. (Org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.22

<sup>45</sup> Op cit., p.26.

<sup>46</sup> A “Leeborough House” – na Circular Road em Strandtown, mais conhecida informalmente como “Little Lea” ou “Leaboro”. (CF MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.34.

<sup>47</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.16,18.

murmurantes, e o barulho do vento sob as telhas. Além disso, de livros infindáveis. (...) Havia livros no escritório, livros na sala de estar, livros no guarda-roupa, livros (duas fileiras) na grande estante ao pé da escada, livros num dos quartos, livros empilhados até a altura do meu ombro no sótão da caixa-d'água, livros de todos os tipos, que refletiam cada efêmero estágio dos interesses dos meus pais – legíveis ou não, uns apropriados para crianças e outros absolutamente não.

Ali escrevi - e ilustrei - minhas primeiras histórias com enorme satisfação. Havia uma tentativa de combinar meus dois principais prazeres literários-- “animais vestidos” e “cavaleiros em armaduras.” Como consequência, escrevi sobre ratos cavaleiros e coelhos que cavalgavam em cota de malhar para matar não gigantes, mas gatos.

A Terra dos bichos que entrava em ação nos feriados em que meu irmão estava em casa era uma terra dos bichos moderna; precisava ter trens e navios a vapor para ser um país que eu pudesse compartilhar com ele. Como consequência lógica, a Terra dos Bichos medieval no qual eu desenvolvia minhas histórias tinha de ser o mesmo país num período anterior; e é claro, os dois períodos deveriam estar ligados apropriadamente. [...] - a terra dos bichos e a Índia - eram cada vez mais habitadas de personagens consistentes (LEWIS, 2015, p 17,19).<sup>48</sup>

Segundo o historiador Alister McGrath, os livros liberalmente espalhados pela casa, incluíam obras sobre histórias de amor e mitologia o que abria janelas para a imaginação do jovem Lewis e o faziam companhia nos dias chuvosos vagando livremente pelas paisagens literárias imaginadas.<sup>49</sup>

Entre os diversos livros que Lewis leu durante sua infância, a trilogia de Edith. Nesbit<sup>50</sup>: *Cinco crianças e um segredo* (1902), *A Fênix e o tapete* (1904) e *A história do amuleto* (1906), foram os mais marcantes. Segundo ele próprio, em suas memórias, *A história do amuleto* poderia ainda ser relida com prazer mesmo estando adulto.<sup>51</sup>

A narrativa de Nesbit na trilogia é construída a partir da narrativa de cinco crianças que deixaram suas casas e acabaram encontrando criaturas estranhas e fantásticas em sua aventura. Encontrando-se com novos e misteriosos mundos. Outras narrativas da autora tinham por característica a transição entre um mundo do cotidiano para um mundo mágico e encantado tal como é possível observar na sua obra *O castelo encantado*.<sup>52</sup>

<sup>48</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.17,19

<sup>49</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.34

<sup>50</sup> A autora Edith Nesbit, juntamente com Rudyard Kipling e Beatrix Potter, estão entre os principais autores da primeira metade do século XX que se dedicavam a escrita de livros para crianças na Grã-Bretanhã. Os livros da escritora tinham um caráter nostálgico que recorria aos áureos tempos da sua infância vitoriana, mas sem deixar de trazer temáticas sociais, econômicas e políticas que traziam a indagação sobre até que ponto uma literatura para crianças e jovens daquele período reafirmava uma infância sacralizada que não conhecia os males da sociedade como: a desestrutura familiar, a falta de dinheiro, o sexo e a morte. (CF: TAVARES, Fabiana. Quase como antes: (a desconstrução das representações de infância da classe trabalhadora na literatura infantil e juvenil. São Paulo: USP, 2014, p.131.

<sup>51</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.20.

<sup>52</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.285.

A influência das histórias da autora e do seu modo de escrever sobre Lewis, são assumidas por ele em uma carta escrita ao seu amigo Chad Walsh no verão de 1948, onde ele relata que ele estava terminando um livro infantil que havia começado a escrever no estilo de Edith Nesbit.<sup>53</sup> O livro no caso era, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* o primeiro livro que compunha *As Crônicas de Nárnia*.

Para alguns estudiosos do autor como Alister McGrath há uma dívida de Lewis para com Nesbit. Para ele, mais do que um conceito, ou um estilo, Lewis importou também a ideia de sua estória de um conto de Nesbit chamado *A tia e Amabel*, onde a protagonista encontra um enorme guarda-roupa que contem dentro uma estação ferroviária, onde ela poderia partir para outros mundos. Semelhantemente em Nárnia, o objeto de transporte entre os mundos *reais* e os mágicos é justamente um guarda-roupa.<sup>54</sup>

Outro aspecto importante foram os arredores De Little Lea de onde era possível ver as distantes colinas de Castlereagh que pareciam conversar com ele sobre algo de importância porem inalcançável. As colinas eram para Lewis, distantes objetos de desejo e sobre isso Lewis diz que antes dos seus 6 anos de idade já se considerava um devoto da Flor Azul – o símbolo de “Sehnsucht” ou anseio inconsolável na literatura romântica alemã e nas baladas escandinavas.<sup>55</sup>

Lewis considera o período entre seis e oito anos de idade a época em que ele vivia quase que inteiramente na sua imaginação e coloca a experiência imaginativa desse período mais importante do que qualquer outra coisa, segundo o autor a partir da Terra dos Bichos ele treinava para ser um romancista.<sup>56</sup>

O período de recordações um tanto quanto positivas e seguras para Lewis dura até seus nove anos quando a morte do seu avô paterno e a descoberta de um câncer em sua mãe traz seus primeiros relatos pessoais acerca de situações dolorosas. Lewis relata lembrar dos sons e cheiros e das pessoas saindo e entrando no quarto da sua mãe enquanto ela era operada ali, algo um tanto quanto peculiar para a época.<sup>57</sup>

Sua mãe não resiste a doença. Essa experiência atinge fortemente Lewis que a relaciona não a uma ideia de pesar, mas sim a uma ideia de terror ao encontrar o corpo da mãe – “Fui

<sup>53</sup> JACOBS, Alan. *As Crônicas de Nárnia*. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael. C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015, p.335.

<sup>54</sup> MCGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.286.

<sup>55</sup> DURIEZ, Colin. *Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade*. Trad: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018, p.88

<sup>56</sup> LEWIS, C. S. *Surpreendido pela alegria*. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.21.

<sup>57</sup> NICHOLI, A. M. *Deus em questão: C. S. Lewis e Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida*. Trad. Gabriele Gregersen. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2005, p.35,36.

levado ao quarto onde minha mãe jazia morta, para “vê-la”, como me disseram; mas na realidade como imediatamente percebi, era para “ver aquilo” [...] o pesar foi superado pelo terror.”<sup>58</sup>

Outro elemento marcante citado pelo autor são suas experiências religiosas. Lewis fazia orações em prol da sua mãe acreditando que desde que elas fossem feitas com fé elas seriam respondidas e a partir do não resultado delas, ele concebe uma análise de suas crenças e a imagem que tinha de Deus:

Acho que a verdade é que a crença à qual eu mesmo me havia induzido era irreligiosa demais para que seu fracasso provocasse qualquer revolução religiosa. Eu havia abordado a Deus, ou minha idéia de Deus, sem amor, sem espanto, até sem temor. Ele deveria, na imagem mental que eu fazia desse milagre, aparecer não como Salvador ou Juiz, mas meramente como mágico; e quando já tivesse feito o que dele se exigia, eu supunha que ele iria simplesmente ... ora, ir embora.<sup>59</sup>

Assim como ocorre com a maioria dos sujeitos, palavras são associadas ao contexto histórico de maneira pessoal. No caso de Lewis há uma distinção entre as palavras “infância” e “meninice”, sendo “infância” o período até a morte da sua mãe, quando como cita o autor - “toda a felicidade serena, tudo o que era tranquilo e confiável desapareceu da minha vida<sup>60</sup>.” Deste modo em suas obras quando o autor utiliza a palavra “infância” ela é tratada como relacionado a algo verdadeiro e positivo. Isso é passível de observação tanto em Nárnia, quanto na sua trilogia cósmica.<sup>61</sup>

Nesse primeiro momento da autobiografia de Lewis, é possível ver como o autor constrói uma narrativa que tem o intuito de ganhar status de naturalidade. A contextualização que ele faz de sua família, seus hábitos infantis, suas experiências, tem um objetivo claro: demonstrar como sua infância foi determinante para todo o desenrolar da sua história pessoal. Esse determinismo presente na escrita autobiográfica tem por intuito construir uma sensação empática por parte do leitor de que as coisas ocorreram como deveriam ocorrer.

Os próximos anos são tratado pelo autor de maneira diferente dos seus anos iniciais, marcados por uma tranquilidade e felicidade, serão considerados por ele como o período mais traumático de sua vida, os considerando como sendo mais brutais do que sua participação nas fronteiras da Primeira Guerra Mundial.

<sup>58</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.24.

<sup>59</sup> Ibid., p.25.

<sup>60</sup> Ibid., p.26.

<sup>61</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.30,31.

## 1.1 As dores e as influências da meninice

Com a morte de Flora em 23 de agosto de 1908, Lewis teria que enfrentar também a separação do seu pai. Albert nunca se recuperaria totalmente da morte da esposa, e sua reação em relação a isso foi se distanciar dos filhos. Sendo visto por Lewis como muito emotivo, o filho associa a imagem do pai a de um homem imprevisível que por vezes repreendia os filhos sem ter ao menos uma razão plausível. Lewis lamentaria que durante aquele tempo Albert quase perderia seus filhos assim como tinha perdido sua esposa, e as relações entre ele e Lewis só voltariam a melhorar depois de duas décadas.<sup>62</sup>

Diante desse cenário, Albert Lewis, decidiu que não estava em condições de cuidar adequadamente dos filhos.<sup>63</sup> O que poderia ter sido uma oportunidade de demonstrar seu afeto paterno, se tornou o oposto após a decisão de mandar Lewis para estudar na Inglaterra, decisão tomada apenas duas semanas após a morte da mãe.<sup>64</sup>

Em setembro de 1908, Lewis foi matriculado na Wynyard School, em Watford, seu irmão entrara na escola em maio de 1905.<sup>65</sup> Possivelmente todo o contexto que o levou a Inglaterra, explica seu sentimento de ódio e repulsa ao território inglês:

Nenhum inglês poderá entender a primeira impressão que tive da Inglaterra. Quando desembarcamos, acho que lá pelas seis horas da manhã seguinte (mas parecia meia-noite), encontrei-me num mundo ao qual reagi com ódio instintivo. As planícies de Lancashire de manhã cedo são na realidade uma visão desanimadora; para mim eram como as margens do Estige. Os estranhos sotaques ingleses pelos quais me via cercado pareciam vozes de demônios [...].

A planície! O sem-fim! Os quilômetros e quilômetros de terra desinteressante, prendendo a gente longe do mar, sufocando! Tudo estava errado: cercas de madeira em vez de muros e cercas de pedra; casas de fazenda de tijolo vermelho, em vez de bangalôs brancos; os campos amplos demais, os montes de feno de formato errado. Bem diz o *Kalevala*<sup>66</sup> que na casa do estranho, o piso é cheio de nós. Depois superei a rixa; mas naquele momento concebi um ódio da Inglaterra que demorei anos para curar.<sup>67</sup>

<sup>62</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.36.

<sup>63</sup> NICHOLI, A. M. Deus em questão: C. S. Lewis e Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida. Trad. Gabriele Greggersen. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2005, p.36.

<sup>64</sup> MCGRATH, Alistar. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.43.

<sup>65</sup> DURIEZ, Colin. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade. Trad: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018, p.27.

<sup>66</sup> Poemas épicos finlandeses.

<sup>67</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.29.



Wynyard era um internato, sem uma estrutura boa, sendo uma casa semigeminada de tijolos amarelos, com uma sala, um dormitório com teto baixo, e uma pia compartilhada por todos os alunos. Não havia biblioteca, laboratório ou quadra esportiva; a enfermaria era também usada como depósito de lenha, e possuía uma área de lazer aberta que possuía mais pedras do que grama.<sup>68</sup>

O internato fora criado por Robert Capron e possuía nove alunos na época de Lewis.<sup>69</sup> Capron que também era professor era um homem arbitrário e sádico, cujos os rotineiros ataques de raiva eram acompanhados de castigos físicos e agressões verbais severas. Seu método de aula consistia em fazer seus alunos decorarem datas e nomes de personalidades importantes da História e da mesma forma decorar nomes de países e capitais em Geografia.<sup>70</sup>

Após um laudo médico que diagnosticou Robert Capron como louco, a instituição acabou indo a decadência em 1910 e fechando suas portas.<sup>71</sup> Lewis odiou de tal modo a experiência de Wynyard que a apelidou em sua biografia de Belsen, referindo-se ao campo nazista alemão. Para além disso, a magoa com Capron fora tão grande, que Lewis levava toda uma vida para perdoá-lo o que confidenciou para uma senhora americana do qual ele trocava correspondências em 6 de julho de 1963 poucos meses antes de falecer:

[...] Sabe, só algumas semanas atrás percebi de repente que finalmente eu tinha perdoado o cruel diretor da escola que tornou tão escuros os dias da minha infância. Tenho tentado fazer isso a anos e, como você, cada vez que eu pensava ter conseguido, descobria, depois de uma semana ou duas, que tinha de tentar tudo de novo. Mas dessa vez tenho certeza de que é a coisa real. E (como acontece quando aprendemos a nadar ou a andar de bicicleta), no momento em que realmente acontece, parece tão fácil que você se pergunta porque não fez antes.<sup>72</sup>

Com o fechamento da Escola, Lewis fora para a Campbell College, mas logo no ano seguinte vai para Cherbourg House,<sup>73</sup> onde foi muito feliz especialmente por conhecer a

---

<sup>68</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.41.

<sup>69</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.47.

<sup>70</sup> Op cit., p. 41.

<sup>71</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.47.

<sup>72</sup> LEWIS, C. S. Cartas a uma senhora americana. Trad. Lenita Esteves, São Paulo: Editora Vida, 2006, p.147. O autor nomeia o colégio de Chartres (Cf LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.70.)

<sup>73</sup> O autor nomeia o colégio de Chartres (Cf LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.70.)

governanta do lugar.<sup>74</sup> Lewis a define como: “uma das pessoas mais altruístas que conheci na vida. Todos<sup>75</sup> nós a amávamos; eu, o órfão especialmente.”<sup>76</sup>

Nesse período o autor também se refere a redescoberta do que ele chamou de “Borealidade” ou “Alegria” que seria a transformação de um panorama gelado e estéril de um ártico que se transforma em algo cheio de vida, com pomares, cantos de pássaros, e águas correntes, semelhante ao que acontece em *O leão, a feiticeira, e o guarda-roupa* a partir da volta de Aslam ou ao aparecimento da primavera. Desde das suas experiências na “infância” Lewis não houvera mais sentido essa sensação. Para o autor sentir novamente essa sensação representava “voltar do exílio e das terras desérticas ao meu próprio país.”<sup>77</sup>

Podemos observar que esse é o mesmo sentimento que ele diz ter sentido na sua experiência com seu irmão em relação ao jardim de brinquedo e que agora repetira de novo e que Lewis aponta como sendo crucial para que sua autobiografia fosse lida: “até que ponto o relato importa a qualquer outra pessoa além de mim depende do grau em que os outros experimentaram aquilo que eu chamo de “alegria”. ”<sup>78</sup>

Apesar do caráter um tanto um quanto metafísico desse sentimento de Lewis, ele coloca esse período como determinante para sua trajetória rumo ao ateísmo e ao materialismo. Quando mais novo aprendera que as orações não podiam ser apenas recitadas, e sim que deveriam ser refletidas a cada palavra. Isso o perturbava fazendo com que repetisse várias vezes a mesma oração antes de dormir e que temesse a hora do sono. Para Lewis o fardo das orações fez com que inconscientemente o desejo de se livrar da religião fosse tido como um alívio.<sup>79</sup>

Somado a isso a leitura de clássicos como Virgílio onde se é possível ver um apanhado de ideias religiosas, e a influência dos seus professores de que essas eram uma completa ilusão, fizeram Lewis refletir em relação ao porque o cristianismo teria a singularidade de entre tantas religiões carregar a única verdade:

[...] a impressão que tive foi de que a religião, em geral, embora totalmente falsa, era um desenvolvimento natural, uma espécie de absurdo endêmico no qual a humanidade tendia a tropeçar. Em meio a um milhar dessas religiões, lá estava a nossa, a milésima primeira, rotulada verdadeira. Mas com base em que eu poderia crer nessa exceção? Ela claramente era num sentido mais geral, o mesmo que todas as outras. Por que

<sup>74</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.51,52.

<sup>75</sup> Alunos da instituição.

<sup>76</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.59.

<sup>77</sup> Ibid., p.70,71.

<sup>78</sup> Ibid., p.9.

<sup>79</sup> Ibid., p.61,62.

então era tratada de modo tão diferente? Será afinal, que eu precisava continuar tratando-a de forma diferente? Desejava ardentemente não ter de fazê-lo.<sup>80</sup>

Lewis admite que igualmente trabalhando contra a sua noção de fé estava seu pessimismo intelectual. Não se considerava pessimista em relação aos seus sentimentos e muito menos infeliz, mas definira intelectualmente que o universo “era no conjunto, uma instituição um tanto lamentável.”<sup>81</sup>

Em 1913, Lewis mais uma vez muda de instituição escolar. Foi estudar no College Malvern,<sup>82</sup> na cidade de Great Malvern. Esta era uma escola fortemente influenciada pela filosofia do atletismo. A estada de Lewis na instituição se tornou um pesadelo para ele. Por conta do seu problema nas mãos, Lewis não conseguia ser habilidoso em nenhum tipo de modalidade esportiva, logo se tornou um aluno perseguido e ridicularizado pelos colegas.

Lewis diria que nunca tinha visto “comunidade tão competitiva, tão cheia de esnobismo e afetação; uma classe dominante tão egoísta e tão convencida [...] ou um proletariado tão servil, tão carente de toda solidariedade e senso de honra corporativa.”<sup>83</sup>

De positivo, havia as idas frequentes de Lewis a biblioteca, buscando consolo nos livros e em sua amizade com seu professor de letras clássicas Harry Wakelyn Smith, que o ajudou a desenvolver o latim e o grego, além de orientá-lo no estudo de análise de poemas.<sup>84</sup> E a escrita de uma peça chamada “Loki Bound uma nova versão do mito nórdico que opunha “a triste sabedoria” de Loki a “ortodoxia brutal” de Odin”. Anos mais tarde Lewis reconheceu que o rebelde Loki representava ele mesmo, e o regime opressivo de Odin simbolizava os “Irmãos” em Malvern.<sup>85</sup>

Em março de 1914, Lewis escreve para seu pai implorando para tira-lo de Malvern. Albert Lewis atendendo ao pedido o manda para estudar com um tutor, William Thompson Kirkpatrick, seu amigo e que já tinha sido tutor do irmão de Lewis, Warren Hamilton Lewis assim, em setembro de 1914 Lewis chegava a cidade de Great Bookham, para suas aulas.<sup>86</sup>

William Thompson Kirkpatrick era um senhor que tivera uma carreira brilhante no Queen’s College de Belfast, graduado com honras em Inglês, História e Metafísica. No seu

<sup>80</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.61, 62.

<sup>81</sup> Ibid., p.63

<sup>82</sup> O autor nomeia o colégio de Wyvern (Cf LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.79).

<sup>83</sup> Ibid., p.102.

<sup>84</sup> MCGRATH, Alistar. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.54.

<sup>85</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.56,57.

<sup>86</sup> Op cit.,54,55.

primeiro ano no Queen's foi premiado com a dupla medalha de ouro pela Royal University da Irlanda, único estudante do país a receber essa distinção naquele ano.<sup>87</sup>

Dois dias depois da chegada de Lewis, a casa de Kirk, esse sentando com ele abriu um exemplar da *Ilíada* de Homero no original grego. Leu em voz alta os vinte primeiros versos, apresentou a tradução deles e pediu que Lewis continuasse e assim Lewis o fez, esse mesmo método foi utilizado no estudo do latim, alemão e francês. Kirk ensinou Lewis a aprender línguas vivas e mortas, simplesmente obrigando seu aluno a usá-las.<sup>88</sup>

Além do conhecimento linguístico Lewis coloca Kirkpatrick como uma influência na construção racional do seu ateísmo. Já ateu quando foi estudar com Kirk, as leituras de Schopenhauer e de James Frazer, o ajudaram a construir uma defesa do ateísmo. De Schopenhauer adquiriu a noção de que o universo era um evento cósmico aleatório, e de que as religiões eram eventos e tentativas fúteis de humanos medrosos de controlar a natureza. E de Frazer de que a religião era uma expressão da cultura, e de que todos os povos tinham seus mitos e lendas, sendo nenhum sistema de crenças mais verídico que o outro.<sup>89</sup> Em carta a Arthur Greeves é possível perceber como essas leituras tinham o influenciado:

Eu não acredito em nenhuma religião. Todas as religiões são simplesmente mitologias inventadas por seres humanos, geralmente em resposta a acontecimentos naturais ou carências emocionais. Esta é reconhecidamente a explicação científica do crescimento das religiões.<sup>90</sup>

Após esse período de dois anos estudando com Kirk, Lewis decidiu que tentaria uma vaga no New College na Universidade de Oxford para estudar os clássicos da literatura. Ele não consegue a vaga pleiteada no New College, mas nem tudo foram derrotas Reginald Macan diretor da University College de Oxford gostou muito da sua escrita e lhe concedeu uma bolsa para estudar ali, o que deixou Lewis bastante eufórico. Entretanto, Macan também deixou claro que esperava que qualquer aluno da instituição com dezoito anos ou mais se alistasse nas forças armadas como voluntário.<sup>91</sup> Antes de terminar seus estudos em Oxford, Lewis teria que lutar uma guerra.

Podemos perceber ao analisar a segunda parte da autobiografia de Lewis que ele enfatiza toda uma narrativa visando explicar a perda da sua fé. Assim como ele mesmo pondera em seu

---

<sup>87</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.60.

<sup>88</sup> Ibid

<sup>89</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.58.

<sup>90</sup> THE COLLECTED LETTERS, vol 1, 2004, p. 275

<sup>91</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.65.

prefácio é possível perceber que quanto mais a autobiografia vai se desenvolvendo mais Lewis vai deixando elementos relacionados a sua família de lado e voltando-se para os elementos que fortaleceram sua descrença e seu ateísmo. Nesse sentido a primeira parte do capítulo teve o intuito de apontar a partir do documento escrito pelo autor o que ele sentiu e experimentou acerca dos acontecimentos que o rodeavam. Sem, no entanto, deixar de analisar como a sua autobiografia consiste em uma tentativa de contar a própria vida de maneira cronológica e lógica, como se toda a trama de sua vida, não pudesse tomar outro caminho além do construído por ele.<sup>92</sup>

## 1.2 Primeira Guerra Mundial – Uma mudança de perspectiva.

Sendo o século XX marcado por eventos tão avassaladores como a Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra, e estando C. S. Lewis diretamente ligado a todos eles, nosso esforço agora se detém em um relato historiográfico breve acerca desses eventos e como o autor foi atingido ou atravessado por eles, fazendo um movimento do qual a história alcança o sujeito e não ao contrário como normalmente propõe os estudos biográficos.

A Primeira Guerra Mundial, rompeu com os paradigmas históricos relacionados à guerra. Nenhuma delas implicara um caráter mundial, tendo quase todas as potências e Estados europeus mobilizados.<sup>93</sup>

Suas causas envolveram várias questões de caráter econômico, político ligados a corrida imperialista. Antes da guerra, apesar da tranquilidade aparente a Europa produzia as sementes da posterior explosão de violência. “Rancores e ódios – nacionalistas, religiosos, étnicos e classistas – desfiguravam quase todas as sociedades.”<sup>94</sup> Todavia cronologicamente se demarca o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, como o estopim da declaração de guerra.<sup>95</sup>

A Grã-Bretanha mobilizou 12,5% dos seus homens para as forças armadas.<sup>96</sup> Para o Estado, a guerra teve um efeito devastador, além das mais de 700 mil mortes, fora os mutilados, ainda teve os efeitos retardados do combate relacionado a diminuição da natalidade por conta

<sup>92</sup> GOMES, Angela Castro. “Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro. (Org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.27.

<sup>93</sup> HOBSBAWM. Eric J. A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991. Trad: Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.31

<sup>94</sup> KERSHAW, I. De volta do inferno: Europa 1914-1949. São Paulo: Companhia da Letras, 2016, p.38.

<sup>95</sup> RÉMOND, René. O século XX: de 1914 aos nossos dias. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974, p.16.

<sup>96</sup> HOBSBAWM. Eric J. A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991. Trad: Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.51

do grande número de baixas entre as classes de vinte a quarenta anos.<sup>97</sup> Além disso, financeiramente, a Grã-Bretanha arruinara sua economia por lutar uma guerra que ia muito além dos seus recursos.<sup>98</sup>

Não bastasse isso, em 1914, as possibilidades do primeiro milhão de soldados britânicos sobreviverem a guerra eram de mais ou menos 50%. O país perdeu meio milhão de homens com menos de trinta anos nas suas classes mais altas, cujos rapazes, destinados como *gentleman* a serem oficiais davam o exemplo e eram ceifados nos campos de batalha. Um quarto dos alunos de Oxford e Cambridge com menos de 25 anos morreram em 1914.<sup>99</sup> No Natal desse mesmo ano as perdas britânicas já chegavam a 90 mil.<sup>100</sup>

Lewis estava entre esses jovens que lutariam pela Grã-Bretanha. Ingressando na Universidade de Oxford em abril de 1917, alistou-se no Corpo de Treinamento de Oficiais uma semana após sua chegada. Como era um residente irlandês, poderia ter evitado o serviço militar britânico. Entretanto, a “Inglaterra era como sua pátria adotiva”, somado ao sentimento de cumprimento de dever e honra, ele decidiu servir. Entrou no corpo de aspirantes do Batalhão de Cadetes, Número Quatro.<sup>101</sup>

Lewis caminhava ao lado de outros jovens cheios de ideias e ambições, muitos dos quais viam o serviço militar obrigatório em tempo de guerra como “sua parcela de contribuição” para o país, esperando retomar a vida e recomeçar tudo assim que a guerra terminasse.<sup>102</sup>

Em junho de 1917, Lewis ingressou em um batalhão de cadetes para um treinamento formal e foi aquartelado no Keble College também em Oxford.<sup>103</sup> A probabilidade de sobreviver não era boa; como já mencionado, se esperava-se dos recrutas das Universidades de Oxford e Cambridge o exemplo em combate. Dessa forma, a maioria dos recrutas dessas universidades se tornaram oficiais subalternos, liderando ataques e operações contra o inimigo, o que fazia a taxa de mortalidade desses jovens ser muito superior ao de um recruta comum.<sup>104</sup>

---

<sup>97</sup> RÉMOND, René. O século XX: de 1914 aos nossos dias. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974, p.35.

<sup>98</sup> Op cit., p.38.

<sup>99</sup> Ibid., p.33,34 *apud* WINTER, J. War and the British people. Londres, 1986, p.83, 98.

<sup>100</sup> KERSHAW, I. De volta do inferno: Europa 1914-1949. São Paulo: Companhia da Letras, 2016, p.63.

<sup>101</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.92.

<sup>102</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.73.

<sup>103</sup> Op cit., p.92

<sup>104</sup> DURIEZ, Colin. Atormentados: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e a sombra do mal. Trad: Priscila Catão, Rio de Janeiro, Ed. Lírio, 2019, p.16.

No dia 17 de novembro de 1917, Lewis se apresentou ao porto de Southampton e atravessou para a França rumo ao acampamento em Mochy-le-Preux, e no meio de dezembro ele foi aquartelado na cidade francesa de Arras onde o exército britânico protegia o território do avanço inimigo.<sup>105</sup>

Após ser afastado por uma febre das trincheiras Lewis ficou hospitalizado por três semanas em Le Tréport. No final de fevereiro ele voltaria ao batalhão em Fampoux, uma vila a oeste de Arras e juntamente com milhares de soldados britânicos suportariam o peso do último ataque alemão contra a linha de frente ocidental. Lewis participou do conflito por três semanas, até 15 de abril, quando foi acertado acidentalmente por uma granada inglesa que matou o sargento do seu regimento e o feriu acima do joelho, no flanco abaixo da axila e no dorso da mão esquerda.<sup>106</sup> Era o fim da guerra para ele.

Em sua autobiografia Lewis descreve como ele via a guerra aos seus olhos:

Mas quanto ao resto, a guerra – os sustos, o frio, o cheiro dos explosivos, os homens horrendamente mutilados se movendo como besouros meio esmagados, os cadáveres sentados ou de pé, a paisagem de terra arrasada, sem uma folha sequer de capim, as botas calçadas dia e noite até parecem andar sozinhas – tudo isso me surge em imagens raras e desbotadas na lembrança. É tudo alheio demais ao restante do meu passado, e muitas vezes me parece ter acontecido a outra pessoa, não a mim. De certa forma, é até irrelevante. Um instante de imaginação parece hoje importar mais que as realidades subsequentes. Foi a primeira bala que ouvi – de mim tão distante que “gania” como a bala de um jornalista ou de um poeta dos tempos de paz. Naquele momento havia algo não exatamente como o medo, menos ainda como a indiferença: um sinalzinho tremulante que dizia - “Isso é guerra. Foi sobre isso que Homero escreveu”.<sup>107</sup>

Por mais que o relato do autor pareça demonstrar uma certa indiferença em relação a experiência da Primeira Guerra Mundial, em várias das suas obras pós-guerra o autor toca no tema por vezes questionando questões éticas e morais que levaram a guerra, como em sua *Trilogia Cósmica* (1938 – 1945), por outras citando os bombardeios – *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* (1942) e *As Crônicas de Nárnia*, (1949 – 1954) ou um confronto homem a homem comum na Primeira Guerra Mundial – *Até que tenhamos rostos*, (1956)

Em *Cartas*, as interlocuções entre os personagens da trama citam os iminentes bombardeios que viriam e as dores e emoções que a guerra trazia:

<sup>105</sup> DURIEZ, Colin. Atormentados: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e a sombra do mal. Trad: Priscila Catão, Rio de Janeiro, Ed. Lúrio, 2019, p.21, 22

<sup>106</sup> DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.93,94.

<sup>107</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.174,175.

Meu querido Wormwood, agora temos certeza de que os alemães vão mesmo bombardear a cidade do seu paciente. [...]  
 [...] Mas você ainda pode tentar outro tipo de ataques as emoções. Ele consiste em fazê-lo sentir, quando avistar pela primeira vez restos de seres humanos grudados na parede. [...].<sup>108</sup>

Em *Até que tenhamos rostos*, o trecho onde o personagem Bardia dialoga com a protagonista Orual, também é possível notar uma certa relação com os combates corpo a corpo comuns na Primeira Guerra Mundial:

-Ah, Bardia, Bardia – eu chorei -, se você tivesse me matado. Eu estaria livre da minha aflição agora.  
 -Não, não estaria – ele disse. – Estaria morrendo e não morta. É só nas fábulas que os homens morrem quando o aço da espada entra no corpo deles. A menos é claro, que se corte o pescoço.<sup>109</sup>

Sendo assim, é possível ver que a experiência de Lewis na guerra, mesmo que minimizada pelo autor, sempre está presente em seus escritos, sendo em alguns deles como *Nárnia*, parte de um dos arcabouços que conectam suas histórias.

Os milhões que voltaram para suas mulheres, após o fim da Primeira Guerra Mundial, levaram consigo as cicatrizes físicas e mentais de sua experiência. Muitos incapazes de se reintegrar a vida civil, assombrados pelas lembranças das guerras, se suicidaram ou buscaram o alcoolismo para tentar esquecer essas lembranças, além de agredirem suas mulheres e filhos tentando reafirmar sua autoridade. Enquanto monumentos eram erguidos em memória dos mortos, veteranos mutilados esmolavam pelas ruas e procuravam empregos. O duro golpe sofrido pela família patriarcal europeia, trouxe as pessoas a chamarem essa sociedade de “uma comunidade sem pai”.<sup>110</sup>

Deste modo o fim da Primeira Guerra, representou para muitos a ruptura dos ideais tradicionais, e um questionamento em relação aos ideais progressistas, o que trouxe uma onda de desconfiança e pessimismo.

Entretanto, o jovem Lewis não fez parte dessa corrente que se deixou levar pelo espírito literário de desilusão que esteve em voga no pós-guerra. A experiência bélica que ele tinha passado se interiorizara, primeiramente como uma visão materialista da guerra entre natureza e espírito, e pós seu retorno ao cristianismo, como uma batalha cósmica entre o bem e o mal em

<sup>108</sup> LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Trad. Gabriele Greggersen. 1ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p.155, 164.

<sup>109</sup> LEWIS, C. S. *Até que tenhamos rostos*. Trad. Jorge Camargo, Ana Paula Spolon. 1ed. Viçosa: Ultimato, 2017, p. 65.

<sup>110</sup> MAZOWER, Mark. *Continente sombrio*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p.89.



termos judaico-cristãos. Para ele não havia incompatibilidade fundamental entre suas crenças e os horrores da guerra.<sup>111</sup>

Lewis experimentou uma mudança profunda de pensamento no pós Primeira Guerra. Vale ressaltar sua mudança do ateísmo para o cristianismo, demonstrada por ele passo a passo na sua autobiografia, *Surpreendido pela Alegria*. O que podemos considerar, historicamente, é que as experiências de Primeira Guerra fizeram com que os sujeitos por ela atingida buscassem um novo modo de ver o mundo, ou distante das ideias teológicas ou próximas a elas.

Não sendo o objetivo tratarmos do movimento de volta ao cristianismo de Lewis, apenas citaremos sua definição filosófica do seu processo de conversão: “Pelo lado intelectual, meu progresso havia dado do “realismo popular”<sup>112</sup> ao idealismo filosófico, do idealismo ao panteísmo, do panteísmo ao teísmo e do teísmo ao cristianismo.”<sup>113</sup>

Lewis voltara para retomar seus estudos em Oxford em 13 de janeiro de 1919. Esse período entre guerras (1919-1939) representou uma época relativamente tranquila da vida de C. S. Lewis. Ele assume um cargo de docência na faculdade Magdalen College em primeiro de outubro de 1925, faculdade na época conhecida como a mais rica de Oxford. Entretanto, sua vida acadêmica é destacada pelo o ensino orientado e por palestras na Universidade de Oxford. Em 1924 fez sua primeira palestra sendo, em 1930, considerado um dos melhores palestrantes da Universidade de Oxford.<sup>114</sup>

Após 1930, Lewis dá mais um passo em direção ao seu reconhecimento internacional através da publicação de livros. Na maioria de suas publicações ele vai tratar de temas relacionados a sua mudança do ateísmo para o cristianismo ou da caminhada diária do cristão, entretanto ao mesmo tempo, continua suas escritas voltadas para a academia como a *Alegoria do amor* um estudo sobre a mudança do tratamento para com as mulheres do século XI para o século XII, em relação ao amor e que rendeu a Lewis o prêmio Sir Israel Gollancz Memorial, em 1937. Um prêmio concedido pela Academia Britânica a obras consideradas extraordinárias que tratavam de temas relacionados com o anglo-saxão, as origens da língua e literatura inglesa ou obras de autores ingleses.<sup>115</sup>

---

<sup>111</sup> DURIEZ, Colin. Atormentados: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e a sombra do mal. Trad: Priscila Catão, Rio de Janeiro, Ed. Lúrio, 2019, p.27.

<sup>112</sup> Realismo popular: ele refere-se a sua convicção trazida da infância de que o mundo observável experimentado pelos sentidos é a única realidade existente. (CF DOWNING, David. C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006, p.132.

<sup>113</sup> LEWIS, C. S. O regresso do peregrino: uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Trad. Jorge Camargo. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2019, p.13.

<sup>114</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.134.

<sup>115</sup> Ibid., p.201,202.

Já sendo um autor renomado na academia, em pouco tempo ele se tornaria uma das vozes mais conhecidas da Grã-Bretanha e escreveria uma das obras clássicas infanto-juvenis mais prestigiadas do século XX.

### 1.3. Uma volta ao abismo e os debates acerca do pacifismo.

As lembranças da Primeira Guerra, trouxeram, principalmente para a Europa Ocidental, os movimentos pacifistas que movimentaram pequena parte da população e ganhavam algum apoio na crítica ao conflito que se configurava na Europa dos anos 1930, e que logo assumiria os contornos de uma segunda guerra mundial.<sup>116</sup> Ninguém queria ir para a guerra apenas por querer ir, nem mesmo os alemães. Esses movimentos pacifistas embora muito popular na Grã-Bretanha na década de 1930, jamais foi um movimento de massa. Mesmo com a alta tolerância aos que se chamavam de “opositores por motivos de consciência”, na Segunda Guerra o número dos que usaram o direito de se recusar a lutar foi pequeno.<sup>117</sup>

Lewis não deixou de participar do debate sobre a questão do pacifismo e em 1940, escreveu – *Por que não sou pacifista*,<sup>118</sup> um profundo debate filosófico e moral que tem entre as principais indagações se havia justificativa para a guerra ou se ela seria sempre um mal injustificado. Partindo disso Lewis começa sua argumentação mostrando como é equivocado o pensamento dos pacifistas de que a guerra sempre causa mais mal do que bem, já que esse pensamento não passa de uma generalização histórica e de especulações.<sup>119</sup>

Para defender esse argumento, o autor volta às histórias gregas e romanas apontando a fragilidade do pensamento pacifista:

“As guerras não resultam em nenhum bem” envolve a ideia de que, se os gregos tivessem cedido diante de Xerxes e os romanos, de Aníbal, o curso da história talvez fosse melhor, mas com toda certeza não seria pior do que a realidade [...] Não quero dizer que parece extremamente improvável que alguém pense assim, mas sim que as duas opiniões não passam de especulação, não há meio lógico de se convencer ninguém de nenhuma delas.<sup>120</sup>

<sup>116</sup> KERSHAW, I. De volta ao inferno: Europa 1914 – 1949. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.261.

<sup>117</sup> CALVOCORESSI, P. World politics since 1945. Londres, 1987, p.63 *apud* HOBBSAWM. Eric J. A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991. Trad: Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.153.

<sup>118</sup> Por que não sou pacifista, foi lido para uma sociedade pacifista em Oxford em 1940. Lewis fez uma cópia dos manuscritos para seu ex-pupilo e amigo, George Sayer. (Cf <sup>118</sup> LEWIS, C. S. Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.251.

LEWIS, C. S. Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.17.

<sup>120</sup> Ibid.

O autor também volta à sua própria história, citando a Primeira Guerra Mundial, dizendo que, ao mesmo tempo em que toda a guerra não traz nem metade do bem que seus líderes alegam que trará, não se torna injustificada em todos os casos. Se a guerra em 1914 realmente representava a tentativa da Alemanha de tentar dominar a Europa e isso era mal, ela tinha uma justificativa. E continua... “Alegar que não foi justificada porque não acabou com as favelas e com o desemprego é como um homem que acabasse de escapar de um tigre faminto e dissesse “Não vi nenhuma vantagem, continuo sofrendo de reumatismo! ”.”<sup>121</sup>

Sobre a posição dos pacifistas de que o aumento do número deles, levaria ao fim das guerras, Lewis é enfático que apenas em países liberais eles eram tolerados e que a perspectiva pacifista era o caminho certo para entregar a nação a outra totalitária que não tolera pacifistas. Por fim Lewis argumenta que quando levado a teste a posição pacifista é muito fraca e não consegue se sustentar dentro do seu conjunto especulativo.<sup>122</sup>

Como já demonstrado anteriormente vários dos soldados que voltaram da Primeira Guerra Mundial, tiveram suas vidas destruídas e não conseguiram se adequar novamente ao mercado de trabalho, ou pelas lembranças e traumas psicológicos, ou pela entrada no alcoolismo ou pelo fato de voltarem mutilados da guerra. Nesse sentido, no fim da sua argumentação Lewis faz uma crítica dura aos pacifistas por sua posição não representar nenhuma ameaça a eles, enquanto outras escolhas de vida entre elas a luta, traziam consequências duradouras para vida dos indivíduos:

Não nos enganemos. Tudo o que tememos de todo o tipo de adversidade se manifesta na vida de um soldado na ativa, como uma enfermidade ameaça trazer dor e morte. [...]. Por outro lado, embora não seja culpa de vocês, é fato de que o pacifismo não acarreta quase nenhuma ameaça. [...]. De resto, há a oferta da continuação da vida que vocês conhecem e amam, entre as pessoas e no ambiente que conhecem e amam. Há tempo para estabelecer a base de uma carreira; de qualquer forma, vocês dificilmente conseguirão evitar conquistar os empregos pelos quais os soldados dispensados um dia procurarão em vão.<sup>123</sup>

Assim como a maioria dos britânicos, fica claro que Lewis também era a favor de uma resistência a Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Por mais que houvesse um temor por parte das nações ocidentais por reviver novamente o desastre da Primeira Guerra Mundial, não era possível mais ignorar a expansão alemã. “Se alguma vez houve uma guerra justa, era essa. Para a Europa ter paz, Hitler teria de ser derrotado.”<sup>124</sup>

<sup>121</sup> LEWIS, C. S. *Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente*. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.18

<sup>122</sup> *Idem*.

<sup>123</sup> *Ibid.*, p.31.

<sup>124</sup> KERSHAW, I. *De volta do inferno: Europa 1914-1949*. São Paulo: Companhia da Letras, 2016, p.355.

Enquanto o mundo entrava mais uma vez numa era de caos, a década de 1940 representou para Lewis a legitimação do seu nome como escritor, teólogo popular e radialista.

#### **1.4 Para além dos muros da universidade: A fama internacional de C. S. Lewis.**

Durante a Segunda Guerra, Lewis continuou sua carreira como escritor. Em 1940 publica seu primeiro livro de caráter apologético intitulado *O problema do sofrimento*. O foco desse livro foi, como o próprio título evidencia, a questão do sofrimento da humanidade em relação a Deus. Lewis aborda o pressuposto que se Deus fosse bom ele faria as suas criaturas felizes e se Ele tem todo o poder Ele poderia fazer o que deseja. Mas, se as criaturas são infelizes, então Deus não tem todo poder e nem é bom. A partir dessa premissa Lewis constrói sua argumentação, com o intuito de demonstrar como ela é falaciosa e como o sofrimento é utilizado por Deus como uma das suas ferramentas para despertar o mundo dos seus problemas. Essa conclusão tornou-se a frase mais importante e celebre do seu livro: “Deus nos sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas brada em nosso sofrimento: o sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo.”<sup>125</sup>

Lewis deixa claro que o seu livro deveria ser entendido em uma perspectiva cristã e, que, só é possível entender o problema do sofrimento no momento que se entende a natureza caída e rebelde do homem. Desse modo, o sofrimento serve como uma maneira de demonstrar ao homem como ele é frágil e permitindo que Deus plante sua verdade dentro de uma alma rebelde. *O problema do sofrimento* ainda é considerado uma boa linha de argumentação em relação ao seu tema proposto se tornando uma obra clássica de caráter apologético.

Dois anos depois, Lewis escreveria *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. O livro conta a história de um diabo velho chamado Screwtape orienta seu aprendiz Wormwood a como manter o personagem intitulado de Paciente a crer que o cristianismo não poderia ser verdadeiro.

Sua obra o consolidou como um teólogo cristão popular, que soube como transmitir a fé cristã de maneira diferente dos pregadores das congregações cristãs, agregando vários leitores que ficaram entusiasmados com seus escritos, levando a se tornar um dos livros mais vendidos durante a Segunda Guerra. Um ano depois, quando publicado nos Estados Unidos, o

---

<sup>125</sup> LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*. Trad: Alípio de França Neto. São Paulo: Editora Vida, 2009, p. 106.

sucesso se repetiu e logo Lewis possuía fama internacional. Não apenas *Cartas de um diabo ao seu aprendiz*, mas, o restante de suas obras foram publicadas por editoras norte-americanas.<sup>126</sup>

A repercussão da sua popularidade também lhe rendeu prestígio na academia. Em julho de 1943 Oliver Chase Quick o teólogo mais graduado de Oxford, escreveu para o arcebispo de Wiliam Temple, da Cantuária, o clérigo com mais prestígio da Igreja Inglesa, expressando sua opinião de que Lewis merecia título de Doutor em teologia, a honraria mais alta que Oxford poderia oferecer, por ser um dos únicos autores que conseguiam expressar um cristianismo para pessoas comuns de maneira ortodoxa<sup>127</sup>

Durante a Segunda Guerra as rádios desempenharam um papel fundamental na disseminação de mensagens e notícias por todo o globo. Assim, a BBC (British Broadcasting Corporation) se via no dever de oferecer inspiração e instrução religiosa nos momentos tenebrosos da guerra e, além disso, fornecer a manutenção da moral nacional.

Em consequência disso, várias vozes se tornaram populares nas rádios inglesas durante o período de 1939 a 1945. Entre as vozes que se tornaram famosas ao tratar de assuntos referentes a jardinagem, medicina entre outros, a BBC ainda buscava a voz da fé que pudesse falar sobre as ansiedades e preocupações espirituais dos britânicos nos duros tempos da guerra.<sup>128</sup>

Com as tensões relacionadas aos interesses de várias Igrejas, a BBC, na figura do doutor James Welch, procurava uma voz que não defendesse nenhuma denominação específica, fazendo, assim, que essa voz abrangesse a totalidade da nação.<sup>129</sup>

Deste modo, ao descobrir por acaso um livro de C. S. Lewis, intitulado *O problema do sofrimento*, Welch encontra nas suas palavras exatamente o que precisava, e não sendo Lewis pertencente a nenhuma denominação cristã, ele o considerava fora dessas estruturas de poder. Nesse sentido, C. S. Lewis aparece como uma voz importante para os cidadãos britânicos que ouviam suas palestras nas rádios por onde o público acompanhava o andamento da guerra.<sup>130</sup>

Lewis já fazia algo parecido em suas palestras transmitidas nas estações da Royal Air Force. Entretanto, possuía uma dificuldade em sua comunicação com as massas, pois ainda usava uma linguagem acadêmica durante suas transmissões. Não conseguia achar o modo certo de se comunicar com seus ouvintes, como ele mesmo pondera: “Devemos aprender a linguagem

<sup>126</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.234.

<sup>127</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.233.

<sup>128</sup> Ibid., p.222,223.

<sup>129</sup> Ibid., p.223.

<sup>130</sup> Ibid., p.222.

da nossa plateia. E permitam me dizer desde já que não adianta nada estabelecer a priori o que o ‘homem comum’ entende ou não entende. A gente tem que descobrir pela experiência”.<sup>131</sup>

Suas palestras na Royal Air Force serviriam de aprendizado para as palestras na BBC. Estas, sim, alcançariam milhões de ouvintes. Lewis começaria suas palestras em agosto de 1941 e logo conseguiria encontrar nos ouvintes a receptividade que dele se esperava. Ao todo Lewis fez quatro séries de sete palestras sendo a última em 4 de abril de 1944.<sup>132</sup>

### 1.5. Uma nova política e um escritor vivendo em uma era atômica.

Enquanto o mundo sentia a apreensão da rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética duas potências que, tão logo após o término da Segunda Guerra Mundial estabeleceram-se por quase 50 anos como os dois polos de um conflito mundial iminente, em setembro de 1947, Lewis chegava ao auge da sua fama se tornando capa da revista Time. Definido como um autor campeão de vendas e como o mais popular conferencista da Universidade de Oxford, tornou-se uma das vozes mais influentes do cristianismo em língua inglesa.<sup>133</sup>

As trocas de cartas entre ele e uma senhora americana chamada Mary demonstra que Lewis não gostara da imagem sua que foi utilizada na capa da revista Time, definindo-a como “uma proveitosa mortificação. Eficiente como um cilício. (Que exagero! Como se alguém não preferisse ter o rosto da Duquesa Horrorosa de Alice no país das maravilhas a usar uma roupa íntima absolutamente áspera durante meio dia!)”.<sup>134</sup>

Sobre a resenha feita pela Time de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, Lewis aponta uma má compreensão da obra, mas se recusa a acusar os escritores de deturparem a obra intencionalmente, já que para ele, isso demandaria entender a obra, o que ele entendia não ter ocorrido:

A resenha é, com certeza, um tecido de confusões e falsidades diretas – não digo “mentiras” porque as pessoas que escrevem essas coisas não têm capacidade para mentir. (Quero dizer, mentir = dizer o que se sabe que não é verdade.) Mas, para saber isso e para ter as próprias ideias de verdade ou falsidade, é preciso uma clareza de pensamento que essas pessoas não têm. Chamá-las de mentirosas seria um elogio tão imerecido quanto dizer que um cachorro é ruim de aritmética.<sup>135</sup>

<sup>131</sup> Essay Collection and Other Short Pieces. Editado por Lesley Walmsley. London: HarperCollins, 2000, p.153, *apud* MCGRATH, Alistar. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p. 225.

<sup>132</sup> MCGRATH, Alistar. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p. 230.

<sup>133</sup> Ibid., p.255.

<sup>134</sup> LEWIS, C. S. Cartas a uma senhora americana. Trad. Lenita Esteves, São Paulo: Editora Vida, 2006, p.54.

<sup>135</sup> Ibid., p.64.

Em 1948, Lewis é convidado para escrever sobre a era atômica em que ele e milhares de pessoas estavam vivenciando, abordando sobre o assunto em seu artigo intitulado *Viver na era atômica* para a Revista *Informed Reading*.<sup>136</sup> No artigo Lewis é bem enfático em apontar que não vê uma diferença significativa em relação a uma morte proveniente de uma bomba atômica para qualquer outra, apontando a inevitabilidade de sua chegada e da alta chance dessa se constituir em um processo doloroso e desagradável. Por mais que os anestésicos representem uma vantagem em relação aos nossos ancestrais no suporte da dor, ainda assim nossos destinos sempre encaminham para um mesmo final.<sup>137</sup>

Lewis pondera que mais que pensar necessariamente nas chances de sermos destruídos por uma bomba atômica, o ideal seria pensar no que fazer dentro de uma conjuntura onde havia a chance de uma destruição completa de toda a civilização sendo para ele, isto, o único elemento que representava uma novidade:

A quem me perguntar como viver na era atômica, sinto vontade de responder: “Bem do mesmo jeito que viveria no século XVI, quando a praga assolou Londres por quase um ano; ou como se estivesse na época dos vikings, em que invasores da Escandinávia podiam chegar e cortar sua garganta numa noite qualquer; ou de fato, como quem já vive na era do câncer, na era da sífilis, na era da paralisia, na era dos ataques aéreos, na era dos acidentes ferroviários, na era dos acidentes rodoviários”.

[...] Se vamos ser destruídos por uma bomba atômica, que ela nos encontre realizando atividades humanas sensatas – orando, trabalhando, ensinando, lendo, ouvindo música, dando banho nas crianças, jogando tênis, conversando com amigos enquanto bebemos ou jogamos dardos e não amontoados como ovelhas apavoradas, pensando em bombas. Elas podem até destruir o corpo (até um micróbio pode fazer isso), mas não precisam dominar nossa mente.<sup>138</sup>

É possível perceber que ao mesmo tempo em que Lewis evidencia a possibilidade de uma destruição total através da era atômica, ele a coloca como sendo mais um evento histórico dentre tantos outros que afligiram a humanidade. Deste modo no decorrer do seu artigo o autor se preocupa muito mais em debater a perspectiva naturalista<sup>139</sup> apontando o que seria para ele, suas falhas teóricas, como, por exemplo,: o fato de que se a construção da natureza não passou

---

<sup>136</sup> Foi extraído da última edição da Revista anual *Informed Reading*, volume VI (1948, p. 78-84). (Cf: LEWIS, C. S. *Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente*. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.253.

<sup>137</sup> LEWIS, C. S. *Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente*. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.169, 170.

<sup>138</sup> Idem.

<sup>139</sup> Lewis entendia por perspectiva naturalista tudo aquilo que colocava a natureza como sendo tudo que existe, não havendo vida fora dela, e anulando a possibilidade do mundo como algo criado por uma mente superior ou por algum evento metafísico que explicasse sua formação. (CF LEWIS, C. S. *Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente*. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.171, 172).

de um acidente, até a própria construção da consciência e do intelecto seriam frutos do acaso e não poderiam ser levados em consideração, por serem apenas mais uma coincidência da natureza.<sup>140</sup>

A partir disso, Lewis traz uma resposta a partir da sua convicção religiosa de que “somos espíritos, seres livres e racionais, habitando, no momento, um universo irracional e precisamos chegar à conclusão de que não nos originamos dele. [...] Há um outro mundo e é dele que viemos. E isso explica porque não nos sentimos à vontade aqui.” O autor termina abordando que a uma ruptura da natureza e da humanidade com o seu Criador, que de acordo com a religiosidade cristã em que Lewis cria, seria Deus Pai. Essa ruptura trazia elementos de maldade, e ao mesmo tempo elementos de bondade na natureza, esses provenientes das características que cada criatura teria herdado do Criador.<sup>141</sup>

O sucesso de Lewis contrastava com a situação econômica caótica em que a Inglaterra passava. Por se engajar nos conflitos da Segunda Guerra desde do início, para a Grã-Bretanha a guerra durou quase seis anos. Economicamente isso exigiu que os britânicos utilizassem todo seu poderio econômico para lutar e vencer, explorando e pilhando seus próprios recursos. Para se ter uma noção, no fim do conflito, a Grã-Bretanha gastava mais da metade do seu Produto Interno Bruto no esforço pela vitória.<sup>142</sup> Os britânicos seriam obrigados a aceitar anos de austeridade como o preço pago pela recuperação econômica.<sup>143</sup>

Por mais que a experiência da Primeira Guerra tinha preparado o estado britânico para pensar os gastos econômicos de maneira planejada e administrada, principalmente a partir de um controle total das economias pelo governo, os britânicos se quer tinham as bases para tais mecanismos.<sup>144</sup> Em 1945 as lembranças da Grande Depressão, que ainda eram frescas na mente dos ingleses e exigência de reformas sociais e econômicas derrubaram o hegemônico Partido Conservador que só estivera fora do governo apenas em três dos últimos trinta anos e tinha em Churchill um líder de prestígio mundial.<sup>145</sup> A derrota inesperada de Winston Churchill para o líder do Partido Trabalhista Clement Attlee,<sup>146</sup> demonstrou a mudança de perspectiva política

---

<sup>140</sup> LEWIS, C. S. *Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente*. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.175

<sup>141</sup> *Ibid.*, p.176.

<sup>142</sup> JUDT, T. *PÓS GUERRA: Uma história da Europa desde de 1945*. Trad: José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.28.

<sup>143</sup> *Ibid.*, p. 85,86.

<sup>144</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991*. Trad: Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.53.

<sup>145</sup> KERSHAW, I. *De volta do inferno: Europa 1914-1949*. São Paulo: Companhia da Letras, 2016, p.492.

<sup>146</sup> GADDIS, J, L. *A GUERRA FRIA*. Trad: Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2007, p.21.



inglesa marcada por um planejamento nacional e estatização que punha em prática princípios socialistas e que eram herança de um Estado que se organizou para lutar uma guerra total.<sup>147</sup>

Essas reformas que antes seriam não aceitas por seu caráter socialista, agora eram tidas como uma forma de economia mista, a partir da percepção da incompatibilidade de manter um governo totalmente liberal fora necessário construir um capitalismo reformado que reconhecia a importância da classe trabalhadora e das aspirações sociais-democratas, admitindo que só a partir da intervenção estatal seria possível a manutenção dos empregos, a contenção do comunismo, e a modernização das economias atrasadas.<sup>148</sup>

Tais sementes que germinariam no que foi conhecido como Estado de Bem-Estar Social, fora resultado das medidas implantadas pelos governos europeus durante a guerra. A atuação dos governos na administração da economia e da sociedade, e o racionamento que trazia uma melhor igualdade, gozaram de uma surpreendente popularidade, isso fez com que o argumento dos reformadores de que uma democracia era compatível com um estado intervencionista se tornasse pautável e compatível com o atual momento.<sup>149</sup>

Dentro desse contexto histórico algumas cartas trocadas por Lewis com sua amiga americana chamada Mary em 1955 e 1958, demonstram a eficácia do programa de bem-estar social inglês e o bom funcionamento do Sistema Nacional de Saúde, onde a partir da queixa da sua amiga referente à uma série de problemas ortodônticos, Lewis aborda que na Inglaterra seu tratamento poderia ser feito de graça. Em outra correspondência o autor diz que é uma pena que os Estados Unidos não possuíssem algo parecido com o SNS inglês que fornecia remédios de maneira gratuita aos seus cidadãos.<sup>150</sup>

Interessante ressaltar que apesar das cartas mostrarem que Lewis admitia os aspectos positivos do Estado de Bem-Estar Social, até 1959 ele era um voraz crítico do sistema<sup>151</sup> por seu controle do indivíduo e a sua atuação paternalista que só recompensa a partir da abdicação da individualidade em prol de uma ideologia coletiva que é determinada de alguns para todos:

O Estado Moderno não existe para proteger nossos direitos, mas para fazer o bem para nós ou nos tornar bons – de qualquer forma, para fazer algo para nós ou nos levar a fazer algo. Com o novo nome de “líderes” para aqueles que antes eram “governantes”, não somos súditos, mas, sim guardas, alunos e animais domésticos. Não há nada em

<sup>147</sup> JUDT, T. PÓS GUERRA: Uma história da Europa desde de 1945. Trad: José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.82,83.

<sup>148</sup> HOBBSAWM. Eric J. A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991. Trad: Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.267,268.

<sup>149</sup> MAZOWER, Mark. Continente sombrio. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p.188.

<sup>150</sup> LEWIS, C. S. Cartas a uma senhora americana. Trad. Lenita Esteves, São Paulo: Editora Vida, 2006, p.59,88.

<sup>151</sup> “Artigo: Escravos voluntários do Estado assistencialista, foi publicado originalmente em *The Observer* em 20 de julho de 1958. (Cf: LEWIS, C. S. Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.254.)

que possamos dizer a eles: “Isso é problema meu”. Toda nossa vida é problema deles.<sup>152</sup>

A questão sobre o progresso se tornou a questão sobre a possibilidade de descobrirmos uma forma de nos submeter ao paternalismo mundial da tecnocracia sem perder toda a privacidade e independência. Há algum jeito de conseguir o mel do Estado sem ser picado?<sup>153</sup>

Em 1959 no entanto, a partir das trocas de correspondências com Mary, Lewis muda completamente sua perspectiva em relação ao Estado de Bem-Estar Social, em carta a Mary ele diz – “o que você passou começa a me reconciliar com nosso Estado de Bem-Estar Social, do qual tantas vezes disse coisas duras.”<sup>154</sup> Em outra carta em 1963 Lewis reafirma o equívoco – “Lamento pela dor aguda e pelos vários outros problemas. Tudo isso me faz desdizer o que eu já disse contra o “Estado de Bem-estar Social” inglês, que pelo menos oferece tratamento médico gratuito a todos.”<sup>155</sup>

Por mais que a busca por um Estado de Bem-Estar Social tenha sido uma perspectiva europeia, em nenhum outro local ela foi experimentada em uma escala tão generosa e ampla como na Grã-Bretanha, que já em 1950 tinha mais de 70% dos seus trabalhadores com cobertura contra acidente, saúde, velhice e desemprego. Obviamente que esse grande alcance de serviços sociais dados pelo Estado não saíra barato,<sup>156</sup> e os cidadãos ingleses pagavam índices tributários que seriam impensáveis dez ou vinte anos antes.<sup>157</sup> Aproveitando desses altos impostos o Estado investia pesado para colocar seu projeto em prática. Para se ter uma ideia, 1938, os gastos com serviços sociais já representavam 11,3% do PIB no Reino Unido, subindo constantemente para 16,3% em 1955.<sup>158</sup>

Apesar da crítica de Lewis ao controle estatal, e um aparente medo de que a Grã-Bretanha pouco a pouco se encaminhasse para um regime autoritário de domínio absoluto do Estado, com o passar do tempo o autor demonstra reconhecer a necessidade do projeto de Bem-Estar Social britânico, e como ele era benéfico para toda a população. Os diálogos com Mary, foram fundamentais para a mudança da perspectiva de C. S. Lewis, que a partir da comparação da sua realidade com a realidade americana de sua amiga, enxergou o Estado de Bem-Estar social de maneira positiva.

---

<sup>152</sup> LEWIS, C. S. *Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente*. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.245.

<sup>153</sup> *Ibid.*, p.249.

<sup>154</sup> *Op cit.*, p.104.

<sup>155</sup> *Ibid.*, p.143,144.

<sup>156</sup> JUDT, T. *PÓS GUERRA: Uma história da Europa desde de 1945*. Trad: José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.90.

<sup>157</sup> MAZOWER, Mark. *Continente sombrio*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p.295.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p.295.

## 1.6 O Lewis conservador, anticomunista e a religiosidade fria de um pós-guerra.

O fim da Segunda Guerra Mundial, foi como um momento de reconciliação nacional, de união dos esforços para a população britânica. O combate parecia confirmar tudo que havia de certo e positivo nas ideologias institucionais e nos hábitos nacionais. Para a maioria dos britânicos a guerra tinha sido travada entre Alemanha e Grã-Bretanha no qual eles tinham saídos vitoriosos e vingados. Importante ressaltar que mesmo mediante a todas aos clamores de mudanças sociais e conseqüentemente as reformas, já apontadas por nós, isso pouco mudou os hábitos e as afinidades mais arraigadas da nação,<sup>159</sup> o que reforça uma ideia que diferente da questão econômica, quando se tratava da cultura e do modo de viver havia uma confiança no jeito de ser britânico.

Dentro de toda essa conjuntura é importante ressaltar que a Grã-Bretanha talvez tenha representado o país com menos mudanças em relação a toda a Europa e que mais se voltava a sua própria história de guerra no pós-guerra. Por mais que a sociedade britânica conhecesse as discussões que estavam em voga por toda a Europa, relacionado ao entre guerras, ao pacifismo e a Depressão, nenhuma dessas discussões fora suficiente para construir uma dissidência social ou uma revolução política. Para se ter uma ideia os partidos fascistas de modo geral ficavam restritos aos bairros mais pobres de Londres; o Partido Comunista da Grã-Bretanha nunca obteve grande apoio para além dos seus primeiros redutos na indústria naval escocesa, e em algumas comunidades de mineradores.<sup>160</sup>

Entretanto, é importante salientar que o pouco apoio popular ao comunismo, não inibia a afinidade com o marxismo verificada junto à intelectualidade londrina e às universidades.<sup>161</sup> Em carta mandada a já mencionada amiga americana Mary, em 1954, Lewis aborda sua imagem da influência esquerdista em uma das universidades e nos dá evidências claras sobre seu posicionamento político conservador cristão:

Acho que vou gostar mais de Magdalene que de Magdalen. É uma faculdade pequena (do ponto de vista arquitetônico, um perfeito camafeu), e as pessoas são bem antiquadas, muito devotas, gentis e conservadoras – muito diferente da enorme estrutura de Magdalen, um estabelecimento ateu, cínico, esquerdista e empedernido.

<sup>159</sup> (CF: JUDT, T. PÓS GUERRA: Uma história da Europa desde de 1945. Trad: José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.173,174.)

<sup>160</sup> JUDT, T. PÓS GUERRA: Uma história da Europa desde de 1945. Trad: José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.216.

<sup>161</sup> Ibid., p.217.

Talvez de “vovó a conservadora” que sou aqui, eu passe a ser uma *enfant terrible* [criança terrível].<sup>162</sup>

Quase uma década antes, Lewis já apontava sua visão conservadora política, criticando o pensamento chamado na época de “progressista” ligados a correntes favoráveis a eugenia e vivissecção, como por exemplo alguns escritos pró-eugenia de H. G. Wells.<sup>163</sup> Em 1947 Lewis escrevera seu ensaio *Vivissecção*<sup>164</sup> onde protesta veementemente contra a tortura de animais, e aponta uma contradição interna dentro do pensamento naturalista darwinista, já que ao mesmo tempo que dizem que os animais no fundo são o mesmo que nós, sendo apenas o homem um antropoide mais esperto, também coloca o homem como superior apenas pelo fato de ser homem, tornando isso não lógico e sim sentimental.<sup>165</sup> Partindo disso Lewis faz sua crítica mais expressiva a falta de um elemento moral que pudesse dividir homens e animais:

Se abandonarmos o antigo pensamento cristão da diferença completa entre homens e animais não haverá argumento para defender as experiências em animais que não incluam, também a defesa da experiência em homens inferiores. [...] Na verdade, as experiências em seres humanos já começaram. Todos sabemos o que os cientistas nazistas fizeram. Suspeitamos que nossos cientistas podem começar a fazer isso, em segredo a qualquer momento.<sup>166</sup>

Para o pesquisador do autor, Alister McGrath, o personagem narniano Riptchip constitui no exemplo mais óbvio da presença do protesto do autor na obra. Por ser comum, o uso de ratos como material de experimentos, nos laboratórios, Lewis criou Ripchip como um rato cheio de virtude e nobreza que durante a história ensina Estáquio um personagem humano sobre como ser corajoso, leal e nobre. Para além disso toda a teologia narniana propõe um mundo onde homens e animais constituem em relacionamentos enobrecedores e satisfatórios para ambos.<sup>167</sup> Deste modo há de se admitir a pertinência dos argumentos de McGrath, mesmo sem termos fontes afirmando a intencionalidade de Lewis de fazer isso na obra.

Em relação a mudança da perspectiva religiosa no pós-guerra, não há como negar que a moralidade e os valores provenientes do cristianismo influenciavam a população europeia de

<sup>162</sup> LEWIS, C. S. Cartas a uma senhora americana. Trad. Lenita Esteves, São Paulo: Editora Vida, 2006, p.44, 45.

<sup>163</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.290.

<sup>164</sup> Apareceu pela primeira vez como um panfleto da New England Anti-Vivisection Society (1947) e foi reimpresso na Inglaterra pela National Anti-Vivisection Society (1948). (CF: LEWIS, C. S. Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.253.)

<sup>165</sup> LEWIS, C. S. Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p.159.

<sup>166</sup> Ibid., p.160.

<sup>167</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.292.

maneira expressiva, tendo a Igreja um grande poder social e ideológico principalmente entre os camponeses e as classes médias.<sup>168</sup>

Dentro dessa conjuntura as igrejas cristãs foram arrastadas para as convulsões políticas que balançaram a Europa no pós-Primeira Guerra, travando sua batalha ideológica contra as correntes modernistas como o bolchevismo ateu. Para além disso a ascensão do papel paterno do Estado e dos movimentos políticos com o intuito de atender à necessidade dos sujeitos trouxe uma ideia de inutilidade da Igreja para um número cada maior de pessoas, o nacionalismo se tornara uma espécie de nova religião. Somando-se a isso conceitos como o de Max Weber de *desencantamento do mundo* que aborda, a perda da atração outrora exercida pela crença mística em rituais sagrados, salvação redenção e felicidade eterna, e os escritos de Nietzsche que atacavam veementemente a moral radicalizada em crenças religiosas pareciam ideias coerentes e a Igreja sentira o peso de duas guerras e das críticas feitas a ela.<sup>169</sup> Entretanto, mesmo mediante aos novos debates ideológicos, e as críticas recebidas, não é possível exagerar em relação as perdas das crenças, nem a queda do número de seguidores. As Igrejas cristãs sobreviveram a catastrófica primeira metade do século XX praticamente intactas, prova disso é a relevância das ideias de alguns intelectuais cristãos como o teólogo Karl Barth já em 1945 que pregava um sentimento de esperança no futuro e na sociedade voltado aos valores e crenças do cristianismo.<sup>170</sup>

Lewis não passara indiferente àquilo que percebia como uma espécie de esfriamento da religiosidade cristã europeia e, em 1946 escreveu *O declínio da religião*<sup>171</sup> para a Universidade de Oxford. Para o autor, a diferença das capelas lotadas em 1900 e o esvaziamento delas em 1946 era reflexo do fim da obrigatoriedade em frequentá-las, sendo o fim dessa obrigatoriedade apenas a evidência visual de um declínio religioso que era possível de ser observado a partir de uma análise literária desde do século XIX:

Se julgarmos, porém, o século XIX pelos livros escritos, pela aparência de nossos antepassados (com pouquíssimas exceções) fica bem claro que eram tão seculares quanto as pessoas de hoje. As novelas de Meredith, Trollope e Thackeray não foram escritas para homens que veem este mundo como antessala da eternidade, que consideram o orgulho o pior dos pecados, que desejam ser pobres de espírito ou que buscam uma salvação sobrenatural. Mais significativa ainda é a ausência total, em *Um conto de Natal*, de Dickens, de interesse pela Encarnação. Maria, os magos foram substituídos por “espíritos” que Dickens inventou, e os animais que aparecem não são o boi e o jumento no estábulo, mas sim o ganso e o peru na loja de aves.<sup>172</sup>

<sup>168</sup> KERSHAW, I. De volta do inferno: Europa 1914-1949. São Paulo: Companhia da Letras, 2016, p.434.

<sup>169</sup> KERSHAW, I. De volta do inferno: Europa 1914-1949. São Paulo: Companhia da Letras, 2016, p.435.

<sup>170</sup> Ibid., p.435,459.

<sup>171</sup> Extraído de *The Cherwell*, periódico de Oxford, volume XXVI em 29 de novembro de 1946.

<sup>172</sup> LEWIS, C. S. Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p. 118,119.

Por fim, o autor argumenta que para ele não era o cristianismo que havia declinado, mas sim o código forte de um teísmo moral que estava ligado as instituições e sentimentos dos ingleses que exigia a ida a Igreja como parte de um procedimento de boas maneiras e de respeitabilidade. Ele vê essa ruptura como um ponto positivo já que agora era possível sair de um muro relacionado a tradição: aqueles que quisessem se converter seria por entender os aspectos intelectuais da mensagem cristã e não por conta de um modo inglês de ser.<sup>173</sup>

Feito esse apanhado que abordou os aspectos econômicos, sociais e religiosos do período que aborda a Segunda Guerra Mundial e os elementos do pós-guerra principalmente na Grã-Bretanha, conectando-os às visões de Lewis dentro desse espectro temporal, voltemos nossos olhos à obra do autor escrita de 1949 até 1954. Partiremos de uma apresentação da obra. Em seguida, debruçaremos-nos sobre os vários textos que a obra contém, destacando sua polifonia discursiva por meio de uma análise detalhada de aspectos ligados à sua visualidade e às referências filosóficas e teológicas nela presente.

---

<sup>173</sup> LEWIS, C. S. *Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente*. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017, p. 119, 120.

## **CAPÍTULO 2 – AS CRÔNICAS DE NÁRNIA – APRESENTAÇÃO E ESTUDOS SOBRE A OBRA.**

Esse capítulo tem por objetivo apontar alguns aspectos referentes a obra, sendo nosso primeiro objetivo uma breve apresentação da mesma e resumo das sete históricas que compõem a coleção, destacando as influências e aspectos intertextuais presentes. Diante disso temos o intuito de demonstrar os discursos contemporâneos acerca da obra e por quais caminhos ela tem sido explorada. Dialogando com os pesquisadores e críticos que apontam releituras possíveis para ela, sejam elas religiosas; sociais ou filosóficas.

Deste modo, o capítulo tem como cerne principal, uma discussão da composição da obra, abordando as linhas gerais da sua organização como: personagens, enredos e principais temas, um estudo das suas releituras possíveis e por fim uma análise da sua materialidade, partindo do estudo das imagens presentes na obra, visto esse ser um aspecto pouco discutido ao se tratar das *Crônicas*, dialogando sempre que necessário com a bibliografia pertinente para nosso embasamento teórico.

### **2.1. As *Crônicas de Nárnia* – Apresentação da obra**

As *Crônicas de Nárnia* constitui-se em uma série de sete livros infantis publicados de 1949 até 1954 em um contexto histórico pós-Segunda Guerra Mundial por C. S. Lewis tornando-se um clássico da literatura infantil. A obra possui sua própria temporalidade cobrindo metade do século XX no “mundo real” e mais dois milênios e meio no mundo narniano. Seguindo a sua ordem cronológica os títulos que compõem a série são: *O sobrinho do mago*; *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*; *O cavalo e seu menino*; *Príncipe Caspian*; *A viagem do Peregrino da Alvorada*; *A Cadeira de Prata*, finalizando com *A Última Batalha*.

#### **2.1.1 O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa (1950)**

A primeira das aventuras escrita por Lewis, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* conta a história de quatro crianças que foram mandadas para uma casa distante de Londres onde ficariam longe dos bombardeios alemães durante a Segunda Guerra Mundial. As crianças eram os irmãos Pedro, Edmundo, Susana e Lúcia Pevensie e o professor dono da residência era Digory Kirke. A casa do professor era imensa e em um quarto da casa havia um grande guarda-

roupa, do qual consistia em uma entrada para um mundo mágico que havia como primeira imagem um bosque nevado com um lampião.

Lúcia é a primeira a entrar nesse mundo e logo na sua chegada encontra um fauno chamado Tumnus próximo de um lampião e a convida para tomar um chá e conversar um pouco na sua toca. Após isso Lúcia volta ao “mundo normal” e percebe que a temporalidade do mundo mágico não afetava em nada a do outro mundo que permanecia parado enquanto ela estava em Nárnia. Ao contar a sua aventura para seus outros irmãos, todos duvidam dela, e Edmundo, curioso, também vai no guarda-roupa e realmente comprova que Lúcia não mentira sobre a passagem para um mundo novo.

Com o desenrolar da trama os quatro irmãos vão para Nárnia, e ali encontram, castores, lobos, faunos e outros animais falantes. Três dos irmãos – Lúcia, Susana e Pedro decidem ficar ao lado dos animais que apoiavam o leão Aslam criador de todo aquele reino, enquanto Edmundo seduzido pelo manjar turco<sup>174</sup> oferecido pela Feiticeira Branca decide ficar ao lado da usurpadora do reino de Nárnia que por conta do seu encanto fazia com que sempre fosse inverno ali.

A aliança de Edmundo com a Feiticeira Branca e a entrega dos seus irmãos para a vilã faz com que a mesma tenha direito sobre a vida do menino. Nesse ponto da história Aslam aparece e decide se sacrificar por Edmundo, o que é aceito pela Feiticeira. Aslam então é morto, mas ressuscita e em uma batalha final, e, com a ajuda das crianças derrota a Feiticeira Branca, quebrando seu feitiço. E com seu sopro traz de volta à vida os animais e criaturas mágicas que estavam petrificadas pelo feitiço da vilã.

Assim, as crianças se tornam reis e rainhas de Nárnia e passam toda sua juventude lá até a fase adulta, na chamada Idade de Ouro de Nárnia. Entretanto ao entrarem no bosque voltam para o mundo normal e percebem que não se tinha passado nenhum minuto desde que eles tinham entrado em Nárnia, voltando os quatro à idade infantil.

Ao contarem a história ao professor, ele lhes diz que pelo guarda-roupa não daria mais para entrar em Nárnia, mas que ficassem tranquilo que quem foi rei e rainha em Nárnia sempre o seria, finalizando assim a primeira história.

### **2.1.2 Príncipe Caspian (1951)**

---

<sup>174</sup> O fato de Lewis utilizar um doce como tentação pode ser relacionado ao fato do racionamento inglês durante e após a Segunda Guerra Mundial, onde comer doces era um privilégio.



Após o período de um ano do tempo “real” da primeira aventura das crianças, as quatro são novamente convocadas a ajudarem Caspian, herdeiro do trono narniano, que tem sua vida ameaçada por um tirano de nome Miraz, que controla Nárnia. O tirano reprime os narnianos que ainda continuam fieis a Aslam e aos antigos reis e rainhas da Era de Ouro e que reinavam no castelo de Cair Paravel. A explicação para as coisas terem chegado a tão ponto é a temporalidade, desde da última vez que as crianças tinham ido a Nárnia tinham se passado mais de mil anos.

Ao verem o castelo de Cair Paravel em ruínas, morada das quatro crianças na época de reinado, elas percebem a decadência do reino e decidem ajudar Caspian a recuperar seu trono e a antiga glória de Nárnia. Com o aparecimento de Aslam as crianças lutam contra os telmarinos, adversários do reino e derrotam Miraz, devolvendo o trono a Caspian.

### **2.1.3 A viagem do Peregrino da Alvorada (1952)**

Dando continuidade à *Príncipe Caspian*, *A Viagem do Peregrino da Alvorada* vai se construir a partir de duas narrativas: a busca pelos sete lordes que desapareceram durante o reinado do rei Miraz e a busca pelo país de Aslam no fim do mundo. Dos primeiros protagonistas das aventuras, apenas Edmundo e Lúcia retornam nessa história. Nessa narrativa se tem a relação de Eustáquio, um garoto mimado que durante a trajetória se torna um dragão, com o rato Ripchip - um ratinho com um espada, prosa e atitude que remetem a ordem dos cavaleiros medievais. Ripchip ensina para Eustáquio condutas morais, honra, humildade e fidelidade fazendo com que o menino se arrependa suas atitudes erradas, e volte a sua forma normal a partir da intervenção de Aslam.

As crianças embarcam então em um navio que dá nome a história em uma jornada entre Nárnia e as chamadas Ilhas Solitárias, e a cada ilha uma nova aventura é desencadeada exigindo habilidade e decisões morais dos heróis da narrativa. Dessa forma, a trama se desenvolve a partir da ajuda de cada um dos personagens para com os outros e das tentações individuais de cada um. No final da história os heróis conseguem encontrar tanto os sete fidalgos sumidos quanto o país de Aslam aspiração principal do rato Ripchip que, entrando no mar, vai ao País de Aslam deixando as crianças e sua espada.

#### **2.1.4 A cadeira de Prata (1953)**

A história de *A cadeira de Prata* tem como protagonista Eustáquio que aparecera na narrativa anterior e Jill Pole que aparece pela primeira vez nas aventuras. Ambos são convocados para ir a Nárnia em busca do príncipe Rilian, filho de Caspian X que já era adulto, pois vários anos se passaram em Nárnia desde da última ida das crianças. A procura de Eustáquio e Jill pelo príncipe Rilian, os levam à região norte de Nárnia, para um reino debaixo da terra, denominado de Submundo. Lá eles encontram o Brejeiro, que é um paulama (tipo de humanoide presente apenas em Nárnia).

O tema da história se baseia na luta em não se deixar enganar pelas ilusões, e falácias sempre tendo em mente as instruções de Aslam, já que a Feiticeira com suas artimanhas tentava convencer os heróis da inexistência do leão. Com a ajuda do Brejeiro, eles destroem a Feiticeira Verde que controlava o Submundo e o príncipe volta para Cair Paravel para encontrar com Caspian X, seu pai.

#### **2.1.5 O Cavalo e Seu Menino (1954)**

A seguinte narrativa vem abrir ainda mais a geografia de Nárnia sendo a maior parte da história desenvolvida na cidade sulina da Calormânia, onde o filho desaparecido do rei Luna de Arquelândia, país ao norte de Calormânia é criado por um pescador. Esse filho chamado Shasta não sabe da sua verdadeira origem, nem seu real nome e possui um desejo de deixar Calormânia rumo ao norte. Somada à narrativa aparece Aravis, uma jovem que foge de casa para evitar um casamento arranjado. Tanto Shasta quanto Aravis ao encontrarem cavalos mágicos, os ouvem contar sobre as maravilhas de Nárnia e decidem ir em direção a terra mágica.

Ao passarem pela capital da Calormânia, chamada Tashbaan, Aravis revela os desejos do príncipe Rabadash de conquistar Arquelândia e Nárnia. Sabendo disso, os dois protagonistas da trama decidem avisar os países do norte acerca do perigo que eles estão correndo. Sendo bem-sucedidos em sua missão, a estória termina com Shasta assumindo seu lugar como príncipe e casando com Aravis tornando-os rei e rainha de Arquelândia. Em relação aos cavalos mágicos chamados Bri e Huin, ambos conseguem voltar aos seus companheiros falantes de Nárnia. Nessa trama vários dos personagens das histórias anteriores aparecem, incluindo a maioria dos irmãos Pevensie, e o fauno, Sr Tumnus.

### 2.1.6 O sobrinho do mago (1955)

A obra que inicia a cronologia histórica de Nárnia, vem contar a criação de Nárnia por Aslam, assim como a origem da Feiticeira Branca, e a chegada do mal ao reino mágico. Na história, o professor Digory Kirke que nos foi apresentado na primeira obra *O leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, ainda é uma criança vivendo juntamente com sua mãe na casa dos seus tios André e Leta em Londres. Seu tio enganando ele e sua amiga Polly Plummer faz com que as crianças coloquem anéis mágicos e os transporta para um mundo chamado Charn, arruinado por Jadis, a Feiticeira Branca, a quem Digory desperta de um encanto. Ao voltarem para Londres, Jadis consegue vir juntamente com eles, fazendo um tumulto na cidade, porém as crianças conseguem manda-lá de volta para um Bosque entre os Mundos, entretanto, a Feiticeira, antes de ser transportada arranca um lampião de rua, que será o mesmo lampião que aparece no início de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. O grupo composto pelas duas crianças, um cocheiro, seu cavalo Morango e o tio André são transportados para um mundo vazio, a tempo de ouvir Aslam entoar uma canção que faz com que Nárnia comece a ser formada, criando árvores, montanhas, animais e todo um mundo mágico.

Entretanto, a Feiticeira Branca agora estava em Nárnia, e Aslam confere a Digory a oportunidade de desfazer o mal que ele tinha trazido, dando-lhe a tarefa de encontrar uma maçã mágica, a semente da qual produzira uma árvore para proteger o jovem mundo de Jadis.

Passado isso, Aslam permite que Digory leve um fruto da macieira para que sua mãe comendo fique saudável. Digory planta a semente do fruto que recebeu que se torna uma grande árvore, que depois da sua queda, serviu de madeira para construir um Guarda-Roupa onde pela primeira vez os irmãos Pevensie foram transportados.

### 2.1.7 A Última Batalha (1956)

A Última das sete histórias narnianas, vai contar a tentativa do macaco Manhoso de convencer a todos que Aslam havia retornado. Ao colocar uma pele de leão em cima do jumento Confuso o macaco tenta convencer a todos que aquele era Aslam que tinha retornado e que ele seria seu porta-voz. Além disso Manhoso faz uma aliança com os inimigos de Nárnia, os calormanos. Com isso os calormanos começam a derrubar as árvores, escravizar os animais causando indignação ao último dos reis de Nárnia, Tirian.

Ao ser capturado pelos calormanos Tirian lembra das lendas acerca de crianças de outro mundo que apareciam em momentos de crises orando por ajuda. Aslam ao ouvir as orações de Tirian manda Eustáquio e Jill Pole para o ajudar, mas depois aparece em própria pessoa, intervindo e dissolvendo todo esse mundo. Pós isso Aslam separa aqueles que iam para a Nova Nárnia os heróis e aqueles que não iriam, ou seja, os vilões. Fato interessante mencionar que Digory e Polly enquanto as coisas ocorriam em Nárnia reúnem todos aqueles que já tinham ido a terra mágica para uma reunião, e em um acidente de trem todos morrem e após a morte todos aparecem em Nárnia e Aslam diz que eles não precisavam mais ir para a casa, e que ali começava a real história que duraria eternamente.

## **2.2 As obras dentro da obra: Um olhar literário sobre o universo de Nárnia.**

Quando estamos tratando de obras literárias, frequentemente corremos o risco de considerá-las como algo que existe em si e por si, agindo de maneira “autônoma” e nos fazendo refletir sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Esta teoria normalmente encontra seu respaldo a partir de uma ideia que gira em torno da genialidade de um dado autor, que faria da obra um autorretrato tão seu que seria impossível fugir da leitura que o mesmo planejou. Como já dito, esse tipo de análise é refutada facilmente, pois, na sociedade, todo o processo de criação, é conseqüentemente, uma relação entre grupos criadores e grupos receptores de diversos tipos. De maneira geral, isso quer dizer que por mais que o escritor seja capaz de expressar sua originalidade diante de uma obra, ele também exerce seu papel social correspondendo a certas expectativas dos seus leitores ou auditores. Para além disso, a matéria e a forma da sua obra dependerão das possibilidades e da intencionalidade do público que ele deseja alcançar.<sup>175</sup>

Sendo os escritos de Lewis extremamente diversos, é de nosso interesse ressaltar que a série *Crônicas de Nárnia*, apesar das diversas leituras acerca da obra, se identifica majoritariamente como uma obra do gênero da fantasia.

O gênero fantasia, possui como característica uma releitura dos mitos, e um caráter maniqueísta, podendo ser esses mitos, de caráter psicológicos, alegóricos ou “reais”. É sobre a realidade que construirá o mundo de fantasia onde, mesmo não sendo possível no mundo real, ele existe como um mundo narrativo, e coerente para que possa ser aceito. Há que se estabelecer o pacto literário e, para tanto, a narrativa deve ter a capacidade de transportar o leitor para a

---

<sup>175</sup> CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p.83,84.

realidade do impossível. Nesse sentido é através da linguagem que a obra consegue tornar seu universo real, possibilitando novas formas de questionamento da realidade.<sup>176</sup>

Deste modo se define o gênero fantasia como:

Um texto de fantasia é uma narrativa auto coerente. Quando manifesta neste mundo, ela narra uma história que é impossível no mundo como o percebemos; quando manifesta em outro mundo, este outro mundo será impossível, embora as histórias lá manifestas possam ser possíveis em seus próprios termos.<sup>177</sup>

Assim sendo, as expressões literárias do gênero da fantasia, são maneiras de conhecer o mundo, mas também é possível falar delas e talvez até de maneira mais exata como “representações” de mundos que parecem possíveis para os autores.<sup>178</sup> Entre os autores que buscaram teorizar esse campo literário destacamos justamente Lewis e Tolkien. Autores que produziram obras de fantasia, em uma mesma época e que cultivaram uma relação de amizade e leitura das escritas um do outro através de um clube literário que ambos participavam chamado Inklings.<sup>179</sup>

Para Tolkien, a fantasia era uma capacidade voltada para a criação de um mundo e uma crença secundárias que provocam uma sensação de encantamento ao leitor, sendo ela ferramenta aliada ao homem na busca de entender o que é real e o que não é, sendo o homem o único que consegue jogar com essas diferenças entre real e imaginário, criando novos mundos imaginários possíveis.<sup>180</sup>

Sendo assim, Tolkien pondera que o “O Mundo primário”, ou seja, o que vivemos é a base da construção do que o autor vai chamar de “Mundo Secundário”, não distanciando tanto assim a fantasia da realidade.<sup>181</sup> Para o autor o mérito da construção de um bom mundo fantástico é exatamente esse, o flerte com o real que possibilita dentro de um Mundo Secundário a crença na possibilidade que a história pudesse ocorrer. Caso isso não ocorra o encanto é quebrado:

<sup>176</sup> THIÉS, Tainá S. A transposição do real para o imaginário: hipertextualidade mitológica na construção de mundos ficcionais de fantasia. Dissertação (Mestrado em Literatura e Práticas Sociais) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2012, p.8, 9.

<sup>177</sup> CLUTE, J & GRANT, J. The Encyclopedia of Fantasy. New York, NY: St. Martin’s Press, 1999, p.38

<sup>178</sup> JEHA, Júlio. A semiose da fantasia literária. Signótica, Goiânia, v. 13, n. 1, 2001, p.124.

<sup>179</sup> Tolkien descreveu os Inklings como um círculo indeterminado e não eleito de amigos que se reuniram em torno de C. S. Lewis e que se encontravam em seus aposentos em Magdalen [...]O nome Inklings pertencia originalmente a um grupo de estudantes de Oxford, e remetia a ideia de eles serem aspirantes a escritores. O grupo personificava os ideais de vida e prazer de Tolkien e Lewis, especialmente Lewis. Os encontros em 1930 se padronizaram as terças-feiras pela manhã em um pub e nas tardes de quinta nos aposentos de Lewis. As tardes tinham caráter mais literário ali os membros liam obras um para os outros recebendo críticas e estímulos. (CF: DURIEZ, Colin. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade. Trad: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018, p.119, 120, 121).

<sup>180</sup> Ibid., p.120.

<sup>181</sup> TOLKIEN, J. R. R. Sobre Histórias de Fadas. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010, p.88.

O que acontece de fato é que o criador da narrativa demonstra ser um “subcriador” bem-sucedido. Ele concebe um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é “verdade”: está de acordo com as leis daquele mundo. Portanto, acreditamos enquanto estamos, por assim dizer, do lado de dentro. No momento em que surge a incredulidade, o encanto se rompe; a magia, ou melhor a arte, fracassou. Então estamos outra vez no Mundo Primário, olhando de fora o pequeno Mundo Secundário malsucedido.<sup>182</sup>

Tolkien ainda é crítico da ideia de “suspensão voluntária da incredulidade”, que é a continuação da leitura da obra, mesmo ela não conseguindo ter um Mundo que se sustente. Para o autor isso seria como um subterfúgio que utilizamos quando brincamos de faz-de-conta, sendo ela a substituta da coisa genuína que deveria ser sentida ao ler uma obra.<sup>183</sup> Nesse sentido vale ressaltar porque o autor era um crítico do tipo de escrita da fantasia de C. S. Lewis.

Tolkien acreditava que Lewis mesclava elementos de uma escrita que não trazia para o “Mundo Secundário” a credibilidade necessária para o leitor. O autor, critica o uso abusivo de Lewis de elementos mitológicos em Nárnia, que não eram conectados necessariamente com a trama, como por exemplo O Papai Noel aparecendo em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Também incomodava o autor, o fato de que Lewis escreverá Nárnia de maneira muito rápida o que demonstrava que a obra era superficial.<sup>184</sup>

Para C. S. Lewis a fantasia como produto literário consistia em tudo aquilo que lida com o impossível ou que vai além do natural.<sup>185</sup> O autor ainda aborda o caráter psicológico do termo que para ele possuía três significados: o primeiro sendo ligado ao delírio do sujeito afim de afirmar alguma crença e não tendo interesse literário; o segundo, sendo a construção imaginativa agradável, mas sem a ilusão de que ela possa ser real, onde o sujeito prefere viver uma felicidade imaginária, a buscar essa felicidade nos elementos reais, que ele intitulou como “construção mórbida de castelos”; e a terceira sendo o hábito de fazermos aquilo que frequentemente sonhamos em fazer. Partindo disso Lewis coloca nesse caráter psicológico a criação das obras literárias: “Os livros que escrevemos uma vez foram livros que, em um sonho acordado, nos imaginamos escrevendo – apesar de que é claro jamais de maneira tão perfeita. Eu chamo isso de construção normal de castelos.”<sup>186</sup> Por fim, Lewis ainda dividiria a construção de castelos em dois tipos: egoísta e desinteressado. No primeiro o sonhador é sempre o herói e

<sup>182</sup> TOLKIEN, J. R. R. Sobre Histórias de Fadas. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010, p. 48.

<sup>183</sup> Ibid., p. 49.

<sup>184</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C.S Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.282.

<sup>185</sup> LEWIS, C. S. Um experimento em crítica literária. Trad. Carlos Caldas, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p.60.

<sup>186</sup> Ibid., p.61,62.

tudo é visto através dos seus olhos, sendo uma figura de destaque, já no segundo o sonhador não é nem o herói do sonho e apenas aproveita a possibilidade de se distrair com devaneios sobre alguma impossibilidade real, e nesse tipo de sonhador que o autor se via – “É provável que eu seja um dos muitos que, em uma noite insone se entretém com paisagens inventadas. [...], Mas não estou lá eu mesmo como um explorador, nem mesmo como um turista. Estou vendo aquele mundo de fora.”<sup>187</sup>

Partindo dessa concepção de modo de escrever, Lewis constrói Nárnia adotando uma perspectiva de mundo antigo inspirada na Idade Média e no Renascimento. Não à toa Nárnia é repleta de criaturas como Náíades e dríades clássicas, e camundongos falantes trajados como nobres cavaleiros. Para os propósitos de sua escrita a sua temporalidade ou a Era das Máquinas como ele intitulou regada por uma noção de progresso e por uma recusa das ideias antigas como sendo ultrapassadas, não daria conta do que ele pretendia fazer. Além disso Lewis esperava que a leitura de Nárnia, estimulasse em seus leitores, o reconhecimento e exploração dos livros, fábulas e condutas desse mundo antigo.<sup>188</sup>

Apesar da amizade, do amor pela nordicidade, dos encontros semanais por um período de mais de uma década, os modos que Lewis e Tolkien enxergavam a fantasia não eram semelhantes. Ao que parece, enquanto Tolkien pretendia construir um “Mundo Secundário”, o mais coerente possível e que fosse palpável para o leitor, Lewis apenas queria desenvolver alguma ideia que aproveitando o que para ele a literatura da fantasia tinha de melhor: construir um universo que não precisava ser preso a nenhuma regra ou sentença ligada a uma coerência literária absoluta.

Entretanto, sem dúvida há uma semelhança entre a escrita dos autores, ambos buscavam a valorização de um mundo antigo, de um mundo que eles consideravam esquecidos pela atual sociedade e que através das suas obras queriam recordar e valorar.

O modo de escrita de Lewis desprendido e mesclando elementos de várias histórias e mitologias, faz de Nárnia uma obra eclética e por mais que seja um desafio traçar as obras e os autores que mais influenciaram na criação da obra, é possível fazer alguns apontamentos a partir do autor e da própria obra e identificar algumas das principais influências literárias utilizadas pelo autor.

---

<sup>187</sup> LEWIS, C. S. Um experimento em crítica literária. Trad. Carlos Caldas, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p.62,63.

<sup>188</sup> DURIEZ, Colin. **Manual prático de Nárnia**. Trad. Celso Roberto Paschoa. Osasco, São Paulo: Novo Século Editora, 2005, p.53, 54.

Sem dúvida nenhuma os escritos de Platão (427-438 a. C) e Aristóteles (348-322 a.C) ajudaram Lewis a formular o pano de fundo das Crônicas. A ideia relacionada a um mundo ideal que possuem em seus formatos visíveis a natureza como cópias imperfeitas, é fortemente explorada em Nárnia tanto em *A Cadeira de Prata* através do diálogo de Brejeiro e a Feiticeira, quanto em *A Última Batalha* através do professor Digory. A existência de algo para além do físico que é muito superior ao físico como argumenta Brejeiro, e Nárnia como sendo apenas uma sombra de uma Nárnia celestial como diz professor Digoy, traz elementos do modo filosófico de Platão entender o mundo ao seu redor, sendo impossível ignorar seu uso na obra.

No capítulo 15 do último livro da saga, Lord Digory afirma: “Está tudo em Platão, tudo em Platão... Caramba! Gostaria de saber o que essas crianças aprendem na escola.”<sup>189</sup> Nos dá uma afirmação que é visível no desenrolar da trama, em Nárnia tudo está em Platão, Lewis abusa de exemplos, imagens, e histórias que levem seus leitores a uma reflexão mais profunda acerca das certezas e dos preceitos que rodeavam seus leitores ingleses da década de 1950.

Como na alegoria da caverna de Platão, Lewis usa a fantasia como uma volta a caverna para demonstrar o real, o que está fora dela, o imutável, na esperança que uma nova antiga perspectiva de mundo ligada a valores que vão além da própria humanidade cativa seus leitores. Assim é possível ver Nárnia como um tipo de manifesto contra a certeza das incertezas que a modernidade traz em relação ao pensamento clássico. Seria então, em Nárnia, o mundo físico e experimental apenas uma sombra do que é real. Não atoa professor Digory afirma no fim da saga:

- Ouça, Pedro. Quando Aslam disse que vocês nunca mais poderiam voltar a Nárnia, ele se referia à Nárnia em que vocês estavam pensando. Aquela, porém, não era a verdadeira Nárnia. Ela teve um começo e um fim. Era apenas uma sombra, uma cópia da verdadeira Nárnia que sempre existiu e sempre existirá aqui, da mesma forma que o nosso mundo é apenas uma sombra ou uma cópia de algo do verdadeiro mundo de Aslam. Lúcia, você não precisa prantear Nárnia. Todas as criaturas queridas, tudo o que importava da velha Nárnia foi trazido aqui para a verdadeira Nárnia, através daquela Porta. Tudo é diferente, sim; tão diferente quanto uma coisa real difere de sua sombra, ou como a vida real difere de um sonho.<sup>190</sup>

Deste modo é possível ver o quanto a filosofia platonista influenciou diretamente no modo como Nárnia foi conduzida e criada, sendo possível ver na obra mesmo que de maneira uma espécie de releitura do mito da caverna de Platão, ou pelo menos uma tentativa de repetição da ideia formulada pelo filósofo.

---

<sup>189</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.730.

<sup>190</sup> *Ibid.*, p.729.



De Aristóteles, Lewis utiliza o conceito de “virtudes” e sua “imagem clássica do mundo”, para exemplificar um modo correto de ser narniano. Sendo um crítico ferrenho do ensino britânico de sua época, Lewis estava querendo mostrar que as crianças não precisavam de regras para se tornarem boas pessoas, e sim de entender sobre um mundo, onde bondade e beleza não se constituem em aspectos subjetivos e sim reais e que trazem recompensas.<sup>191</sup> Nárnia seria então uma espécie de mundo compreendido antes do advento onde a ciência determina tudo que existe. Essa compreensão moralmente rica do mundo que é chamada de “imagem clássica do mundo”<sup>192</sup>.

Lewis acreditava nessa “imagem clássica”, assim como acreditavam Platão e Aristóteles, Deste modo se tem um mundo onde as virtudes são aplaudidas e os vícios punidos, não um mundo onde o bem e o mau são subjetivos, mas de atitudes e ações claras acerca do certo e do errado.<sup>193</sup>

Para os defensores da “imagem clássica” como Aristóteles, o crescimento moral requer três coisas: primeiramente a “instrução” que seria o entendimento de como o mundo moral funciona; em segundo lugar modelos de “imitação” que nos mostrem como sermos moralmente bons e por fim a “habituação”, que seria o ato de repetir tal gesto tantas vezes até que ele se torne um hábito. Além disso no mundo clássico haviam quatro virtudes cardeais: “sabedoria, a coragem, temperança e a justiça.”<sup>194</sup> Esses aspectos são demonstrados nos personagens narnianos e consequentemente influenciam as crianças como pondera Bill Davis:

Seriam necessárias muitas páginas para definir essas virtudes, mas elas podem ser compreendidas com maior clareza se dissermos que o doutor Cornelius é sábio (e, portanto, tem a virtude da sabedoria). Ripchip é corajoso. Brejeiro é moderado (além de bravo). E Aslam é justo (além de sábio, corajoso e moderado). Na imagem clássica, a justiça é a realização de todas as virtudes.<sup>195</sup>

Edmundo, Eustáquio e Jill Pole, são ótimos exemplos de como isso se dá na história. Edmundo, antes um traidor, com a influência de Aslam luta contra a Feiticeira Branca, sendo quase morto, destrói a vara mágica da bruxa e ajuda Aslam a derrotá-la. Isso faz com que ele

<sup>191</sup> DAVIS, Bill. *Extreme Makeover – reforma total: o desenvolvimento moral e o encontro com Aslam*. In: BASSHAM Gregory; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) *As Crônicas de Nárnia e a filosofia o leão, a feiticeira e a visão do mundo*. São Paulo: Ed. Madras, 2006. p.113.

<sup>192</sup> As questões acerca da imagem clássica do mundo pode ser encontrada na obra *República* de Platão; *Ética a Nicômaco* de Aristóteles; *Confissões* de Agostinho e na *Suma Teológica* de Tomás de Aquino.

<sup>193</sup> DAVIS, Bill. *Extreme Makeover – reforma total: o desenvolvimento moral e o encontro com Aslam*. In: BASSHAM Gregory; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) *As Crônicas de Nárnia e a filosofia o leão, a feiticeira e a visão do mundo*. São Paulo: Ed. Madras, 2006. p.114.

<sup>194</sup> Idem.

<sup>195</sup> Ibid., p.114,115.

receba o título de Edmundo, o Justo, que constitui na realização de todas as virtudes cardeais. De forma semelhante ao rapaz, Eustáquio antes um esnobe egocêntrico ao se transformar em dragão é influenciado por Ripchip que se torna seu companheiro mais fiel, e o aconselha sobre os perigos das riquezas, e sobre fazer valer a pena a vida. E assim acontece durante a história com uma mudança plena de comportamento de Eustáquio, que usa da sua forma de dragão para aquecer, caçar e proteger seus amigos.

Por fim, e não menos importante a menina Jill Pole, que antes tímida e egoísta, começa a ter novas atitudes ao encontrar Aslam e somada a influência de Brejeiro, se torna uma menina corajosa que decide obedecer Aslam mesmo quando isso poderia custar sua vida. Deste modo é perceptível na construção da história tanto a influência de Platão quanto de Aristóteles na saga.

Também determinantes na construção de Nárnia, são Homero (cerca do século IX a.C) e Virgílio (70-19 a.C). Para Colin Duriez, estudioso do autor, *A viagem do Peregrino da alvorada*, é em parte uma homenagem à *Odisseia* de Homero narrando uma viagem marítima com numerosas aventuras, repletas de magia de contos de fadas, que testam a coragem e a habilidade de Ulisses. De modo semelhante em Nárnia, os heróis da saga durante todo o percurso têm seus desejos colocados a prova, o que exige deles atos de heroísmo.<sup>196</sup>

Como exemplo disso temos Lúcia que é tentada por um feitiço mágico a se tornar mais bonita que sua irmã Susana, a qual ela invejava pela beleza. Entretanto a menina consegue suportar a tentação com a ajuda de Aslam, sem se corromper. Tais eventos como o ocorrido com Lúcia acontecem durante toda a trama da história com a maioria dos protagonistas da narrativa, dialogando com os perigos e desafios que Ulisses também passa em sua narrativa.

De *Eneida* de Virgílio, Lewis personifica as virtudes que ele valoriza em Nárnia epitomizados em sua Idade de Ouro quando as crianças Pevensie são reis e rainhas. Sendo possível perceber as ideias ocidentais de civilização presentes na obra de Virgílio também presentes em Nárnia.<sup>197</sup> Assim como o herói Enéias de Virgílio, traz um retrato das virtudes de como ser romano, Lúcia, Edmundo, Susana e Pedro personificam no fim do primeiro livro um modo correto de ser. Não atoa Aslam os condecora com virtudes; Lúcia, a destemida; Edmundo, o justo; Susana, a Gentil e Pedro, o Magnífico.<sup>198</sup>

---

<sup>196</sup> DURIEZ, Colin. Manual prático de Nárnia. Trad. Celso Roberto Paschoa. Osasco, São Paulo: Novo Século Editora, 2005, p.57.

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.184.

Outra obra que influenciou Nárnia diretamente foi a Bíblia, para além de toda a alegoria cristã presente na obra, o próprio modelo histórico da narrativa bíblica é utilizado como modelo para a construção de Nárnia - passando pela queda do homem, sua redenção, o juízo final, e um novo céus e terras, dentro das sete histórias escritas por Lewis.

Tão importante quanto a Bíblia na construção de Nárnia, está *The Faerie Queene* de Edmund Spenser (1552-1599). A obra é uma alegoria baseada na tradição das histórias de cavalaria. *The Faerie Queene* são doze livros que se constroem a partir da narrativa de uma festa que dura doze dias, e em cada dia é apresentado um problema, que o cavaleiro da história que nem sempre é o mesmo, deve corrigir comprovando ser um herói de uma determinada virtude. O príncipe Artur é o herói principal que aparece, em todos os doze livros. Assim como em Nárnia, a obra é repleta de mitologia clássica, da era medieval, do romance e da imaginação do escritor.<sup>199</sup>

A crítica literária Doris Myers acredita que Lewis seguiu os passos de Spenser ao escrever as Crônicas, já que tendo o autor vivido durante tantos anos com o reino encantado de Spenser, ele criou um universo paralelo próprio, farto de imagens da vida. As Crônicas podem ser entendidas para Doris como um *Faerie Queene* em miniatura e ressalta que Lewis alinhou desde de personagens externalizados como Baco e Papai Noel, até pessoas bem-individualizadas, como Eustáquio e Jill.

Semelhante a Spenser, Lewis combina imagens da Bíblia, da mitologia clássica e das terras do norte, da literatura inglesa e europeia e dos contos de fadas irlandeses. Tanto Lewis como Spenser, para a pesquisadora, celebram as virtudes das tradições judaico-cristã e ocidental, “fé, moderação, amor e amizade, justiça e piedade, cortesia e particularmente, coragem”.<sup>200</sup>

De todas as influências para a escrita da literatura da fantasia de Lewis e consequentemente para Nárnia, ninguém foi mais importante do que George MacDonald (1824-1905) que Lewis considerava seu mestre em relação ao gênero. Suas fantasias adultas como *Phantastes e Lilith* são marcos do gênero, e Lewis coloca *Phantastes* como a primeira fantasia responsável por batizar sua imaginação.

A influência do MacDonald é tão marcante para o autor que o mesmo decidiu produzir um livro em homenagem ao seu mestre, porque acreditava ter uma dívida para com ele. Em prefácio a obra que foi intitulada *George MacDonald – Uma Ontologia*, Lewis afirma o

---

<sup>199</sup> DURIEZ, Colin. Manual prático de Nárnia. Trad. Celso Roberto Paschoa. Osasco, São Paulo: Novo Século Editora, 2005, p.58,59.

<sup>200</sup> Idem., p.59.

seguinte: “eu gostaria de nunca ter escrito um livro sem citá-lo. Contudo, não me parece que aqueles que bondosamente receberam meus livros se dão conta dessa filiação. A honestidade me impulsiona a enfatizar esse ponto.”<sup>201</sup>

Sendo tal declaração feita em 1946, na publicação do livro, é obvio que Lewis colocaria elementos que remetessem a MacDonald em Nárnia. Isso é perceptível na maneira que o autor constrói sua saga, não como uma fantasia meramente infantil, mas como uma história que trouxesse maneiras de abordar pensamentos teológicos e morais, assim como ele acreditava que as histórias de MacDonald faziam:

A qualidade que me encantara em suas imaginativas obras transformou-se na qualidade do universo real, do divino, da magia, abalando e extasiando a realidade na qual nós todos vivemos. Eu teria sido impactado em minha adolescência se alguém me dissesse que aquilo que aprendi a amar em *Phantastes* era bondade.<sup>202</sup>

Talvez mediante a isso, seja MacDonald o principal responsável por Nárnia ter se tornado um universo cheio de alegorias que perpassavam apenas uma literatura infantil.

Entre seus contemporâneos Owen Barfield, J. R. R. Tolkien e Charles Williams eram além de amigos, as pessoas que analisavam suas obras e escritos e opinavam sobre tal, tendo com certeza participação no processo de construção narniano através da influência dos seus escritos e das suas opiniões. Tanto Lewis, quanto Owen, Tolkien e Williams se tornaram as figuras mais significativas dos Inklings, e é difícil determinar a influência de cada um nos escritos dos seus colegas por ser o Inklings um grupo muito intimista e que mantinha seus diálogos de maneira pessoal.

O que sabemos em relação a Lewis, é que ele ficou encantado com o romance *The Place of the Lion* de Williams, e que possivelmente a imagem do leão como principal personagem de Nárnia pode ser oriunda do seu entusiasmo pela obra do seu amigo. Sobre Tolkien sabe-se que ele foi determinante para a conversão de Lewis e que o mesmo considerava Lewis o parceiro da saga *O Senhor dos anéis* pelo entusiasmo e a motivação que não deixava Tolkien parar de escrever. Além disso apesar dos percalços e desavenças, os autores dividiram uma amizade que durou de 1926 até a morte de Lewis em 1963.

É necessário pontuar também, que o fato de Lewis escrever Nárnia, logo após a leitura de *O Senhor dos anéis*, deixa algumas interrogações acerca de C. S. ter escrito a obra por ter

---

<sup>201</sup> LEWIS, C. S. Prefácio. In: C. S. Lewis – George MacDonald – Uma ontologia. Trad. Carlos Caldas, 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p.35, 36.

<sup>202</sup> LEWIS, C. S. Prefácio. In: C. S. Lewis – George MacDonald – Uma ontologia. Trad. Carlos Caldas, 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p.37.

ficado muito encantado com o que Tolkien tinha construído, tendo fontes, que apontam um certo ressentimento por parte de Tolkien pelo uso de suas ideias em Nárnia, e a falta de crédito dado a ele por parte de Lewis. E apesar de nunca ter assumido, o conceito de “*Mundo Secundário*” formulado por Tolkien, pode ser sim, colocado como uma ferramenta que Lewis utilizou para criar Nárnia, mesmo que a sua maneira.

Já Owen Barfield, merece citação tanto por ser um dos principais membros do Inklings, como também por Lewis o considerar o seu amigo mais desafiador, derrubando duas das convicções teóricas do autor. A primeira, chamada por ele de “esnobismo cronológico” seria a aceitação acrítica do ambiente intelectual comum à época e a suposição de que tudo que ficou desatualizado é por isso desprezível. Era preciso descobrir porque determinada coisa desatualizou. Será que chegou a ser refutada? E se sim, por quem? Onde? E até que ponto? Ao refletir sobre isso Lewis, percebeu que cada época tem como todo período suas ilusões características.<sup>203</sup>

Owen Barfield, também convenceu Lewis que o modo de pensar deles, não permitia um encaixe com nenhuma teoria satisfatória de conhecimento. Ou seja, apesar deles se considerarem “realistas”, aceitando como realidade básica do universo aquilo que pode ser revelado pelos sentidos, também defendiam o pensamento abstrato desde de que obediente a regras lógicas, como possível de alcançar uma verdade incontestável. Além disso criam em um juízo moral “válido” e que a experiência estética, não era meramente agradável, mas “valiosa”.<sup>204</sup>

A argumentação de Barfield, faz com que Lewis abandone o realismo por ser insustentável com a visão que ele mesmo abraçava de mundo. Se todo pensamento era subjetivo como os realistas acreditavam, não era possível abraçar nenhuma visão de mundo que fosse teísta ou mesmo idealista.<sup>205</sup> Vale ressaltar que nesse período Lewis nem se considerava ainda teísta e que aceitar o fato de não conseguir refutar a argumentação de Barfield, é considerado um grande passo rumo a aceitação do teísmo pelo autor.

Tais condutas, tanto de um passado que deve ser valorizado, apesar da época, como de um juízo moral “válido” são perceptíveis em toda a história de Nárnia, sendo o pensamento de Barfield presente em toda a história. Além disso, Lewis considerava Barfield como, “o mais

---

<sup>203</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.186,

<sup>204</sup> Idem.

<sup>205</sup> Idem.

sábio e o melhor de meus professores extraoficiais”<sup>206</sup> e nutria grande carinho por Lucy, filha de Owen, que sofria de esclerose múltipla. O primeiro livro da saga é dedicado a ela.

Lewis também menciona duas escritoras como fundamentais na sua construção como escritor e que visivelmente tem suas influências em Nárnia. A primeira é Edith Nesbit, que como já mencionado por nós<sup>207</sup> tem seu conceito de transporte de mundos através de uma guarda-roupa utilizado por Lewis em Nárnia, após o autor ler uma obra sua. Além disso, Nesbit tinha em suas histórias esse elemento relacionado a crianças que deixam suas casas, em busca de aventuras encontrando criaturas mágicas. Não menos importante, antes de começar a escrever *o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, Lewis assume em carta que escreveria um romance estilo Nesbit, sendo incontestável a influência da escritora sobre a escrita de Nárnia.

Não menos importante, Beatrix Potter, uma das leituras preferidas do autor na infância e que tinha como característica animais antropomorfizados. Além, do mais, Lewis considerou a obra da autora intitulada *Squirrel Nutking*, como um dos seus primeiros contatos com o lampejo inicial da “alegria”, um desejo inconsolável e que talvez seja o conceito mais abordado por Lewis em seus trabalhos.<sup>208</sup> Sobre isso o autor pondera: “Perturbava-me com aquilo que só posso descrever como a Ideia do Outono. Soa fantástico dizer que alguém pode se enamorar de uma estação, mas isso muito se assemelha ao que aconteceu.”<sup>209</sup>

Outro autor influente para Nárnia foi, Rudolf Otto, e sua obra clássica intitulada *O sagrado* (1923), lida por Lewis em 1936 e citada por ele como uma das que mais o influenciou.<sup>210</sup> Foi a partir dessa obra que Lewis passou a entender a importância do “numinoso” – qualidade misteriosa e assombrosa de certas coisas e seres reais ou imaginados: “O relato de Otto sobre suas experiências com o “numinoso” possuía dois tipos de tema: um “mysterium tremendum”, ou seja uma sensação de mistério que evoca temor e tremor e um “mysterium fascinans” ou seja um mistério que fascina e atrai.”<sup>211</sup>

Em sua obra *O problema do sofrimento*, Lewis aborda a partir da obra *O vento nos salgueiros*<sup>212</sup> de Keneth Grahame um exemplo do *numinoso*:

<sup>206</sup> CF: (LEWIS, C. S. Alegoria do amor. Trad. Gabriele Greggersen, Realizações Editora, São Paulo, 2012, p.3.)

<sup>207</sup> Conferir página 26 desta dissertação.

<sup>208</sup> DURIEZ, Colin. Manual prático de Nárnia. Trad. Celso Roberto Paschoa. Osasco, São Paulo: Novo Século Editora, 2005, p.170.

<sup>209</sup> LEWIS, C. S. Surpreendido pela alegria. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015, p.22.

<sup>210</sup> (CF: a lista de dez obras que Lewis identificou em 1962, um ano antes da sua morte. Christian Century, 6 de jun. de 1962 *apud* MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.302.)

<sup>211</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.303.

<sup>212</sup> Obra de literatura juvenil escrita por Keneth Grahame no início do século XX.

- Rato - ele encontrou fôlego para sussurrar tremendo - está com medo?  
 - Com medo? - murmurou o Rato, com os olhos brilhando de amor indizível. - "Com medo? D'Ele? Oh, jamais, jamais. E todavia, ó, Toupeira, estou com medo."<sup>213</sup>

Lewis se apropria do conceito em *As Crônicas de Nárnia*, na figura do leão Aslam:

- Dizem que Aslam está a caminho; talvez até tenha chegado.  
 E aí aconteceu uma coisa muito engraçada. As crianças ainda não tinham ouvido falar de Aslam, mas no momento em que o castor pronunciou esse nome, todos se sentiram diferentes. Talvez isso já tenha acontecido a você em sonho, quando alguém lhe diz qualquer coisa que você não entende, mas que, no sonho, parece ter um profundo significado – o qual pode transformar o sonho em pesadelo ou em algo maravilhoso, tão maravilhoso que você gostaria de sonhar para sempre o mesmo sonho.  
 Foi o que aconteceu. Ao ouvirem o nome de Aslam, os meninos sentiram que dentro deles algo vibrava intensamente. Para Edmundo, foi uma sensação de horror e mistério. Pedro sentiu-se de repente cheio de coragem. Para Susana foi como se um aroma delicioso ou uma linda ária musical pairasse no ar. Lúcia sentiu-se como quem acorda na primeira manhã de férias ou no princípio da primavera.<sup>214</sup>

Se levarmos em consideração que Lewis realmente utilizara o conceito, podemos perceber Edmundo afetado pela experiência numinosa “misterium tremendum”, enquanto Lúcia, Susana e Pedro são afetados pela experiência numinosa “misterium fascinans”.

Deste modo, Nárnia dialoga com uma tradição literária infantil ligada às novelas de cavalaria presentes nos séculos XII e XIII, ou à presença de animais falantes e de lições de morais possíveis de observar desde a Chapeuzinho Vermelho dos irmãos Grimm a *Tale of Petter Rabbit*, de Potter. Mas ela também possui várias ligações com obras tidas como clássicas como a *Odisseia*, *A República*, *As mil e uma noites* e *Eneida*, e que estão longe de serem consideradas obras do gênero da fantasia ou infantis.

### 2.3 A intertextualidade entre Nárnia a Bíblia e a teologia cristã.

Talvez o mais evidente de todos os aspectos seguintes apresentados seja a teologia cristã presente em *As Crônicas de Nárnia*<sup>215</sup>. Como já demonstramos no tópico anterior Lewis assume uma tentativa de construir um mundo paralelo que comunicasse com o real e que a mesma

<sup>213</sup> The Wind in the Willows, p.156 *apud* C. S. Lewis. O problema do sofrimento. São Paulo: Editora Vida, 2009, p.23,

<sup>214</sup> LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.133.

<sup>215</sup> Para essa análise utilizaremos a edição de *As Crônicas de Nárnia*, em volume único, traduzida por Paulo Mendes Campos e por Silêda Steuernagel, da editora Martins Fontes, publicada no ano de 2009.

história de um mundo caído redimido por um salvador fosse contada e é isso que vemos em Nárnia.

Por mais que C. S. Lewis negue a intencionalidade de escrever uma história com alguns dos principais conceitos da fé cristã, é isso que ele acaba por fazer e para além disso, traz até semelhanças narrativas entre a escrita bíblica e sua escrita, como demonstraremos. Para o presente momento tentaremos apresentar apenas algumas analogias por livro, não sendo nosso objetivo um estudo mais aprofundado<sup>216</sup> dessas analogias, mas sim demonstrar como o intertexto ocorre e a teologia cristã é inserida.

Sendo *Nárnia* uma obra que comunica com várias outras obras tanto do seu autor como de outros autores, o conceito de intertexto será muito importante para nós nesse momento. Como pondera Roland Barthes – “um texto é feito de múltiplas escrituras, elaboradas a partir de diversas culturas e ingressante em uma relação mútua de diálogo, paródia e contestação.”<sup>217</sup> Deste modo o autor ao escrever ele se comunica com uma rede de outros autores e de outras obras, fazendo com que seu texto seja parte de uma teia de outros textos e ideias.

Esse conjunto de citações que constroem um novo texto recebeu por parte da crítica literária Julia Kristeva, o nome de intertexto ou intertextualidade que ela define da seguinte forma: “Todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla.”<sup>218</sup> Tal conceito foi formulado a partir da análise de Kristeva dos estudos de outro importante estudioso, Mikhael Bakhtin e sua noção de discurso saindo da perspectiva monológica, histórica e científica e o entendendo como um dialogismo, sendo a “palavra literária”<sup>219</sup> não algo estático, mas sim um cruzamento de várias superfícies textuais, que perpassam pelas leituras do escritor, do destinatário, e as do contexto presente e passado da cultura, sendo o texto em si uma “unidade minimal da estrutura”.<sup>220</sup>

Deste modo, a primeira história de Nárnia se chama *O Sobrinho do mago* que irá tratar da criação da terra de Nárnia, da queda do homem na figura de Digory, e do processo de

---

<sup>216</sup> Para quem tem interesse em um trabalho amplo só acerca do intertexto bíblico com Nárnia, consultar a obra Descubra Nárnia, Verdades em: As Crônicas de Nárnia de C. S. Lewis, do autor Christin Ditchfied.

<sup>217</sup> BARTHES, Roland. O rumor da língua. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.69.

<sup>218</sup> KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p.64.

<sup>219</sup> No interior desse ‘grande diálogo’ ecoam, iluminando-o e condensando-o, os diálogos composicionalmente expresso dos personagens; por último o diálogo se adentra no interior, em cada palavra do romance, tornando-se bivocal [...]. (CF: Bakhtin, Mikhail. *Os problemas da poética de Dostoiévsky*. Trad: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2002, p.34).

<sup>220</sup> Ibid., p.62.



redenção. Vários paralelos são encontrados em relação ao contexto bíblico principalmente com o livro bíblico de Gênesis.<sup>221</sup>

E nesse sentido Lewis utiliza da ideia de sonoridade bíblica presente no livro inicial bíblico – “Disse também Deus: haja luzeiros no firmamento nos céus. [...] Fez Deus os dois grandes luzeiros: o maior para governar de dia e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas.”<sup>222</sup> Essa imperatividade de uma fala criadora é aplicada a Nárnia em forma de canto:

O leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção. Era a mais suave e ritmada canção com o qual convocara as estrelas e o sol; uma canção doce e sussurrante. À medida que caminhava e cantava, o vale ia ficando verde de capim.<sup>223</sup>

Após isso, temos a analogia relacionada ao cocheiro e sua esposa que se tornam os primeiros reis e rainhas de Nárnia, e que é dado por Aslam o dever de proteger Nárnia, assim como seus animais e tudo que estava ali, se assemelhando bastante ao que ocorre a Adão após sua criação no Éden.

Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para cultivar e o guardar.  
[...] tenha o domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra<sup>224</sup>

A seguir o trecho que uma ordem semelhante é dada ao copeiro e sua esposa em Nárnia: “Reinarão sobre estas criaturas e a elas darão nomes e farão justiça, e as protegerão dos inimigos quando os inimigos vierem.”<sup>225</sup> Por fim as três analogias mais explícitas são em torno do personagem Digory que na narrativa narniana é responsável pelo “pecado” de trazer a Feiticeira Branca para Nárnia, ao tocar um sino e quebrar o encanto a libertando do seu sono profundo e a transportando para Nárnia da sua antiga cidade destruída Charn.

Ao saber do mal que entrará no mundo de Nárnia, Aslam diz: “E como a raça de Adão trouxe a ferida, que a raça de Adão trabalhe para saná-la [...] mas temos uma longa jornada e

<sup>221</sup> MORAES, J. M. S. Fantasia ou Religião? As representações religiosas em As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis. 2018, p.46

<sup>222</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p.8.

<sup>223</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 59.

<sup>224</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p.8, 9.

<sup>225</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 75.

cuidarei para que o pior caia sobre mim”<sup>226</sup>, aqui é visível que Lewis constrói um gancho do que aconteceria no livro seguinte com a morte de Aslam, que já tinha sido escrito por ele.

Entretanto na primeira história pelo menos de maneira prévia a responsabilidade de recuperar a ordem de Nárnia foi dada por Aslam para Digory que tinha a missão de trazer um fruto em terras longínquas que manteria a Feiticeira Branca afastada de Nárnia, por um tempo: “[...] No centro do jardim há uma árvore. Apanhe uma maçã dessa árvore e traga a fruta para mim.”<sup>227</sup> Visivelmente Lewis se apropria do mito da maçã como fruto sagrado para fazer uma analogia ao fruto bíblico que também ficava no centro do jardim no relato bíblico e dá a ordem específica para que Digory apenas traga o fruto. E nesse sentido se tem a última e mais relevante analogia bíblica relacionada a tentação referente ao fruto.

O texto bíblico acerca da tentação de Adão e Eva traz o seguinte relato: “[...] mas do fruto da árvore que está no meio do jardim disse Deus: dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.”<sup>228</sup> Como se sabe ao decorrer da narrativa, a Serpente contra argumenta a ordenação de Deus, dizendo sobre as vantagens da desobediência a autoridade divina: “a serpente disse à mulher: É certo que não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus sereis conhecedores do bem e do mal.”<sup>229</sup>

Fica visível que a mesma estratégia persuasiva e sedutora usada pela Serpente no jardim será usada pela Feiticeira Branca, a vontade de experimentar o proibido, a busca pela eternidade, poder e autonomia em relação a uma entidade divina se encontra em ambos os discursos, e a maçã também é o fruto portador do pecado:

-Sei a missão que o trouxe aqui, - continuou a feiticeira – Era eu que estava perto de vocês na noite passada, ouvindo tudo. Você colheu o fruto do jardim. Está no seu bolso. E vai levá-lo sem provar dele, para o Leão: para que ele coma o fruto, para que ele use o fruto. Simplório! Sabe que fruto é esse? É a maçã da eterna juventude. Sei por ter provado, e também já sei que jamais ficarei velha ou morrerrei. Coma a maçã rapaz, coma a maçã... e viveremos os dois eternamente e seremos reis deste mundo... ou do seu mundo se resolver voltar para lá.<sup>230</sup>

Por fim Digory resiste a tentação leva o fruto a Aslam que planta uma árvore e dessa árvore dá uma semente para que Digory leve para o mundo “real” plante e dê do seu fruto para sua mãe que estava doente. Assim com o tempo a macieira acaba morrendo e da sua madeira é feita um guarda-roupa que será a passagem para Lúcia chegar a Nárnia no segundo livro.

---

<sup>226</sup> Ibid., p.74

<sup>227</sup> Ibid., p.78.

<sup>228</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p.10.

<sup>229</sup> Ibid., p.10.

<sup>230</sup> Op cit., p.86.

Em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, temos o maior número de analogias cristãs dos sete livros. Seus principais temas são: a doação da vida de um inocente para salvar um culpado; a ressurreição desse mesmo inocente, não podendo ser prisioneiro de um culpa que não era sua; a traição em troca de bens que agradam os desejos carnavais e a redenção de um mundo caído.<sup>231</sup>

A primeira analogia está relacionada a traição de Edmundo aos seus irmãos que os entrega para a Feiticeira Branca em troca de um doce chamado Manjar Turco. Interessante salientar que como já mencionado por nós a questão do racionalmente inglês no pós-guerra fazia com que alimentos como doces fossem raros de se encontrar, o que fez com que Lewis utilizasse tal alimento por constituir em algo que era desejado pelos seus leitores e que explicaria porque Edmundo ficou tentado.

Assim logo no início da história do livro dois, ocorre a traição:

-Manjar turco majestade por favor – disse Edmundo.[...]  
 Enquanto ele comia, a rainha não cessava de fazer-lhe perguntas[...]  
 [...] Aos poucos, ela foi-lhe arrancando tudo: tinha um irmão e duas irmãs; uma das irmãs já conhecia Nárnia e tinha encontrado um fauno; ninguém mais a não ser ele, o irmão e as irmãs sabiam da existência de Nárnia.[...]  
 -Filho de Adão, gostaria muito de conhecer seu irmão e suas irmãs. Você é capaz de trazê-los aqui para uma visita?  
 -Posso tentar – disse Edmundo, olhando para a caixa vazia.  
 -Porque se voltar aqui e trazer seus irmãos, vou dar-lhe mais manjar turco.<sup>232</sup>

Edmundo desejando o manjar, procurava a melhor oportunidade para entregar seus irmãos. De modo semelhante na narrativa cristã, Judas pelo seu desejo em obter mais dinheiro trai Jesus por 30 moedas de prata e procura uma maneira de entregá-lo: “E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar Jesus. Eles ouvindo-o, alegraram-se e lhe prometeram dinheiro; nesse meio tempo, buscava ele uma boa ocasião para o entregar.”<sup>233</sup>

Nas regras de Nárnia, todo aquele que fosse um traidor seria propriedade da Feiticeira Branca, assim como o direito de matá-lo. Por Edmundo se constituir em um traidor, ele agora pertencia a Feiticeira. Dessa forma, segundo a regra criada pelo Imperador de Além-mar, a única forma de salvar Edmundo seria alguém que o substituísse, dando sua vida para o salvá-lo. Aslam aceita entregar-se para salvar Edmundo, dando seu sangue como pagamento da traição de Edmundo, e recebendo para si a ira destinada a este sendo nesse ponto que a história adquire um caráter

<sup>231</sup> MORAES, J. M. S. Fantasia ou Religião? As representações religiosas em *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis. 2018, p.48.

<sup>232</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.117, 118.

<sup>233</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p. 975.

redentor.<sup>234</sup> Isso nos remete a narrativa cristã em que Cristo é entregue em sacrifício: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.”<sup>235</sup>

Pós Aslam morrer, ele volta a vida baseado no que é chamado na história de *magia ainda mais profunda*, onde a morte não poderia prender uma alma que fosse inocente e se voluntariasse a morrer por um traidor. E as conexões textuais entre Nárnia e a Bíblia ficam ainda mais evidentes:

-Oh!Oh!Oh!- gritaram as meninas, correndo para a mesa.  
 -Isso é demais! Podiam ao menos ter deixado o corpo em paz  
 -Mas que coisa é essa? Ainda será magia?  
 Magia, sim – disse uma voz forte, pertinho delas.- Ainda é magia[...]  
 -Aslam! Aslam! - exclamaram as meninas, espantadas, olhando para ele, ao mesmo tempo assustadas e felizes.  
 -Você não está morto?  
 -Agora, não  
 -Mas você não é... um... um...? -Susana, trêmula, não teve a coragem de usar a palavra “fantasma”.<sup>236</sup>

Na história lewisiana, as duas primeiras pessoas a encontrarem Aslam são Susana e Lúcia, na história bíblica isso acontece da mesma forma com Maria Madalena e Maria, e não menos importante no evangelho de João a mesma surpresa demonstrada por Susana e Lúcia em relação ao desaparecimento do corpo de Aslam é vista em Maria Madalena em relação ao sumiço do corpo de Jesus. Por fim, assim como Susana acredita ser Aslam um fantasma, os discípulos possuem uma reação semelhante quando Cristo aparece no meio deles. Embora a ideia de fantasmagoria seja um construto contemporâneo, o espanto se dá no sentido dos personagens bíblicos acreditarem estar diante de um espírito:<sup>237</sup>

E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos. E eis que veio Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas aproximando-se abraçaram-lhe os pés e o adoraram.<sup>238</sup>

Falavam ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco! Eles, porém, surpresos e atemorizados acreditavam estarem vendo um espírito.<sup>239</sup>

<sup>234</sup> MORAES, J. M. S. Fantasia ou Religião? As representações religiosas em As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis. 2018, p.49.

<sup>235</sup> Op cit., p.1095.

<sup>236</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.174.

<sup>237</sup> MORAES, J. M. S. Fantasia ou Religião? As representações religiosas em As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis. 2018, p.51.

<sup>238</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p. 952.

<sup>239</sup> Ibid., p.1016.

Sendo assim com a ressurreição de Aslam, a Feiticeira Branca é derrotada por ele com ajuda de Pedro, Edmundo (que é perdoado), Susana e Lúcia, que se tornam reis e rainhas de Nárnia crescendo e se tornando adultos. Entretanto no fim da história ao caçarem um Veado branco, os quatro protagonistas entram novamente na passagem que dá para o guarda-roupa se tornando novamente crianças, finalizando assim o segundo livro.

Diferente de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, o terceiro livro *O sobrinho do mago* é o que apresenta menos analogias bíblicas, mas mesmo assim é possível identificá-las. Para além disso, o livro vai trazer de maneira bem evidente o conceito de providencia divina, representado pelo cuidado de Aslam ao protagonista da trama Shasta como veremos a seguir.

Em relação as semelhanças bíblicas, há uma ligação muito próxima entre Shasta, e o personagem bíblico, Moisés. Nas duas narrativas, ambos são retirados da água por pessoas que não tinham a obrigação de salvá-los, ambos não são originários do povo onde crescem, ambos fogem da terra onde cresceram e ambos têm uma ligação com uma entidade divina que os ajuda a salvar seu povo de origem.

Quando se analisa tanto o texto narniano, quanto o texto bíblico, também é possível notar semelhanças além do contexto. Tanto Shasta, quanto Moisés ao se encontrarem com as figuras divinas, recebem respostas semelhantes dessas divindades. Quando Moisés encontra Deus em forma de Sarça ardente lhe pergunta quem ele é, Deus lhe responde: “Eu sou o que sou.”<sup>240</sup> E quando isso acontece com Shasta em relação a Aslam a resposta é quase igual: - “Eu mesmo! [...] E de novo – Eu mesmo.”<sup>241</sup> Lewis, já tinha apresentado o leão Aslam para seu público, não tinha porque ele mudar a apresentação do leão já na terceira história. Deste modo devido a semelhança entre as duas narrativas, e o próprio padrão que o autor vai demonstrando durante toda a obra, acreditamos que a mudança vem de encontro em uma intencionalidade em se conectar a narrativa cristã.

Por fim a última analogia se refere ao conceito teológico de providencia divina<sup>242</sup> teorizado por Santo Agostinho e que Lewis discutiu em sua obra *Milagres*. A providência seria o onipotente e onipresente poder pelo qual Deus sustenta, com sua mão, o céu, a terra e todas as criaturas governando tudo de tal forma que todas as coisas que acontecem não são obras do acaso, mas procedem do seu querer.<sup>243</sup> Vejamos como isso ocorre no caso de Shasta:

<sup>240</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p. 63.

<sup>241</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.262.

<sup>242</sup> Para um maior aprofundamento da ideia de providência no pensamento de Santo Agostinho, consultar as obras *A Cidade de Deus*, *Confissões*, *O Livre-Arbitrio* e *da Verdadeira Religião*.

<sup>243</sup> ESTANDARTE DE CRISTO, Catecismo ortodoxo. Trad: Camila Rebeca Teixeira, 2020, p.34.

“Devo ser o cara mais desgraçado de todo o mundo, pensou”. Tudo dá certo com os outros, comigo nunca. [...]

-Não acho que seja um desgraçado – disse a grande voz.

-Mas não foi falta de sorte ter encontrado tantos leões?

-Só há um leão – respondeu a voz

-Não estou entendendo nada. Havia pelo menos dois naquela noite...

-Só há um leão, mas tem o pé ligeiro

-Como sabe disso?

-Eu sou o leão

Shasta escancarou a boca e não disse nada. A voz continuou.

-Fui eu o leão que o forçou a encontrar-se com Aravis. Fui eu o gato que o consolou na casa dos mortos. Fui eu o leão que espantou os chacais para que você dormisse. Fui eu o leão que assustou os cavalos a fim de que chegassem a tempo para avisar o rei Luna. E fui eu o leão que o empurrou para a praia a canoa em que você dormia, uma criança quase morta, para que um homem acordado à meia-noite, o acolhesse.<sup>244</sup>

Sendo assim por mais que *O cavalo e seu menino* não tenham analogias tão explícitas quanto as obras anteriores, ainda é possível de se notar ligações a tradição crista e ao intertexto bíblico ligado a Moisés.

Em *O Príncipe Caspian*, encontramos uma Nárnia naturalista e que se esquecera de Aslam e do caráter mágico do lugar. A similaridade com os escritos cristãos e com sua teologia partem da relação de Lúcia com seus irmãos, e no fato de somente a irmã mais nova conseguir ver Aslam no início da narrativa não possuindo créditos por isso dos seus irmãos. Vale ressaltar que no início de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, Lúcia também é a primeira a encontrar Nárnia e a contar para seus irmãos sobre esse mundo mágico e de modo semelhante seus irmãos não lhe dão crédito. Como Lúcia não tinha mentido da primeira vez, era de se esperar que seus irmãos acreditassem nela, mas com exceção de Edmundo isso não ocorre.

Deste modo em parte da trama, Aslam só aparece para Lúcia mesmo sendo essa a mais nova o que remete a uma ideia de inocência e fé que remete muito a tradição crista: “E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que se não se converterdes e não vos tornardes como crianças de modo algum entrareis no reino dos céus.”<sup>245</sup>

Entretanto além de acharem que Lúcia estava confusa, os irmãos quebram o preceito relacionado a fé cristã – “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem.”<sup>246</sup> O que também ocorreu na história de Tomé<sup>247</sup> ao saber da ressurreição de Cristo e só dizer que creia se colocasse os dedos nos buracos de suas mãos. Do mesmo modo os

<sup>244</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.262.

<sup>245</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p.935.

<sup>246</sup> Ibid., p.1208.

<sup>247</sup> (CF: BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p.1046.)

irmãos só acreditam na história de Lúcia com o aparecimento de Aslam, e mais uma vez virão que a irmã dizia a verdade. Sendo assim, *Príncipe Caspian* tem muito mais uma lição cristã moral, do que necessariamente um intertexto claro com as escrituras.

Em *A viagem do Peregrino da Alvorada* as analogias voltam com peso a partir principalmente do menino Eustáquio. Desde de o início da história o personagem de Eustáquio é um rapaz antipático e ignorante. Durante a saga ao colocar um bracelete encontrado em uma das ilhas Solitárias, Eustáquio é acometido por uma maldição e se transforma em um dragão o que causa uma mudança significativa nas atitudes do menino que ao invés de desprezar todos como vazia de antemão, começa a aceitar beijos e carinhos de Lúcia que o consolava pela desgraça que lhe recaíra. Às vezes, sobrevoava a ilha para contar sobre suas características aos tripulantes do Peregrino da Alvorada e nas noites úmidas deixava que todos se encostassem a seu corpo para se aquecerem. Todos começam a gostar de Eustáquio pela sua mudança de comportamento e, da mesma forma, ele também se afeiçoava aos seus colegas de tripulação.<sup>248</sup>

Com a mudança de comportamento Eustáquio se encontra com Aslam e toda cerimonia remete muito a ideia de conversão de mudança de ser e da própria cerimônia batismal presente na tradição cristã:

Vi que era uma nascente porque a água brotava do fundo, mas era muito maior do que a maioria das nascentes – parecia uma grande piscina redonda, para o qual descia em degraus de mármore [...]

Mas o leão me disse para tirar a roupa primeiro. Para dizer a verdade não sei se falou em voz alta ou não. Ia responder que não tinha roupa, quando lembrei que os dragões são, de certo modo, parecidos com as serpentes e estas largam pele. “Sem dúvida alguma é o que ele quer”, pensei.

Assim comecei a esfregar-me, e as escamas começaram a cair de todos os lados. Raspei ainda com mais fundo e ao invés de caírem escamas, começou a cair a pele toda, inteirinha, como depois de uma doença ou como a casca de uma banana[...]

Quando ia enfiando os pés na água, vi que estavam rugosos e cheios de escamas como antes [...]

Pensava: “Deus do céu!” Quantas peles terei que despir? Como estava louco para molhar a pata, esfreguei a terceira vez e tirei a terceira pele. Mas ao olhar-me na água vi que estava na mesma. Então o leão disse (mas não sei se falou): “Eu tiro a sua pele”[...]

-Tirou-me aquela coisa horrível [...]

Nessa altura agarrou-me- não gostei muito, pois estava todo sensível sem a pele e atirou-me dentro da água. [...]

Depois de certo tempo, o leão me tirou da água e vestiu-me.

-Como?... com as patas?

-Não me lembro muito bem. Sei lá, mas me vestiu com uma roupa nova.<sup>249</sup>

Nesse ponto é possível uma analogia em que apenas Deus pode retirar as características do homem antigo (antes de Cristo), simbolizado pela retirada da pele de dragão, e colocar do

<sup>248</sup> MORAES, J. M. S. Fantasia ou Religião? As representações religiosas em As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis. 2018, p.59.

<sup>249</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 451, 452.

novo homem (após Cristo), simbolizado por vestir Eustáquio com vestes novas. Tal como afirma a pesquisadora de Nárnia Gabriele Greggersen: “A transformação do Eustáquio-dragão de volta em menino, representa a transformação que acontece na vida do cristão, desde o início do processo de conversão, como Paulo destaca em suas cartas quando fala do processo de santificação.”<sup>250</sup>

No fim do quinto livro, Aslam aparece a Eustáquio, Edmundo e Lúcia em forma de um cordeiro que cozinha para eles. Esse trecho é cheio de analogias: a primeira se dá pelo próprio fato de Cristo além de ser identificado na Bíblia como um leão, também ser identificado como um cordeiro ao encontrar com seu primo João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”<sup>251</sup>; a segunda analogia vem ao fato de no encontro além de Aslam se encontrar em uma forma diferente da sua original, ele também cozinha para seus convidados assim como no relato bíblico:

-Venham almoçar – disse o Cordeiro na sua voz doce e meiga  
Notaram que ardia sobre a relva uma fogueira, na qual se fritava peixe.  
Sentaram-se e comeram, sentindo fome pela primeira vez desde de muitos dias.  
-Por favor, Cordeiro – disse Lúcia -, é este o caminho para o país de Aslam?  
-Para vocês não – respondeu o Cordeiro, - Para vocês, o caminho de Aslam está no seu próprio mundo.<sup>252</sup>

Agora o relato bíblico:

Disse-lhes Jesus: Vinde, comei.  
Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor.  
Veio Jesus tomou o pão e lhes deu, e de igual modo o peixe.<sup>253</sup>

Podemos perceber nos textos acima várias semelhanças: Aslam e Cristo cozinham para as pessoas que eram seus seguidores, nos dois relatos há presença de peixes, e em ambos relatos as formas tanto de Aslam quanto de Cristo estão diferentes, isso fica perceptível pelo fato dos discípulos de Jesus não ousarem perguntar quem ele era, pois sabiam que era ele, o que indica que algo na aparência de Cristo deveria estar diferente da que costumeiramente os discípulos vinham.

<sup>250</sup> GREGGERSEN, G. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa e a Bíblia: Implicações para o educador. 1 edição. Editora Prismas: Curitiba, 2016. p. 92.

<sup>251</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p.1020.

<sup>252</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.514.

<sup>253</sup> Op cit.,1047.



Por fim Aslam diz que os jovens tinham que procurá-lo agora no mundo “real” porque ele não estava só em Nárnia o que deixa ainda mais evidente a intencionalidade de Lewis de direcionar Aslam para a figura de Cristo:

-Está também no nosso mundo? - perguntou Edmundo.

-Estou. Mas tenho outro nome. Têm de aprender a conhecer-me por esse nome. Foi por isso que os levei a Nárnia, para que conhecendo-me um pouco, venham a conhecer-me melhor.<sup>254</sup>

O fim de *A viagem do peregrino da alvorada*, marca o fim da ida dos irmãos Pelvensie para Nárnia, antes do final definitivo das saga, e abre espaço para novos protagonistas nos livros seguintes que serão *A Cadeira de Prata* e a *Ultima Batalha*.

Em relação à obra *A Cadeira de Prata*, entendemo-las muito mais como uma história cheia de analogias e metáforas filosóficas do que propriamente cristãs. Devido a isso deixaremos para discuti-la mais à frente quando formos abordar os aspectos filosóficos presente dentro das *Crônicas*. Sendo assim chegamos *A Última Batalha* o livro que fecha toda a coleção é que é o segundo com mais analogias bíblicas que dialogam mais precisamente com o livro bíblico de Apocalipse e sua escatologia.

A última história narniana vai nos apresentar dois novos personagens: Manhoso, um macaco muito artiloso e inteligente, e Confuso, um burro ingênuo que faz tudo que é pedido pelo macaco por achar que ele quer seu bem. Ao achar uma pele de leão, Manhoso cobre Confuso com a pele, e diz ter encontrado Aslam mas que seria ele o porta-voz do leão, o que dava poder para que o Macaco governasse.

Sendo assim, a primeira analogia que se encontra é relacionada a volta de Cristo: “se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar se possível os próprios eleitos.”<sup>255</sup> Assim como na narrativa cristã em que a volta de Cristo é aguardada pelos cristãos, em Nárnia começavam os rumores da volta de Aslam, e Passofirme um centauro estudioso das estrelas, é cauteloso, e aponta a falsidade dos rumores ao atual Rei de Nárnia, Tirian: “Senhor, não acrediteis nessa história. Não pode ser. As estrelas nunca mentem, mas os homens e animais sim. Se Aslam realmente estivesse vindo para Nárnia, os céus, o teriam predito.”<sup>256</sup>

<sup>254</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.514.

<sup>255</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p. 944.

<sup>256</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.639.

Outra analogia remete ao nascimento de Cristo. Quando o Lord Digory dialoga com Lúcia estes fazem menção ao local de nascimento de Jesus:

-Quer dizer, então – disse Tirian para si mesmo-, que o estábulo visto por dentro e o estábulo visto por fora são dois lugares completamente diferentes?  
 -É verdade – disse o Lorde Digory – Por dentro ele é maior do que por fora.  
 -Isso mesmo – disse a rainha Lúcia – No nosso mundo também já aconteceu uma vez que, dentro de um certo estábulo, havia uma coisa que era maior que o nosso mundo inteiro.<sup>257</sup>

A citação acima se relaciona a Bíblia, primeiramente, pelo caráter divino de Cristo, sendo ele de acordo com a tradição cristã maior que todo o mundo, e também se relaciona ao seu nascimento. Segundo o evangelho de Lucas, chegado o dia do parto de Maria, por não haver lugar na estalagem, acabaram por se aconchegar em um estábulo onde Jesus nasceu: *e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura porque não havia lugar para eles na hospedaria.*<sup>258</sup> Dessa forma analisando as duas citações é fácil encontrar uma relação entre elas.<sup>259</sup>

No fim da obra, teremos analogias tais como: fenômenos naturais, a ressurreição dos mocinhos, a separação entre justos e injustos e a morte físicas dos justos, e em cada um desses temas as ligações são perceptíveis<sup>260</sup>, para que não venhamos nos delongar muito apresentaremos apenas a última referente ao julgamento final. Em Nárnia ela acontece da seguinte forma:

Finalmente, saindo da sombra das árvores e correndo vertiginosamente colina acima para salvar a vida, aos milhares e milhões, surgiram criaturas de todos os tipos: animais falantes, anões, sátiros, faunos, gigantes, calormanos, homens da Arquelândia, monópodes e até estranhos seres sobrenaturais, vindos das Ilhas Solitárias ou das terras desconhecidas do Ocidente. Todos corriam e disparada rumo ao portal onde se encontrava Aslam  
 [...]. Ao chegarem perto de Aslam, no entanto uma entre duas coisas se passava com cada uma delas. Todas olhavam diretamente para a face do Leão (alias acho que nem havia alternativa). Quando algumas olhavam, a expressão de seus rostos mudava terrivelmente, com uma mistura de temor e ódio[...]  
 E todas as criaturas que olhavam para Aslam daquele jeito desviavam-se para a direita (isto é, à esquerda dele) desaparecendo no meio da imensa sombra negra, que (como já lhes disse) se espraiava para a esquerda, do lado de fora do portal. [...]  
 Outras, porém, olhavam para a face de Aslam e o amavam, embora algumas ficassem ao mesmo tempo assustadas. E todas essas criaturas entravam pela porta colocando-se ao lado direito de Aslam.<sup>261</sup>

<sup>257</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.712.

<sup>258</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p. 984.

<sup>259</sup> MORAES, J. M. S. *Fantasia ou Religião? As representações religiosas em As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis. 2018, p. 63.

<sup>260</sup> Para conferir todas, buscar monografia - *Fantasia ou Religião? As representações religiosas em As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, de João Marcos Salgado de Moraes.

<sup>261</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.720.

Assim como em Nárnia, no fim da história bíblica todos comparecem na presença de Cristo, e assim ele os separa a esquerda (perdição) e a direita (salvação). Vejamos a narrativa bíblica comprovando a semelhança que apontamos:

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas a sua direita, mas os cabritos a esquerda; então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde benditos do meu Pai! [...].<sup>262</sup>

Desse modo, fica perceptível a intertextualidade presente em *As Crônicas de Nárnia* sendo possível observar tanto a partir da tradição teológica cristã, como a partir da própria semelhança entre os textos, a grande influência que o “hipotexto” *Bíblia* realiza sobre o “hipertexto” *As Crônicas de Nárnia*.

Há de se ponderar todavia, que o fato de Nárnia possuir elementos de histórias pagãs presentes durante toda a saga, faz com que parte do seu público leitor não há entenda como uma obra cristã e sim como uma literatura com elementos cristãos, mas que pela presença de elementos mitológicos não pode ser considerada uma obra puramente cristã.

#### **2.4 As críticas a saga: seria a obra eurocêntrica, racista e sexista?**

Toda obra literária enfrenta o desafio do tempo. Discursos antes naturalizados por seus leitores, ou entendidos de maneira imperceptível começam a se tornar problemáticos, conforme a leva de novos leitores, possui outra temporalidade e outros modos de entender o mundo a sua volta.

Com *As Crônicas de Nárnia*, não é diferente. A partir da década de 1990, as críticas à saga dos irmãos Pevensie e do leão Aslam, ganharam forças e Nárnia começou a ser questionada em vários aspectos, principalmente, acerca do eurocentrismo da obra, do seu discurso racista e de como o feminino era retratado com uma conotação negativa na saga.

Tais acusações chamaram atenção não apenas de literatos, mas de pesquisadores dos estudos sociais, que voltaram a ler a saga em busca de entender se realmente era possível compreender tais discursos nos escritos de C. S. Lewis. Esses estudos, desembocaram em duas levadas de perspectivas principais: aqueles que entendiam que a obra não trazia em si tais

---

<sup>262</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p.946.

elementos, se dedicando assim a defesa das Crônicas, e conseqüentemente de C. S. Lewis, e daqueles que acreditavam que tais discursos eram claros nas histórias e que mesmo sendo C. S. Lewis um homem do seu tempo, isso não tornava a saga menos intolerante, abrindo um questionamento se as Crônicas, ainda era uma boa obra para ser apresentada ao público infantil.

Mediante a isso, nosso trabalho é demonstrar como tais críticas foram construídas e como os discursos foram identificados por aqueles que demandaram o trabalho de análise da saga. Traremos ambos discursos, tantos dos críticos do autor, quanto dos seus defensores. Vale ressaltar que esse debate teve seu ápice principal entre a década de 1990 e 2010. Cremos ser isso devido ao anúncio que a obra teria sua adaptação cinematográfica, trazendo de novo a mesma para a mídia e com o último filme *A viagem do peregrino da alvorada* feito em 2010, e a possível continuação de *A Cadeira de Prata*, nunca tendo acontecido, Nárnia voltou para seu lugar de clássico literário, e se afastou da grande mídia, o que acreditamos ser um dos motivos que as críticas à mesma deram uma cessada.

#### **2.4.1 A polêmica acerca do lugar feminino em Nárnia – seria a obra sexista?**

Com certeza se há algo que é evidente em Nárnia é que a maioria das suas personagens femininas não se adequam a um imaginário feminino tradicional. Sejam as vilãs como a Feiticeira Branca e Verde, ou as heroínas como Lúcia, Jill, Aravis e Polis, as personagens são presenças atuantes nas guerras da trama e tão importantes quantos os homens da saga construindo a teia de objetivos das histórias lado a lado.

As principais críticas a Nárnia em relação à misoginia se referem a construção de uma personagem específica, Susana. O motivo disso são os interesses da personagem que contrastam com o das outras heroínas da saga e por ela ser a única delas que não é chamada para as novas terras de Aslam no fim da história, sendo considerada não mais amiga de Nárnia.

Mas então quem é Susana na saga? Susana é apresentada como uma menina bonita, que não gosta de guerras, não é tão boa na escola e recebe o título de “Rainha Susana, a Gentil”. É sem dúvida a personagem feminina mais estereotipada da saga, e se encaixa no retrato maternal feminino, sendo superprotetora pedindo por exemplo no capítulo 1 de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* que Edmundo seu irmão mais novo, vá dormir e recebendo a repreensão do irmão –“querendo falar feito a mamãe [...] que direito você tem de me mandar dormir? Vá dormir você, se quiser.”<sup>263</sup>

---

<sup>263</sup> LEWIS, C.S. As Crônicas de Nárnia – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.104.

Além disso, esse caráter superprotetor faz com que a personagem seja a mais passiva e tenebrosa durante as aventuras. Susana por várias vezes demonstra esse temor e se arrepende de vim a Nárnia, fato presente no capítulo 6 e 8 da mesma história. Do mesmo modo em *Príncipe Caspian*, no capítulo 11, Susana ainda representa a mais medrosa dos irmãos e até o próprio Aslam corrige a menina dizendo que ele não desse tanto ouvido aos seus próprios medos e a acalentando com um sopro. Em uma terra onde as personagens femininas rompem com o estereotipo de cautela, temor e passividade, sendo repletas de bravura e iniciativa, Susana parece se adequar mais ao estereotipo padrão de feminino.<sup>264</sup> Karyn Fry pesquisadora de Filosofia social, política e feminismo, nos traz uma boa imagem geral de Susana durante toda a trama:

A natureza menos agressiva de Susana se reflete em sua gentileza. Seu título em Nárnia é “Rainha Susana, a Gentil”, um forte contraste ao título mais ativo de Lúcia, “Lúcia, a Valente” (LFG capítulo 17). Lúcia entra com coragem nas aventuras, mas Susana não. Diferentemente das outras personagens femininas, ela não gosta de lutar, tem um coração terno e não gosta de matar coisa alguma (PC, capítulos 8,9). Tampouco gosta de ver os outros lutando. Na verdade Susana se incomoda tanto com a violência que, quando um urso é morto para ser comido, ela quer se sentar bem longe daqueles que o estão destrinchando e o preparando para a refeição. (PC capítulo 9). Poderíamos dizer que uma natureza gentil é um traço positivo em uma fabula cristã, mas, no caso de Susana, alimenta sua tendência a estragar a diversão, não a deixando participar com os outros. A ternura de Susana está muito associada à sua covardia e sua atitude negativa que rejeita o espírito de aventura e de serviço à causa de Aslam.<sup>265</sup>

A algumas partes da obra mostram que interesses tidos como femininos são julgados como fúteis e irrelevantes, e aparentemente o fato de Susana se envolver com eles, a desqualificaria para entrar nas terras de Aslam no fim da trama:

– Minha irmã Susana – respondeu Pedro, breve e gravemente – já não é mais amiga de Nárnia [...]  
 – É verdade – completou Eustáquio. – E cada vez que se tenta conversar com ela sobre Nárnia ou fazer qualquer coisa que se refira a Nárnia, ela diz: “Mas que memória extraordinária vocês têm! Continuam no mundo da fantasia, pensando nessas brincadeiras tolas que a gente fazia quando era criança!”  
 – Essa Susana! – disse Jill. – Agora só pensa em *lingeries*, maquilagens e compromissos sociais. Aliás, ela sempre foi louquinha pra ser gente grande.  
 – Gente grande, pois sim! – disse Lady Polly. – Gostaria que ela crescesse de verdade. Quando estava na escola, passava o tempo todo desejando ter a idade que tem agora, e agora vai passar o resto da vida tentando *ficar* nessa idade. Tudo em que ela pensa é correr para atingir a idade mais boba da vida o mais depressa possível e depois parar aí o máximo que puder.<sup>266</sup>

<sup>264</sup> FRY, Karin; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) As Crônicas de Nárnia e a filosofia o leão, a feiticeira e a visão do mundo. São Paulo: Ed. Madras, 2006. p.158.

<sup>265</sup> Ibid., p.159.

<sup>266</sup> LEWIS, C.S. As Crônicas de Nárnia – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.708.

Deste modo, ao fazerem a análise de Susana dentro de Nárnia e dos seus interesses “femininos” como negativos, várias críticas foram feitas obra e a Lewis. Phillip Pullman define a saga como “uma depreciação monumental de meninas e mulheres [...]. Uma menina foi enviada para o inferno porque estava se interessando por roupas e meninos.<sup>267</sup>” De modo semelhante a Pullman, AN Wilson responsável por um das biografias do autor afirma: “apenas uma das crianças do quarteto original foi excluída do céu. Essa é Susana. Ela cometeu o pecado imperdoável de crescer.<sup>268</sup>”

Em *The Fiction Of C. S. Lewis*, a autora Kath Filmer vai dizer que o que é perturbador nas Crônicas de Nárnia, bem como na gama do corpo literário de Lewis é maneira pelo qual o bem final é descrito como masculino, enquanto o mal, a corrupção do bem, é descrito como feminino.<sup>269</sup> Nesse mesmo sentido o artigo escrito por Karyn Fry intitulado *Não mais amigos de Nárnia: a questão dos sexos em Nárnia*, traz uma reflexão interessante sobre o lugar do feminino na obra e da própria masculinidade desse feminino, sendo relevante trazer sua crítica para o debate de maneira mais aprofundada.

Fry começa seu argumento dizendo que não é possível desvencilhar Nárnia de uma moralidade cristã, e por isso o que é dito acerca dos personagens tem implicações de valor, servindo como definição de um papel “apropriado” aos leitores da saga. Desta forma Nárnia não apenas descreve comportamentos, e sim sugere um modo certo e um modo errado de ser “masculino” e “feminino”. Para Fry entretanto, é difícil sugerir que Nárnia seja uma obra machista, já que suas heroínas mais agradáveis questionam constantemente o papel tradicional das mulheres sendo tão atuantes nas aventuras quanto os homens.<sup>270</sup>

O que a pesquisadora traz como problemático no enredo narniano, é o fato de que muitas das qualidades positivas das personagens femininas, parecerem ser aquelas que as colocam acima da sua feminilidade, ou seja, Lúcia, Aravis, ou Jill, só são tão boas e heroicas porque vivem um padrão masculino que as equipara aos meninos. Sendo assim, o padrão de como um personagem deve ser em Nárnia é um padrão masculino que algumas garotas podem seguir por estarem interessados nessas aventuras “masculinas”, mas que outras como Susana são incapazes e por isso marginalizadas.<sup>271</sup>

<sup>267</sup> PULLMAN, Phillip. Narnia books attacked as racist and sexist. *The Guardian*, 2002. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2002/jun/03/gender.hayfestival2002>. Acesso em: 19/03/2021.

<sup>268</sup> WILSON A.N. *C.S. Lewis: A Biography*. London: Harper Perennial, 1991, p.228.

<sup>269</sup> FILMER, Kath. *The Fiction of C. S. Lewis: Mask and Mirror*. New York: St. Martin's, 1993, p.110.

<sup>270</sup> FRY, Karin; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) *As Crônicas de Nárnia e a filosofia o leão, a feiticeira e a visão do mundo*. São Paulo: Ed. Madras, 2006. p.156, 157

<sup>271</sup> Idem.

Para além disso, a autora demonstra como a beleza feminina se constitui em um elemento negativo nas *Crônicas*, tendo em Susana a mais bonita das humanas e sendo sobrepujada apenas pela beleza das bruxas. A beleza feminina está ligada a uma característica que permite a manipulação dos homens e meninos em prol dos seus interesses. Exemplo claro disso está na trama *A Cadeira de Prata*, quando a Feiticeira Verde, após matar a mãe do Príncipe Rilian em forma de serpente, volta a sua forma característica e seduz o Príncipe com tamanha beleza que o deixa entorpecido. Como todas as bruxas da saga, a Feiticeira Verde, usa de sua beleza para afastar os homens da causa cristã de Aslam.<sup>272</sup>

Sobre o fato de Nárnia não ser uma terra habitada apenas por vilãs femininas, Fry reconhece isso, mas menciona que nem Tio André, nem os calormanos, nem Manhoso possuía poderes metafísicos, sendo o mau supremo em Nárnia sempre ligado a uma mulher com poderes sobrenaturais. Nesse sentido Fry faz uma ligação entre a narrativa cristã e Nárnia, pontuando que a estrutura de história se relaciona muito com o relato da Queda de Gênesis, onde Eva “engana” Adão fazendo com que ambos pequem e sejam expulsos do Paraíso. Da mesma forma no mundo mágico, as bruxas fazem de tudo para tirar o domínio do mundo do masculino leão Aslam buscando poder e a destruição do deus macho.<sup>273</sup>

Fry também nota que as meninas não são corrompidas tão facilmente quanto os homens da saga. Lúcia de início já acredita na maldade da Feiticeira Branca; Polly, sabe que Jadis é má e não gosta dela logo à primeira vista. Os meninos ao contrário disso, sucumbem aos planos das Feiticeiras com mais frequência e são atraídos por sua beleza, como Rilian e Edmundo.<sup>274</sup>

Para a autora:

O mundo criado por Lewis, desconfia da feminilidade, acha-a enganosa e mais perto do mal, porque seduz e ilude os homens, e chega a exercer um certo poder sobre eles. A beleza feminina é condenada, e as mulheres bonitas ou interessadas em sua aparência física são repreendidas.<sup>275</sup>

A autora conclui dizendo que o fato de haver uma imagem negativa na obra da feminilidade e das características femininas estereotipadas, faz com que essa mesma feminilidade seja excluída de Nárnia de certo modo, sendo o exemplo mais claro disso Susana. Sendo assim, em Nárnia o ideal masculino faz com que suas heroínas tenham que vencer sua

<sup>272</sup> FRY, Karin; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) *As Crônicas de Nárnia e a filosofia do leão, a feiticeira e a visão do mundo*. São Paulo: Ed. Madras, 2006. p.160.

<sup>273</sup> *Ibid.*, p.160, 161.

<sup>274</sup> *Idem.*

<sup>275</sup> *Ibid.*, p. 162.

feminilidade para serem bem-sucedidas como os homens da obra, sendo para a autora as Crônicas “inamistosas” ao feminino.<sup>276</sup>

Do lado dos defensores de Lewis, no mesmo artigo já mencionado onde Devin Brown defende as acusações de racismo contra o autor, ele também faz menção acerca das acusações de misoginia na obra.

Para Brown, há um equívoco em afirmar que Susana foi excluída de Nárnia por conta dos seus interesses femininos, sendo isso propor uma perspectiva que o próprio texto não permite ser possível, já que há vários outros textos da obra onde os interesses femininos são mencionados de maneira positiva, e em volumes diferentes da saga.<sup>277</sup>

O autor vai começar citando a passagem presente no capítulo 5 de *A viagem do peregrino da alvorada*, onde ao acordar o texto menciona que “Lúcia sentia-se a garota mais feliz do mundo quando acordava e via os reflexos do sol dançando no teto do camarote e olhava as lindas coisas que trouxera das Ilhas Solitárias – galochas, botas altas, capas, xales.”<sup>278</sup> De modo semelhante no último capítulo de *A Cadeira de Prata*, enquanto Eustáquio decide enterrar suas bonitas roupas, “Jill preferiu carregar as suas para casa, pensando numa festa especial.”<sup>279</sup> E por fim no final de *O cavalo e seu menino* em uma conversa entre Lúcia e Aravis mais uma vez os interesses tidos como femininos são expostos e colocados por Lewis dentro do lugar de feminilidade “natural” “– Quer vê-los? perguntou Lúcia, dando um beijo em Aravis. Foi amizade à primeira vista; e se foram, conversando sobre quartos e roupas, coisas sobre as quais as moças trocam ideais nessas ocasiões.”<sup>280</sup>

Ao demonstrar vários desses exemplos onde outras meninas tiveram interesses e atitudes semelhantes às de Susana e não foram proibidas de entrar em Nárnia, Brown argumenta que o verdadeiro motivo para a exclusão de Susana foi sua vaidade, ou seja, o desejo de se manter bela e não envelhecer a todo custo, como Lady Polly menciona no trecho. Além disso no mesmo trecho, Eustáquio menciona que Susana não se interessa mais por Nárnia e mesmo que ela tenha sido chamada a ir de novo para a terra mágica, ela não iria. Desse modo Brown, diz que a própria Susana se excluiu do novo paraíso, já que por ela ter outros interesses ela não vai ao trem onde os protagonistas voltam para Nárnia.<sup>281</sup>

<sup>276</sup> Ibid., p. 164.

<sup>277</sup> BROWN, Devin. *Are The Chronicles of Nárnia Sexist and Racist? A Discussion in Eight Parts*. Disponível em: <https://www.narniaweb.com/resources-links/are-the-chronicles-of-narnia-sexist-and-racist/>. Acesso em 15/03/2021.

<sup>278</sup> LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.432

<sup>279</sup> Ibid., p.626.

<sup>280</sup> Ibid., p.283.

<sup>281</sup> BROWN, Devin. *Are The Chronicles of Nárnia Sexist and Racist? A Discussion in Eight Parts*. Disponível em:



Além disso, temos a própria confirmação de Lewis, acerca da exclusão de Susana por conta da sua vaidade, em carta a uma fã em 1957, e diferente do que afirma Pullman, o autor não a manda para o inferno, e ainda vê a possibilidade que a personagem encontre Nárnia:

Querido Martin

Os livros não contam o que aconteceu com a Susana. Ela é deixada viva em nosso mundo no final, tendo assim se tornado uma moça comum e vaidosa. Mas há bastante tempo para ela melhorar, e talvez ela consiga chegar até o país de Aslam no final – do seu próprio jeito.<sup>282</sup>

Por fim e não menos importante, Brown também cita que a vaidade não é um elemento feminino em Nárnia. Tio André em *O sobrinho do mago* ao se arrumar se auto elogia e a história o cita como vaidoso como um pavão, sendo esse o motivo que o fez feiticeiro.<sup>283</sup>

Acerca do papel feminino em Nárnia, Brown vai trazer diversos argumentos acerca disso, um deles é que Lewis não define muito bem o papel feminino na história em relação aos conflitos. Veja bem que no início da história quando Lúcia encontra com o Papai Noel, ele a presenteia com um tônico curativo, e um punhal pedindo que Lúcia só o use em extrema necessidade. Ao Lúcia questioná-lo do por que, ele responde “– É que as batalhas são feias quando as mulheres tomam parte nelas.”<sup>284</sup> Em uma primeira leitura isso pode soar machista, mas quando analisamos *O cavalo e seu menino*, a mesma Lúcia é retratada como uma dama de cabelos louros, com um rosto jovial, usando um elmo e uma malha de ferro, levando um arco e um arcas cheio de flechas e participando da companhia de arqueiros.<sup>285</sup> De modo semelhante, Jill em *A última batalha*, no capítulo 11, usa seus dotes de arqueira para proteger o Rei Tirian, matando vários inimigos e sendo aplaudida por ele.<sup>286</sup> Por estes aspectos, Brown diz que é difícil definir especificamente a relação entre o feminino e a guerra em Nárnia, já que ela não possui um padrão claro.<sup>287</sup>

Outro ponto importante que Brown cita em defesa de Lewis, é que em vários lugares, os comentários sexistas são ditos por vilões, o que deixa claro que esse não deve ser o padrão a ser seguido. Podemos citar o Tio André ao dizer a Digory que “é natural que uma criança pense

---

<https://www.narniaweb.com/resources-links/are-the-chronicles-of-narnia-sexist-and-racist/>. Acesso em 15/03/2021.

<sup>282</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.67.

<sup>283</sup> BROWN, Devin. *Are The Chronicles of Nárnia Sexist and Racist? A Discussion in Eight Parts*. Disponível em: <https://www.narniaweb.com/resources-links/are-the-chronicles-of-narnia-sexist-and-racist/>. Acesso em 15/03/2021.

<sup>284</sup> LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.151.

<sup>285</sup> *Ibid.*, p.267, 271.

<sup>286</sup> *Ibid.*, p.698.

<sup>287</sup> Op cit.

dessa maneira, uma criança criada entre mulheres como você”<sup>288</sup> ou os calormanos e todo seu regime de casamentos obrigatórios e posse das mulheres pelos seus pais e maridos. Entretanto entre os mocinhos também acontecem alguns comentários sexistas, como na discussão entre Edmundo e Lúcia<sup>289</sup> ou Digory e Polly<sup>290</sup>. Nesses episódios, além de normalmente as meninas sempre responderem a altura e não ficarem caladas, há uma visível percepção de uma atitude nada correta por parte dos homens. Para Brown isso serve para mostrar as imperfeições e a imaturidade desses personagens na saga e seu desenvolvimento no desenrolar das mesmas que culmina no abandono de tais falas.<sup>291</sup>

Por fim, Brown argumenta que é complicado colocar Nárnia como sendo machista, a partir da perspectiva das vilãs femininas, já que a história está repleta também de vilões masculinos. E termina dizendo, que diferente do que é dito a história ao invés de machista é progressista acerca das relações de gênero:

Lewis não transforma simplesmente suas garotas em moleques que rejeitam tudo que é estereotipadamente feminino e abraçam tudo que é estereotipadamente masculino, pois isso já seria sexista. As heroínas de Lewis simplesmente recebem a liberdade de serem quem desejam e não o que a sociedade ou qualquer outra pessoa lhes diz que deveriam ser. É característico dessa liberdade que, no final de *O Sobrinho do Mago*, nos seja dito que, durante suas visitas à família de Digory, Polly aprende “a cavalgar e nadar e ordenhar e assar e escalar”.

Lewis permite que essas protagonistas construam seu próprio futuro. Alguns como Helen, Aravis e a Filha de Ramandu escolherão se casar e ter pequenos narnianos. Outros não. Quando encontramos Lady Polly em *A Última Batalha*, ela não se casou, e Lewis nunca sugere que deveríamos de alguma forma sentir pena dela, que se ela tivesse se casado com alguém, ela poderia ter encontrado a felicidade.<sup>292</sup>

Os vários posicionamentos acerca da obra, seja do lado dos que acusam ela de ser sexista ou dos seus defensores parece estar longe de terem uma resposta definitiva. Para nós isso permite demonstrar que a obra segue viva, sendo um objeto de estudo rico e com múltiplas interpretações. Sem dúvidas Nárnia, assim como várias outras obras que marcaram a literatura mundial, está longe de constituir em um objeto acabado. Talvez em relação a Nárnia a única unanimidade seja seu elemento visivelmente cristão por parte dos seus estudiosos e mesmo assim, ainda há uma polêmica acerca dos elementos do folclore nórdico e grego na obra por partes de grupos cristãos que a descaracterizaria como uma obra cristã.

<sup>288</sup> (CF: LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.21.)

<sup>289</sup> (CF: LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.348.)

<sup>290</sup> (CF: LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.33).

<sup>291</sup> BROWN, Devin. *Are The Chronicles of Nárnia Sexist and Racist? A Discussion in Eight Parts*. Disponível em: <https://www.narniaweb.com/resources-links/are-the-chronicles-of-narnia-sexist-and-racist/>. Acesso em 15/03/2021.

<sup>292</sup> Idem.

#### 2.4.2 As acusações acerca do eurocentrismo e do racismo em Nárnia.

Em *O cavalo e seu menino* e a *Última batalha*, há um retrato problemático acerca dos inimigos dos narnianos, os calormanos. O grande problema desse novo povo construído por C. S. Lewis, é a relação extremamente próxima com as culturas não europeias e o emaranhado de estereótipos sempre negativos relacionado ao povo na saga, tornando o livro passível de críticas sobre seu caráter eurocêntrico e racista.

Para entendermos essa crítica feita a obra, façamos um paralelo entre os dois principais povos da série: os narnianos (mocinhos) e os calormanos (vilões). Primeiramente é preciso ponderar que Nárnia é uma terra de brancos e a grande maioria dos protagonistas da saga também são brancos. Já seus inimigos, os calormanos inimigos da saga possuem uma fisionomia bem diferente. Vejamos como a obra os descreve:

Um dia chegou do Sul um homem nada parecido com os outros que Shasta conhecera. Montava um grande cavalo malhado, de crina esvoaçante, com estribos e freios de prata. A ponta do elmo saía do centro do seu turbante de seda, e ele usava uma cota de malha. Empunhava uma lança e trazia ao lado uma cimitarra e um escudo bronze. Seu rosto escuro não causou a menor surpresa a Shasta, pois todos os calormanos também são escuros. Surpresa, sim, causou-lhe a ondulada barba do homem, pintada de vermelho-carmesim e besuntada de óleo perfumado. Pela pulseira de ouro que o estrangeiro usava, Arriche logo viu que se tratava de um *tarcaã*, isto é, um senhor de alta linhagem. Ajoelhando-se diante do cavaleiro o pescador acenou a Shasta para que fizesse o mesmo.<sup>293</sup>

---

<sup>293</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 194.

Figura 1: Representação do Tarcaã descrito acima.



LEWIS, C. S. O cavalo e seu menino, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.15.

É possível ver, pelos relatos da obra, que os calormanos não possuem em suas vestimentas e na sua cor de pele escura, o ideal europeu se assemelhando muito mais a cultura turco otomana, com os turbantes e as vestimentas tradicionais. Além disso é apresentado Calôrmania como uma sociedade de valores questionáveis, ligada a uma forte tradição hierárquica e teocrática sendo seus cidadãos adoradores do deus Tash. Esse emaranhado de tradições servia de manutenção para um sistema de governo recheado de privilégios e escravista, sendo um dos principais lemas dos calormanos “quem é menos importante tem de abrir caminho para quem é mais importante. A punição para o infrator é uma boa chicotada ou uma cacetada de cabo de lança.”<sup>294</sup>

Durante toda a construção da história, ocasiões como a fuga de Aravis, uma menina carlômana de um casamento arranjado; as atitudes prepotentes dos governantes de Calôrmania como o desejo compulsivo do príncipe Rabadash em ter Susana, sua agressão ao grão-vizir Achosta Tarcaã que mesmo apanhando mantinha seu grau de submissão ao príncipe constroem um enredo que mostra um regime com os ideais opostos aos de Nárnia. O próprio governante

<sup>294</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 216.

de Calôrmania Tisroc diz o seguinte acerca do modo de governo narniano: “esses pequenos países bárbaros que se proclamam livres (vale dizer, indolentes, caóticos, inúteis) são odiosos aos deuses e a todas as pessoas de discernimento.”<sup>295</sup> E ao mesmo tempo afirma não ser um desafio para o império Calôrmano conquistar Nárnia, o que se confirma em um diálogo preocupado de Susana e Edmundo, rei e rainha de Nárnia. Sendo assim é de se pensar que Calôrmania seria um reino mais prospero por ser mais rico e forte que Nárnia, mas a descrição da capital Tashbaan demonstra o contrário:

Tinha muito mais movimento do que Shasta poderia imaginar: camponeses que se dirigiam à feira, vendedores de água, vendedores de carne, carregadores, mendigos, soldados, crianças esfarrapadas, galinhas, cães vadios e escravos descalços. A primeira coisa que se notava era o mau cheiro, vindo de gente pouco limpa, de cachorros sujos, de essências, alho, cebola, e de montes de lixo espalhados por todos os lados.<sup>296</sup>

Em contraponto a Calôrmania está Nárnia, onde as mulheres escolhem com quem vão se casar, onde há uma moral e uma bondade absoluta; onde o verdadeiro deus Aslam, reina e habita entre os Filhos de Adão e Eva, onde há liberdade de pensamento para os homens e mulheres “civilizados” e livres e os bosques são verdadeiros espetáculos da natureza.

Nesse sentido o pensamento de Edward Said destrinchado no seu livro *Orientalismo* ajuda-nos bastante a entender o estereótipo construído a partir da modernidade em relação ao oriental como sendo o outro. Para Said, o “orientalismo”, é um estilo de pensamento fundado em uma distinção epistemológica e ontológica entre o Ocidente e o Oriente, sendo essa distinção fundamental para a construção de teorias, obras de arte e romances como é o exemplo de Nárnia. Entretanto o principal ponto da perspectiva de Said que nos ajuda é o fato de que o *orientalismo* não ocorre de maneira linear e sim como um estilo ocidental de dominação e reestruturação do Oriente.<sup>297</sup> Independente se favoráveis ou não em relação ao oriente os discursos ordenados a partir da perspectiva orientalista são dominados por uma vontade de potência do Ocidente sobre o Oriente “este seria descrito como essencialmente sem voz, sensual, feminino, despótico, irracional e atrasado, sendo o Ocidente seu negativo.”<sup>298</sup> Acreditamos ser o que acontece com Nárnia quando analisamos a construção de uma Calôrmania aos moldes “orientais” e “bárbara” para rivalizar com uma Nárnia ocidental

<sup>295</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.241.

<sup>296</sup> *Ibid.*, p.215, 216.

<sup>297</sup> SAID Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 1990, p.13,14,15.

<sup>298</sup> BORTOLUCI, J. H. Para além das Múltiplas Modernidades: Eurocentrismo, Modernidade e as Sociedades Periféricas. In: *Plural*, v.16 n. 1, São Paulo, p. 53-80, 2009.

“civilizada”. Deste modo há bons motivos por parte dos críticos para argumentarem que Lewis faz uma campanha anti-oriental em *O cavalo e seu menino*.

Entre alguns dos críticos do autor está a escritora Kyrie O’ Connor que salienta que Lewis nada mais era do que um sujeito do seu tempo, produto de um ambiente abafado, acadêmico e anglocêntrico, escrevendo em um período onde representações estereotipadas de vizires, sarracenos, escravos de rostos morenos não traziam nenhum horror.<sup>299</sup> Já o autor Philip Pullman da série de livros *His Dark Materials*, considerada por alguns como uma obra que é o extremo oposto de Nárnia na sua filosofia, foi mais contundente em sua crítica chamando a história de Lewis de misógina e racista, e suas histórias de reacionárias, não havendo nelas virtudes cristãs.<sup>300</sup>

Outra crítica pertinente é a do escritor Greg Easterbrook intitulada *In Defense Of C. S. Lewis* escrita no *The Atlantic* em outubro de 2001 que admite ser Nárnia sem dúvida uma história com requintes do Imperialismo britânico que luta contra os avanços da cultura do Sul e que tem em um dos seus gritos marcantes “Para Nárnia e Para o Norte!”<sup>301</sup> e que tem em seus mocinhos, reis e rainhas de Nárnia, os britânicos já que os portais ficam na Inglaterra. Para além disso para o autor os calormanos são inconfundíveis substitutos dos muçulmanos e que mesmo como apreciador da obra, trechos de Nárnia o fizeram estremecer, fazendo que na leitura que ele fez juntamente com seus filhos ele tivesse que ocultar certas palavras como “Darkies” que tem conotação claramente racista quando os perversos anões, se dirigem aos calormanos<sup>302</sup>:

Fato interessante é que a tradução brasileira da tradutora Silêda Steuernagel, dá uma suavizada no termo, e ao invés de usar uma expressão pesada para os leitores brasileiros da intencionalidade racista prefere usar o termo “morenos”<sup>303</sup> deixando quase imperceptível o viés racista do diálogo.

<sup>299</sup>O’CONNOR Kirie. Lewis 'prejudices tarnish fifth 'Narnia'. Seattlepi, 2005. Disponível em: <https://www.seattlepi.com/ae/books/article/Lewis-prejudices-tarnish-fifth-Narnia-book-1188939.php>. Acesso em: 13/03/2021.

<sup>300</sup>Pullman attacks Narnia film plans. NewsBBC, 2005. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/4347226.stm#:~:text=Author%20Philip%20Pullman%20has%20attack,ed,to%20be%20released%20in%20December>. Acesso: 13/03/2021.

<sup>301</sup>LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.199.

<sup>302</sup>EASTERBROOK, Greg. In defense Of C. S. Lewis. *The Atlantic*, 2001. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2001/10/in-defense-of-c-s-lewis/302301/>. Acesso em 14/03/2021.

<sup>303</sup>Texto original: "Had enough, Darkies?" they yelled. "Don't you like it? Why doesn't your great Tarkaan go and fight himself instead of sending you to be killed? Poor Darkies!" CF: (LEWIS, C. S. *The Chronicles of Narnia*. Disponível em:

<https://s3.amazonaws.com/scschoollfiles/112/thechroniclesofnarnia.pdf>, p.633. Acesso em 14/03/2021.

Texto em português: – E então, morenos, estão satisfeitos? – debochavam, em coro. – Não gostaram, não é? Por que é que o seu poderoso tarcaã não vem lutar ele mesmo, em vez de empurrar vocês para a morte? Pobres morenos! CF: (LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.699.

Entretanto Easterbrook vai questionar: será que colocar na boca de vilões da saga, uma linguagem comum da época de Lewis o torna racista? Para o autor não, mesmo que ele não negue o eurocentrismo da obra, dizer ser ela racista por conta de uma declaração de um personagem que com certeza não simboliza um ideal de moralidade na obra, não torna Lewis racista, mesmo sendo o termo nos dias de hoje desconfortável para nós.<sup>304</sup> Além disso o autor ainda diz que as críticas a Nárnia só aconteciam por parte de um modismo de redação anti-nárnia na Grã-Bretanha liderada pelo crítico do conto e influente escritor Phillip Pullman.<sup>305</sup>

Também em *Companion to Narnia* um respeitado guia sobre a obra, Paul Ford em um tópico intitulado *Racismo e Etnocentrismo*, afirma assim como Connor que Lewis era um homem do seu tempo, e como muitos ingleses era inconsciente e antipático para com as coisas referentes ao Oriente Médio se envolvendo em estereótipos exagerados quando contrasta Nárnia e Calormânia. Para Ford se Lewis tivesse escrito Nárnia pós 11 de setembro com certeza sua sensibilidade acerca do assunto seria diferente.<sup>306</sup>

Em 2009, Devin Brown, estudioso de Lewis e de Nárnia, fez um discurso na 12ª Conferência Anual do Calvin College C. S. Lewis e Inklings Society intitulado *Are The Chronicles of Narnia Sexist and Racist? A Discussion in Eight Parts*. E aponta alguns pontos em defesa de Nárnia e das acusações que ela sofria.

Brown começa dizendo que existem muitas diferenças entre calormanos e muçulmanos para se afirmar que Lewis construiu uma representação. Para Brown o fato dos calormanos serem politeístas e o islã uma religião extremamente monoteísta que declara que não há outro Deus, senão Deus, já expressa uma significativa diferença. Além disso, para reivindicar tal semelhança teríamos que achar uma religião politeísta, onde houvesse sacrifício humano aos deuses e um complexo conjunto de rituais da moça<sup>307</sup> anteriores ao casamento.<sup>308</sup>

Outro ponto que Brown aponta é o fato de que o termo “Darkie” utilizado durante o capítulo 10 de *A Última batalha* não é primeira expressão racista da obra, já que em *Príncipe Caspian*, no capítulo 5 e 7, Nikabrik um anão puro declara seu preconceito em relação aos anões não puros de Nárnia os diminuindo e chamando-os “half-and-halfers”, que seria na tradução literal meio-a-meio, mas que pode ser traduzido de maneira mais próxima ao português como

<sup>304</sup> EASTERBROOK, Greg. In defense Of C. S. Lewis. The Atlantic, 2001. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2001/10/in-defense-of-c-s-lewis/302301/>. Acesso em 14/03/2021.

<sup>305</sup> Idem.

<sup>306</sup> FORD, Paul. Pocket Companion to Narnia, HarperOne, 2009, p.271.

<sup>307</sup> (CF: Os dados apresentados em Capítulo 3 de *O cavalo e seu menino* em LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia* – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009.)

<sup>308</sup> BROWN, Devin. *Are The Chronicles of Narnia Sexist and Racist? A Discussion in Eight Parts*. Disponível em: <https://www.narniaweb.com/resources-links/are-the-chronicles-of-narnia-sexist-and-racist/>. Acesso em 15/03/2021.

mestiço.<sup>309</sup> Assim como “Darkie” o termo “half-and-half” é ocultado da tradução brasileira de Paulo Mendes Campos, que traduz o trecho da seguinte forma: “Quase não tem sangue anão.”<sup>310</sup>

Para Brown, o fato de Lewis sempre usar personagens de índoles ruins como sendo racistas é fazer exatamente o contrário do que o acusam já que esses personagens não serão os exemplos a serem seguidos pelas crianças e sim mostraram uma má conduta e o que não fazer. Outra argumentação de Brown é que Lewis não define a maldade dos personagens por cor, temos como exemplos: a Feiticeira Branca, Miraz, a Feiticeira Verde, o Edmundo e o Eustáquio do início das suas sagas e o Tio André, todos estes brancos e tão maus quanto os não brancos.<sup>311</sup>

Brown ainda vai mencionar que uma leitura da obra deixa claro que Lewis nunca define a maldade dos seus personagens de acordo com raça. Assim temos anões bons e maus, lobos bons e maus, e humanos bons e maus. Além disso, alguns personagens calormanos são bons como Aravis por exemplo e alguns personagens narnianos ficam fora da terra de Nárnia como Susana.<sup>312</sup>

O estudioso ainda traz mais argumentos além dos que apresentamos, mas de maneira geral ele menciona que qualquer discussão sobre racismo em Nárnia que esqueça de mencionar a diversidade multirracial da história, a crítica ao etnocentrismo de Nikabrik, e o casamento de Shasta um narniano branco, com Aravis uma calormena de pele escura, que se tornaram rei e rainha de Arquelândia um país branco tendo um filho mestiço chamado Áries que foi o mais famoso de todos os reis do país, perde completamente o prestígio. Brown ainda diz que os ataques a Nárnia citando Phillip Pullman são voltados ao alcance de mídia já que há várias obras que caminham de maneira semelhante a Nárnia e nunca são criticadas pelo autor e além disso, talvez por Lewis ser assumidamente cristão e Nárnia ser um conto assumidamente com características cristãs e tendo Pullman já declarado detestar o sobrenaturalismo em Nárnia.<sup>313</sup>

Feito o apanhado dos principais escritos acerca das problemáticas da obra, nosso enfoque buscará analisar as ilustrações da obra, que como já percebido pelo exemplo do Tarcaã descrito por Lewis acima, possuem grande relevância para o entendimento e compreensão da mesma.

---

<sup>309</sup> Idem.

<sup>310</sup> LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.333.

<sup>311</sup> Op cit.

<sup>312</sup> Idem.

<sup>313</sup> BROWN, Devin. *Are The Chronicles of Nárnia Sexist and Racist? A Discussion in Eight Parts*. Disponível em: <https://www.narniaweb.com/resources-links/are-the-chronicles-of-narnia-sexist-and-racist/>. Acesso em 15/03/2021.



## 2.5 A importância da ilustração nas Crônicas de Nárnia.

A cada dia, cresce o interesse de editores, especialistas e educadores pela imagem. De modo geral, admite-se a importância da leitura pictórica como antecipação da leitura verbal tanto em crianças pequenas, como em adultos com dificuldade de alfabetização ou analfabetos. Além disso a ilustração é uma linguagem internacional, podendo ser compreendida por qualquer povo.<sup>314</sup> Isso não evita que por vezes a ilustração seja considerada meros elementos decorativos, servindo apenas de apoio para as palavras. Com isso a participação das imagens na construção da história é minimizada quando não ignorada completamente.<sup>315</sup>

Longe dessa perspectiva, acreditamos que as ilustrações constituem como um elemento enriquecedor da obra. Sendo um aspecto que para além da sua contribuição estética que proporciona uma obra mais atrativa para o público, ajuda a contar a história criando um processo de compreensão para o leitor que abraça tanto as palavras quanto as imagens.<sup>316</sup>

Diante disso sem dúvida nenhuma a literatura infantil, constitui em um universo de contato direto entre imagens e textos, e que devem coexistir de maneira harmônica sem que um sobreponha ao outro, mas sim que o conjunto dos dois tipos de linguagem propicie uma melhor compreensão da obra.<sup>317</sup> Estando Nárnia dentro desse espectro nosso objetivo é além de refletir sobre a relação ilustração/leitor, analisar como essa em Nárnia constitui em um aspecto relevante para a leitura da obra.

Primeiramente é importante definirmos o conceito de ilustração que segundo o glossário de termos da Associação dos Designers Gráficos constitui em “qualquer imagem concebida ou utilizada com o intuito de corroborar ou exemplificar o conteúdo de um livro jornal, revista ou qualquer outro tipo de publicação.”<sup>318</sup> sendo essa a visão que adotaremos inicialmente. E em segundo lugar apontarmos uma breve retrospectiva histórica da ilustração na literatura, que findara em Pauline Baynes ilustradora do nosso objeto de pesquisa *As Crônicas*.

Os primeiros livros voltados para o público infantil apareceram durante o século XVIII. Por mais que se tenham obras como *as Fábulas* de La Fontaine editadas entre 1698 e 1698, e *Os contos da Mamãe Gansa* publicado em 1697 de Charles Perrault que são tidos atualmente

<sup>314</sup> KHEDE, Sônia Salomão, org. Literatura infanto-juvenil. Um gênero polêmico. Petrópolis, Vozes, 1983, p.148.

<sup>315</sup> ZIMMERMANN, A. Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras. In: GRUPO DE PESQUISA ARTE E EDUCAÇÃO (GPAE). Florianópolis: Udesc, p.1

<sup>316</sup> NUNES, M.R. & GOMES, P.S. (s.d.) A importância das ilustrações na literatura infantil e a necessidade de formação de leitores de imagens. Universidade Federal de Campina Grande, p.1.

<sup>317</sup> NUNES, M.R. & GOMES, P.S. (s.d.) A importância das ilustrações na literatura infantil e a necessidade de formação de leitores de imagens. Universidade Federal de Campina Grande, p.1.

<sup>318</sup> ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS. ABC da ADG. Glossário de termos e verbetes utilizados em Design Gráfico. São Paulo: ADG, 2000. p.59.

como contos infantis, tais obras não foram pensadas assim na primeira edição.<sup>319</sup> Por mais que os livros religiosos, as cartilhas escolares, e as enciclopédias com imagens sejam considerados por muitos os antecessores do livro infantil ilustrado, historicamente os contos de fadas de Perrault no final do século XVII (1697), que são considerados os precursores do que seria logo chamado de material com caráter infantil.<sup>320</sup>

Já no fim do século XVIII Willian Blake traz publicações de caráter moralista e religioso como *Songs of Innocence do Illuminated Book* (1789), que inovou ao trabalhar imagem e texto de forma integrada. Já no século XIX, na Inglaterra, as traduções dos Irmãos Grimm, em *German Popular Stories* ilustradas por George Cruikshank (1823), apresentam ilustrações carregadas de humor e ritmo.<sup>321</sup>

Em 1865, *Alice no País das maravilhas* de Lewis Carrol, é ilustrada por John Tenniel, sendo considerada até hoje a ilustrações mais memorável da obra apesar das várias reedições posteriores. Ainda na mesma década *In Fairyland* (1870) escrito por Willian Allingham e ilustrado por Richard Doyle, também obtém grande sucesso do público por suas variadas imagens de duendes e fadas.<sup>322</sup>

No início do século XX, a escritora e ilustradora Beatrix Potter vai se destacar por associar comportamentos humanos a animais em sua obra mais conhecida *The Peter Rabbit*, sendo possível observar esse antropomorfismo em suas ilustrações. Além disso a escritora tinha uma preocupação com os aspectos físicos do livro, de forma a ser mais facilmente manuseado pelas crianças. No mesmo sentido que Potter, E. H. Sheppard criava e desenhava um dos personagens mais icônicos da literatura: O Ursinho Pooh, que além de um brinquedo de pelúcia ganhava vida em alguns momentos.<sup>323</sup>

Ainda no século XX, outra ilustradora vai se destacar, a britânica Pauline Diana Baynes nascida em 1922 em Hove, East Sussex. Baynes começou seu trabalho como ilustradora, ilustrando os desenhos infantis da empresa familiar de sua amiga Powel Perry sendo o livro *Question Mark* seu primeiro trabalho. Em 1942 Baynes estava desenhando para o Departamento

---

<sup>319</sup> LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira. Histórias e Histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006, p.14, 15.

<sup>320</sup> FREITAS, Neli Klix; ZIMMERMANN, Anelise. A ilustração de livros infantis: uma retrospectiva histórica. da Pesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, ago./2006 — jul./2007, p.334, 335.

<sup>321</sup> BLAKE, Quentin (selec.). *Magic Pencil. Children's book illustration today*. London: The British Library, 2003, *apud* FREITAS, Neli Klix; ZIMMERMANN, Anelise. A ilustração de livros infantis: uma retrospectiva histórica. DAPesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, ago./2006 — jul./2007, p.335.

<sup>322</sup> FREITAS, Neli Klix; ZIMMERMANN, Anelise. A ilustração de livros infantis: uma retrospectiva histórica. da Pesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, ago./2006 — jul./2007, p.335.

<sup>323</sup> BLAKE, Quentin (selec.). *Magic Pencil. Children's book illustration today*. London: The British Library, 2003, *apud* FREITAS, Neli Klix; ZIMMERMANN, Anelise. A ilustração de livros infantis: uma retrospectiva histórica. DAPesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, ago./2006 — jul./2007, p.335, 336.

Hidrográfico do Almirantado em Bath e enquanto isso ilustrava mais livros infantis para a empresa Country Life.<sup>324</sup>

Em 1948, vem o convite que colocaria a autora como uma das grandes ilustradoras do século XX. Tolkien ao conhecer o trabalho da desenhista a chama para fazer as ilustrações de *Farmer Giles of Ham* (1949) uma novela humorística sobre dragões e cavaleiros errantes ambientado em um período medieval falso.<sup>325</sup> Tolkien ficou bastante satisfeito e impressionado com o trabalho de Baynes ao ponto de dizer que “elas eram mais do que ilustrações, eram um tema colateral. Mostrei-as aos meus amigos, cujo comentário educado foi de que elas reduziram meu texto a uma explicação sobre os desenhos.”<sup>326</sup>

Várias das obras de Tolkien posteriormente tiveram a contribuição da ilustradora, que a recomendou a Lewis, como já dito para fazer as ilustrações de Nárnia e mesmo com o relacionamento distante de C. S. Lewis, Baynes conseguiu ganhar o respeito do autor pelo seu belo trabalho nas ilustrações de Nárnia.

Por mais que se respeitassem mutuamente, um ocorrido fez com que a relação de Lewis com a autora se tornasse distante, pois Baynes descobrira que Lewis que de antemão havia elogiado suas ilustrações na sua presença, havia criticado seus dons artísticos na sua ausência, principalmente sua habilidade em desenhar leões, após isso a relação entre desenhista e autor nunca mais foi a mesma.<sup>327</sup>

Duas cartas do autor para a desenhista todavia demonstram que, com o tempo Lewis parecia satisfeito com o resultado do trabalho de Baynes, admitindo que ao seu ver ela havia progredido muito “– [...] O Tisroc ficou esplendido: muito além de qualquer coisa que você fazia cinco anos atrás.”<sup>328</sup> Eu achei que suas faces humanas – os garotos, K. Lune etc. – estavam, desta vez, muito bons.” E na mesma carta agradece a dedicação de Baynes, parabenizando pelo trabalho “- Agradeço imensamente por todo o trabalho dedicado a isso. E, com minha sincera admiração e louvor ao seu trabalho, parabéns...”<sup>329</sup>.

Em 1956 quando A última batalha ganhou recebeu a Medalha Carnegie de melhor livro infantil do ano, Baynes mandara uma carta para Lewis o felicitando pela medalha.<sup>330</sup> Lewis

<sup>324</sup> THORPE, Peter, ZIMMERMAN, Robert. About Pauline Baynes. Paulyne Baynes. Disponível em: <https://www.paulinebaynes.com/?what=about>. Acesso em: 22/04/2021.

<sup>325</sup> Idem.

<sup>326</sup> TOLKIEN, John Ronald Reuel. As cartas de J. R. R. Tolkien. Trad.: Gabriel Blum Oliva. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p.131.

<sup>327</sup> MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.286, 287.

<sup>328</sup> Época em que Baynes desenhava *o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

<sup>329</sup> LEWIS, C. S. Letters of C. S. Lewis, Edited by W. H. Lewis and Walter Hooper, San Francisco: HarperOne, 2017, p.558.

<sup>330</sup> Op cit., p.287.

respondeu dizendo: “não seria “nossa” medalha? Tenho certeza que as ilustrações foram levadas em consideração.”<sup>331</sup>

As contribuições da autora para as Crônicas não terminaram na década de 1960. No site oficial em sua memória é mencionado como a autora não só produziu outras ilustrações para a obra como depois a pintou com intuito de deixá-la mais “interessante”:

Baynes voltou a essas histórias várias vezes, criando designs de capa memoráveis para as brochuras de Puffin; produzindo novas ilustrações coloridas para *The Land of Narnia* (1989), uma edição em grande formato de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (1991) e, três anos depois, *Um Livro de Narnians*. Então, em 1998, ela sutilmente coloriu todas as ilustrações da linha original em todos os sete volumes para atender às demandas de uma geração não mais contente com fotos em preto e branco.<sup>332</sup>

O trabalho mais relevante de Baynes foram as quase 600 ilustrações que embelezam as margens de *A Dictionary Of Chilvary* (1968) de Grant Uber, um trabalho de dois anos que lhe rendeu uma medalha de prestígio.<sup>333</sup> Como admiradora de Edmund Dulac (1882-1953), Arthur Rackham (1867-1939) e Gustave Doré (1832-1883), é perceptível a influência de tais ilustradores no seu próprio modo de ilustrar, sendo possível observar, o apreço que Baynes tinha pelos detalhes e os temas fantásticos, aspectos visíveis nas obras dos seus influenciadores.<sup>334</sup>

Por conta desse seu fascínio com os detalhes em seus trabalhos de história medieval, Baynes anteriormente se debruçava em uma pesquisa meticulosa dos trajes e da arquitetura da época com intuito de criar uma textura na história que se relacionasse com o que os escritos pediam e isso com certeza pode ser visto tanto nas obras de Tolkien, quanto nas de Lewis.

Baynes, morreu em agosto de 2008, estando ainda ativa em projetos relacionados a ilustração. Seus trabalhos continuam sendo referências, e sem dúvida nenhuma Nárnia se constitui em um dos mais relevantes deles.<sup>335</sup>

Feita essa breve explanação histórica, visando destacar o momento em que livro e ilustração se encontram e se constituem em um produto de caráter infantil, com características específicas e propostas diversas, nossos olhos voltam à relação entre leitor/ilustração.

<sup>331</sup> The Collected Letters, vol. 3, p.850.

<sup>332</sup> THORPE, Peter, ZIMMERMAN, Robert. About Pauline Baynes. Paulyne Baynes. Disponível em: <https://www.paulinebaynes.com/?what=about>. Acesso em: 22/04/2021.

<sup>333</sup> THORPE, Peter, ZIMMERMAN, Robert. About Pauline Baynes. Paulyne Baynes. Disponível em: <https://www.paulinebaynes.com/?what=about>. Acesso em: 22/04/2021.

<sup>334</sup> ARAÚJO, B. R. Da imaginação à ilustração: Uma análise das ilustrações de Pauline Baynes no livro *As Crônicas de Nárnia*. Monografia - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Artes Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2019, p.12.

<sup>335</sup> Op cit.

É importante pontuar como pondera Walty, Fonseca e Cury que apesar, do texto e da imagem, serem dois textos autônomos, eles se interpenetram possibilitando o enriquecimento do jogo de significação da leitura.<sup>336</sup> Por isso nem tudo que é expresso por palavras pode ser traduzido de forma imagética e o contrário também é verdadeiro. De modo semelhante, Luis Camargo complementa:

[...] as ilustrações não explicam nem ornamentam o texto; também não traduzem o texto, não buscam equivalências entre o verbal e o visual. Mais do que coerência ou convergências de significados, parece que se trata de co-laboração dos diversos discursos verbal e visual, constituindo um discurso duplo, um *diálogo*.<sup>337</sup>

O que se percebe partindo de ambas perspectivas apontadas acima, é que é assim como os textos verbais, os textos visuais possuem um vocabulário próprio que também necessita de um aprendizado para poder ser lido e compreendido. Sobre essa perspectiva Fernando Hernandez questiona sobre como o estudo das imagens não só se dá como necessário como também constitui em um elemento da cultura que nos cerca, sendo a falta de sua instrução uma forma de analfabetismo “- Se não se ensina aos estudantes a linguagem do som e das imagens, não deveriam ser eles considerados analfabetos da mesma maneira como se saíssem da universidade sem saber ler ou escrever?”<sup>338</sup> Partindo dessa preocupação termos como *analfabetismo visual e animagenismo*<sup>339</sup> chamam a atenção para uma dificuldade crescente e cada vez mais presente nos dias atuais: a falta de crítica reflexiva frente às imagens do dia a dia.<sup>340</sup>

Nesse sentido o ensino da análise das imagens pode ter um aspecto de coletividade como em sala de aula por exemplo, mas a interpretação e o processo de compreensão ocorrem a partir da recepção individual. Isso se dá segundo Camargo pelo fato, de que assim como a leitura da palavra depende do conhecimento do mundo do sujeito e de seu conhecimento linguístico, a leitura da imagem também dependerá do conhecimento do mundo e da linguagem visual pré aprendida pelo indivíduo.<sup>341</sup>

<sup>336</sup> WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. Palavra e Imagem: leituras cruzadas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.68.

<sup>337</sup> CAMARGO, Luis. A imagem. Material didático entregue no minicurso "O livro para crianças: onde o visual e o verbal se mesclam", parte do evento paralelo ao 5º Traçando Histórias. Porto Alegre, 2006, p.13.

<sup>338</sup> HERNANDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual. Porto Alegre: Mediação, 2007, p.38

<sup>339</sup> Termos teorizados por Sandra Ramalho de Oliveira na obra *Moda também é texto*.

<sup>340</sup> ZIMMERMANN, A. (s.d.). Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras. Consultado em 22/04/2021, p.3. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id\\_cpmenu/5925/Explorando\\_as\\_Ilustra\\_\\_es\\_de\\_Livros\\_Infantis\\_suas\\_poss\\_veis\\_leituras\\_15505098693645\\_5925.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/5925/Explorando_as_Ilustra__es_de_Livros_Infantis_suas_poss_veis_leituras_15505098693645_5925.pdf).

<sup>341</sup> CAMARGO, Luis. A imagem. Material didático entregue no minicurso "O livro para crianças: onde o visual e o verbal se mesclam", parte do evento paralelo ao 5º Traçando Histórias. Porto Alegre, 2006, p.13.

Outro fator que merece ser mencionado é a temporalidade que a obra literária permite em relação a outras mídias. O fato da criança poder abrir o livro e pará-lo na sua ilustração favorita e ficar ali por horas a apreciando, traz vantagens em relação a televisão ou aos vídeos por exemplo que funcionam em um caráter de transmissão aceleradas de imagens. Além disso, o livro permite que as páginas das ilustrações sejam facilmente acessadas permitindo ao leitor estabelecer relações diversas dentro de uma mesma história e possibilita ao processo criativo da criança construir suas próprias ilustrações mentais pensando no que teria acontecido de uma página para a outra enquanto lê o texto escrito. Deste modo as páginas lacunares de ilustração também são primordiais nesse de processo recepção da linguagem imagética.<sup>342</sup>

A forma de leitura quando se compara o texto escrito ao texto ilustrativo também é um fator que merece ser mencionado, já que enquanto no texto escrito a trajetória dos olhos é linear, no texto visual os olhos percorrem diversas direções, conforme as características da imagem, o que também acrescenta dois tipos de leituras diferentes à obra.

Diferente do que se possa imaginar a relação de diálogo entre texto e imagem possui vários desdobramentos. Assim pois é necessário analisar a informação transmitida pelo texto e pela imagem para saber se ambas expressam uma informação que na sua substancia seja idêntica, como fazia a ilustração tradicional, ou se há na obra uma relação complementar entre texto e imagem ou ainda contraditória entre elas.

Tereza Colomer vai dividir os modos de interpretação em seis tipos distintos, dos quais três serão perceptíveis em Nárnia. O primeiro é chamado por ela de *Informações complementares que o leitor deve unir*, que se constitui na junção do código textual com o código imagético se fundindo em uma única mensagem.<sup>343</sup> Em Nárnia esse tipo de interpretação é possível de se observar, com a imagem como reforço do que traz o texto. No exemplo a seguir o texto contido em *O sobrinho do mago*, nos traz a seguinte descrição: “estavam em uma superfície plana e pavimentada com grandes edifícios ao redor; era uma espécie de pátio. O céu era de uma escuridão fora do comum, de um azul quase preto.”<sup>344</sup> Vejamos como a ilustração, reforma o texto escrito, e fornece ao leitor um retrato próximo do texto.

---

<sup>342</sup> ZIMMERMANN, A. (s.d.). Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras. Consultado em 22/04/2021. p.5. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id\\_cpmenu/5925/Explorando\\_as\\_Ilustracoes\\_de\\_Livros\\_Infantis\\_suas\\_possiveis\\_leituras\\_15505098693645\\_5925.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/5925/Explorando_as_Ilustracoes_de_Livros_Infantis_suas_possiveis_leituras_15505098693645_5925.pdf).

<sup>343</sup> COLOMER, Teresa. Introdução à literatura infantil e juvenil atual. São Paulo: Editora Global, 2017, p.281.

<sup>344</sup> LEWIS, C. S. *O sobrinho do mago*, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.47

Figura 2: Chegada de Digory e Polly a cidade de Charn.



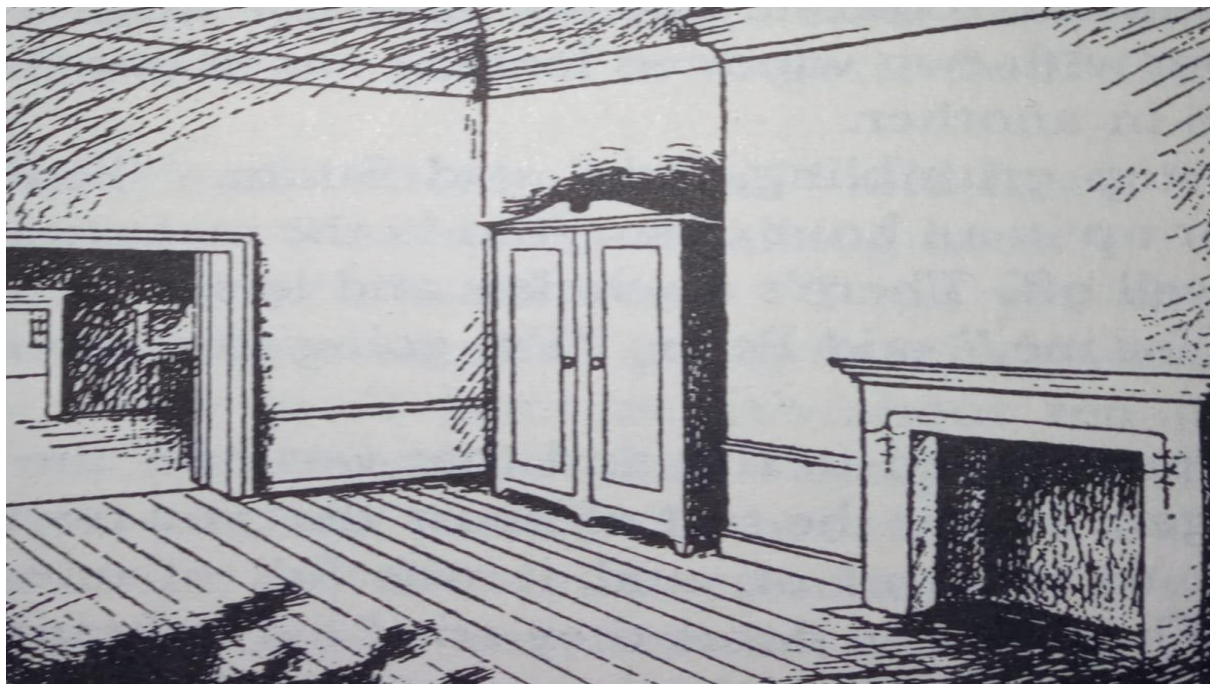
LEWIS, C. S. O sobrinho do mago, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.48.

Outro modo muito marcante em *Nárnia* é intitulado de *Análise do texto*, que se define como o modo ilustrativo com o objetivo de contribuir para fixar os pontos-chave da história, marcando seu ritmo, de forma que seja possível recapitular a trajetória da história apenas por meio das imagens.<sup>345</sup> Baynes abusa de tal método, e é possível perceber isso pelas capas que a autora construiu para cada história da saga. Quando analisamos *o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* por exemplo, os acontecimentos centrais da história sempre são destacados pela ilustradora, como por exemplo o encontro com o guarda-roupa e com o Elmo do Lampião, e isso ocorre por toda a saga:

<sup>345</sup> COLOMER, Teresa. Introdução à literatura infantil e juvenil atual. São Paulo: Editora Global, 2017, p.281.



Figura 3: O guarda-roupa.



LEWIS, C. S. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.4.

Figura 4: O elmo do lampião.

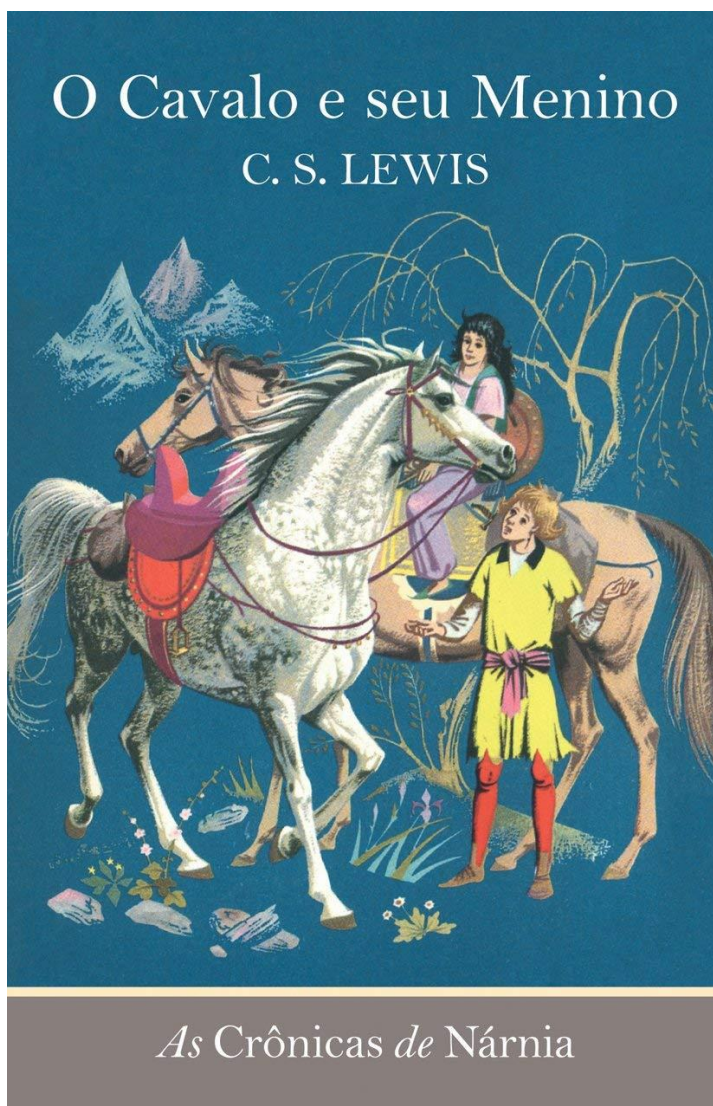


LEWIS, C. S. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.16.



O modo intitulado por Tereza Colomer de *Síntese de conteúdo*, também é presente na obra e tem como objetivo ilustrativo, trazer um relato antecipado do desfecho da trama.<sup>346</sup> Baynes tinha como característica, usar esse tipo de modo de interpretação em suas capas. Na capa de *O cavalo e seu menino* por exemplo, temos a apresentação antecipada da jovem Aravis e da sua égua Huin, que apesar do título não fazer menção, nos dá uma ideia antecipada de que uma jovem fará parte da história e terá relevância. Vejamos a capa:

Figura 5: Capa de *O cavalo e seu menino*.



LEWIS, C. S. *O cavalo e seu menino*, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

Esses três tipos de modos de interpretação, são os que mais aparecem na trama, sendo os dois primeiros, predominantes durante toda a saga e o terceiro aparecendo sempre nas capas.

<sup>346</sup> COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. São Paulo: Editora Global, 2017, p.284.

Isso significa que na coleção *As Crônicas de Nárnia*, as ilustrações possuem dois papéis principais: o primeiro de somar com as descrições textuais, possibilitando ao leitor que tenha um retrato mais palpável e visual do texto escrito, e em segundo lugar, traçar um ritmo para a história de maneira que as ilustrações funcionem como um mapa mental do local de onde o leitor se encontra na história.

Feita essa primeira análise que abordou a importância das imagens em Nárnia de maneira geral, nos atemos às descrições de certos elementos da saga feitos pela ilustradora Pauline Baynes começando pela descrição física dos personagens.

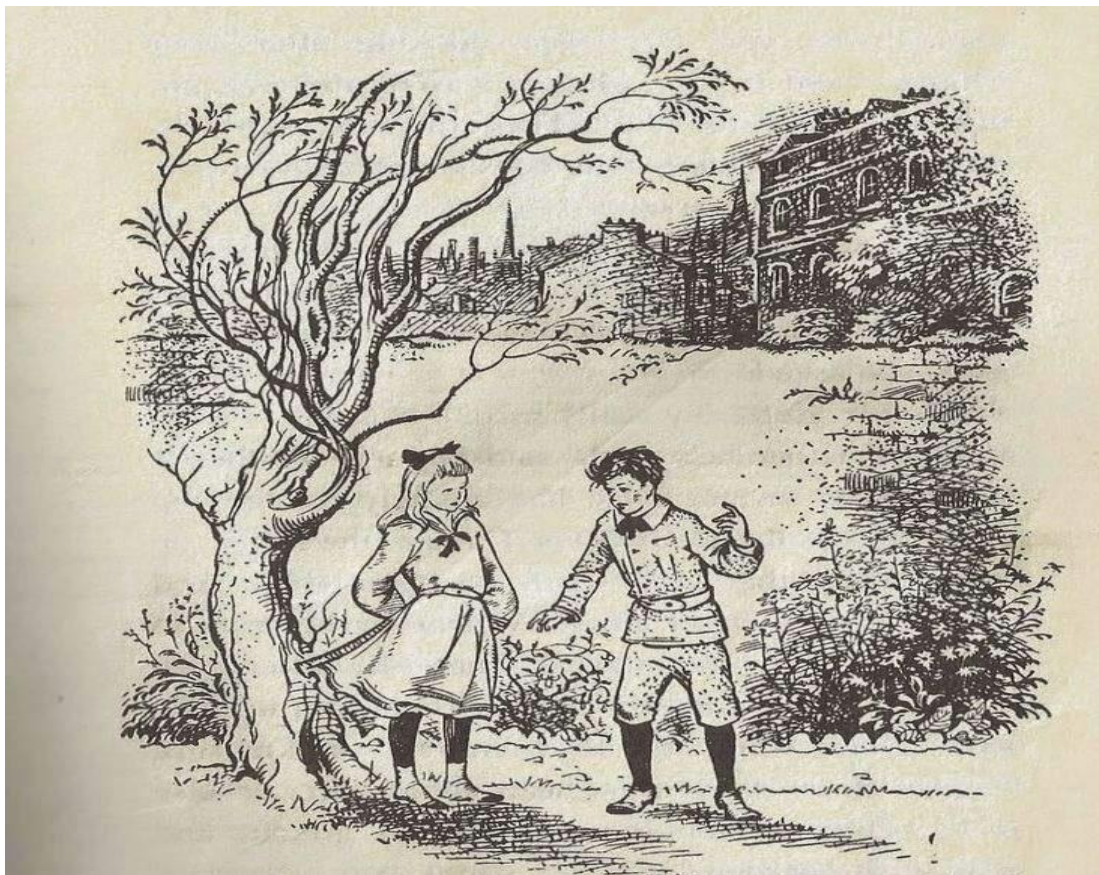
Nesse sentido, a obra nos dá dois caminhos para a análise, o cronológico, começando pelo *O sobrinho do mago*, ou o de publicação começando com *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Já que nosso interesse aqui está na história, usaremos a ordem cronológica. Sendo assim, a primeira descrição feita por Lewis dos seus personagens é relacionada a um período histórico, e isso é determinante para como Baynes ilustra a obra: *naqueles tempos Sherlock Holmes, ainda vivia em Londres, e as escolas eram ainda piores que as de hoje*.<sup>347</sup> Usando como referência a historicidade, o final do século XIX e início do século XX período da maioria das histórias de Holmes. Baynes ilustra Polly e Digory a caráter, com a menina usando os vestidos rodados e bufantes da época e com Digory utilizando os populares *Knickerbockers*, um tipo de calças

---

<sup>347</sup> LEWIS, C. S. *O sobrinho do mago*, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.11.

masculinas curtas.<sup>348</sup> Em relação a aparência física dos personagens, aparentemente são crianças brancas, de cabelos lisos e que estão entrando na adolescência e saindo da infância.

Figura 6: Digory e Polly (primeira ilustração dos personagens na história).



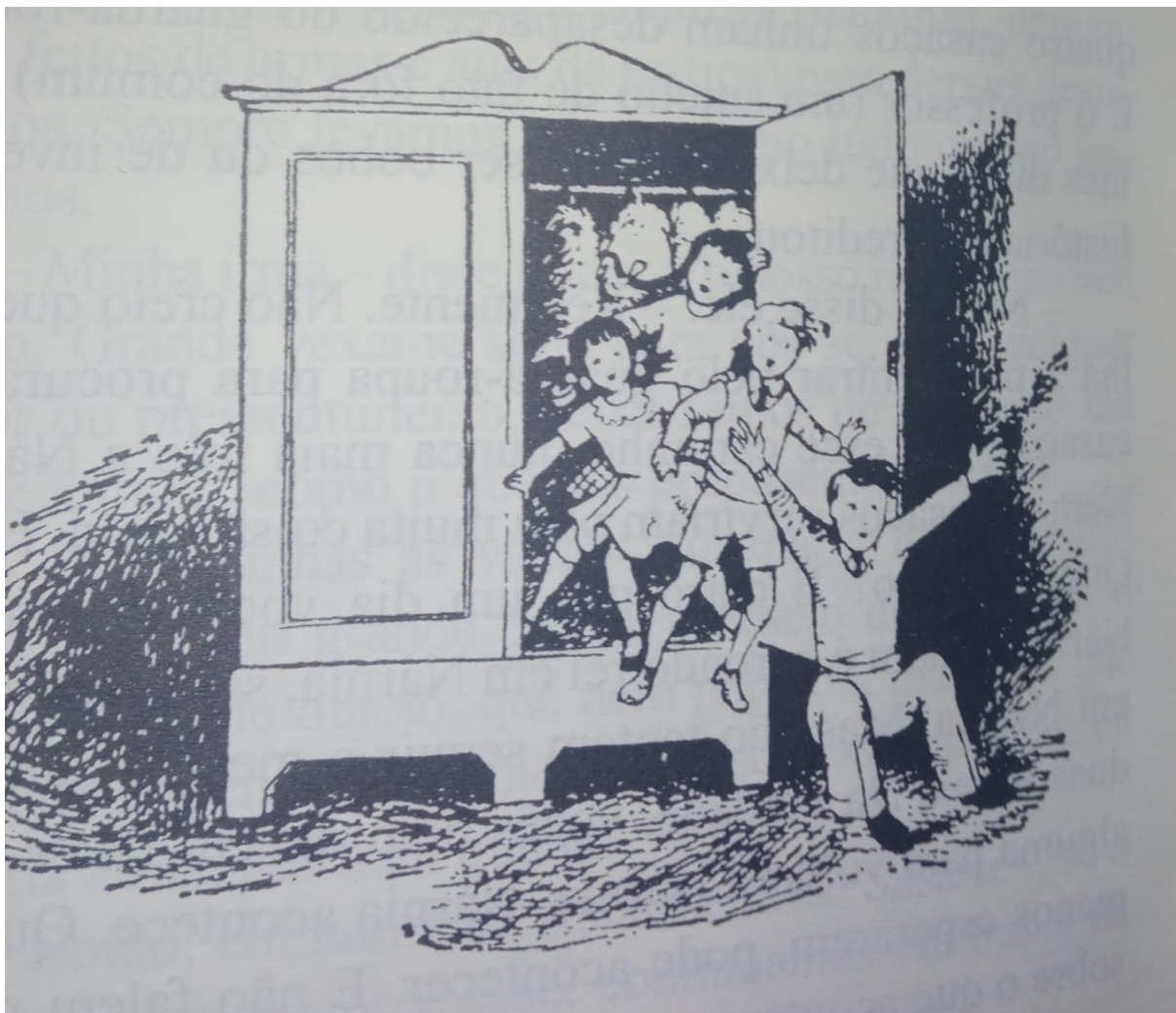
LEWIS, C. S. O sobrinho do mago, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.13.

Outro aspecto que deve ser mencionado é como Baynes leva em consideração a temporalidade da história para ir construindo as suas ilustrações modificando seus personagens conforme o decorrer da trama. Na primeira história vemos, Pedro, Edmundo, Lúcia e Susana, ainda crianças, já em *A viagem do Peregrino da alvorada*, Lúcia e Edmundo já aparentam mais velhos, como se já fossem jovens pertos da fase adulta e por fim em *A Cadeira de Prata*, último livro da saga, os personagens que nos foram apresentados durante as sete histórias, já aparecem como adultos.

<sup>348</sup> ARAÚJO, B. R. Da imaginação à ilustração: Uma análise das ilustrações de Pauline Baynes no livro *As Crônicas de Nárnia*. Monografia - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Artes Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2019, p.20.



Figura 7: Os irmãos Pevensie - Pedro, Edmundo, Lúcia e Susana.



LEWIS, C. S. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.180.

Figura 8: Encontro com Aslam em forma de cordeiro. Edmundo, Lúcia e Eustáquio.



LEWIS, C. S. A viagem do peregrino da alvorada, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.229.

Figura 9: Reis e Rainhas de Nárnia: da esquerda pra direita. Tirian, Pedro, Polly, Digory, Edmundo, Jill, Lúcia e Eustáquio.



LEWIS, C. S. A Última batalha. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p. 158.

A imagem acima demonstra o cuidado que Baynes teve ao construir a ilustração da obra, visivelmente ela coloca traços nos desenhos que permitem determinar os personagens que foram primeiros para Nárnia, pela aparência. Observamos Digory ao centro, que já aparenta um senhor, juntamente com Polly que também aparenta mais idade, sendo os primeiros humanos a irem a Nárnia.

Em seguida podemos ver Pedro, Edmundo e Lúcia com traços de mais idade se compararmos com os desenhos de Eustáquio e Jill. Além disso é possível notar que Baynes conserva alguns traços principais dos personagens como por exemplo o cabelo dividido de Lúcia que a acompanha por toda a trama independente da sua idade.

Entretanto, é possível ver uma diferença em relação ao cabelo de Digory e Edmundo. Ambos que em outros momentos foram ilustrados tendo o cabelo liso, nessa imagem aparentam ter um cabelo um pouco mais cacheado do que necessariamente liso, como o de Pedro e Eustáquio por exemplo. Não se sabe ao certo a motivação para que Baynes mudasse a característica física desses personagens, mas ela é perceptível.

Mediante a isso, a acusação de eurocentrismo da obra, se reflete também na descrição de Baynes do Tarcaã presente na figura 1. É claro que Baynes tinha que desenhar o que Lewis



tinha descrito, mas mesmo assim é inegável a diferença entre as roupas e vestimentas do personagem em relação aos personagens narnianos da imagem acima, e sua semelhança com as vestimentas das culturas orientais.

Algo a salientar é que apesar de em *A Última Batalha*, o padrão estabelecido por Baynes nas primeiras páginas de *Nárnia* se manter, usando as ilustrações para determinar os pontos altos da história. As traços de suas ilustrações ficam um pouco mais refinados e menos infantis quando se comparado as suas ilustrações iniciais.

Figura 10: Macaco Manhoso, um dos vilões de *A Última Batalha*.



LEWIS, C. S. *A Última Batalha*, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.16.

Das sete histórias de *Nárnia*, quatro contém um elemento fundamental para se entender de maneira mais clara os caminhos dos personagens da saga: os mapas. Apesar de serem apresentados de maneira separada, ou seja, sem apresentarem uma unicidade, eles fazem seu

papel descritivo de demonstrar Nárnia e as principais regiões que vão além do território de Nárnia.

As três histórias que não contêm mapas, apresentam suas justificativas na não necessidade destes. Em *O sobrinho do mago*, Nárnia estava sendo criada, não fazendo sentido ter um mapa; em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, toda a saga acontece no território de Nárnia e por fim em *A última batalha*, os três mapas anteriores servem como referência para entender a localidade de onde os eventos estão ocorrendo, não sendo necessário um novo mapa. Vejamos os mapas:

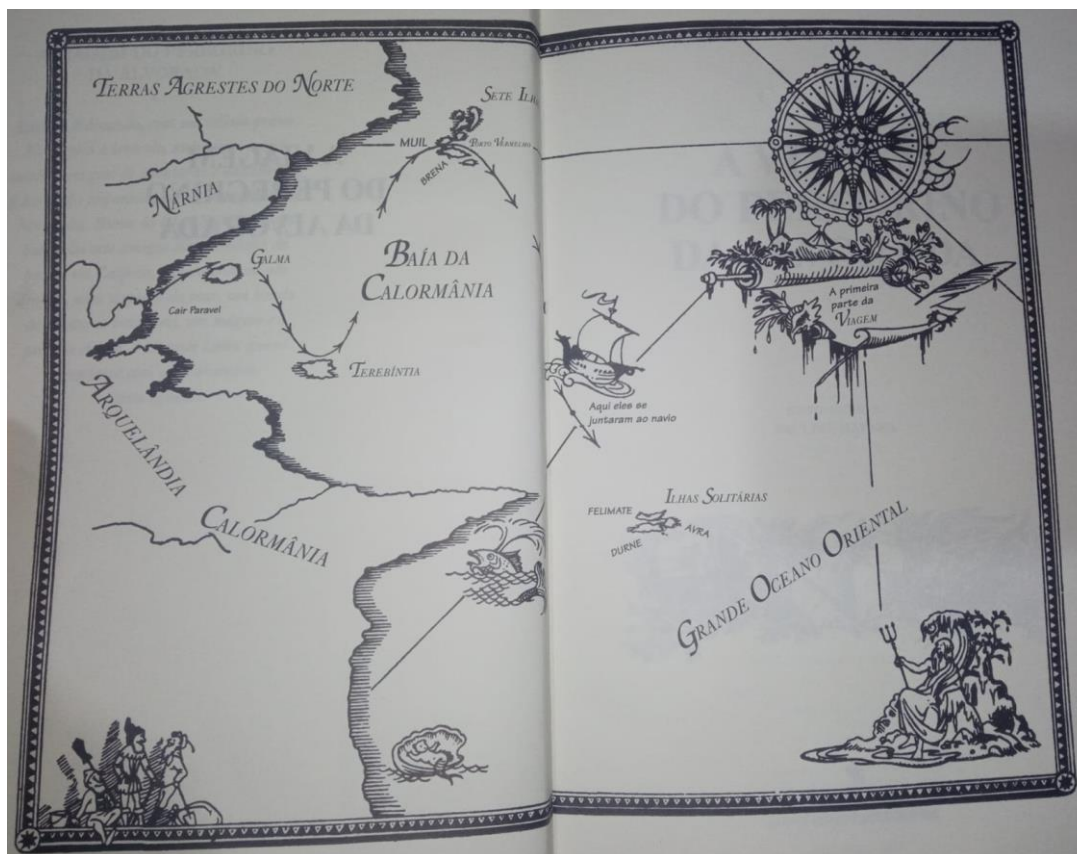
Figura 11: Mapa de *O cavalo e seu menino*.



LEWIS, C. S. *O cavalo e seu menino*, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.



Figura 12: Mapa de A viagem do Peregrino da Alvorada



LEWIS, C. S. A viagem do Peregrino da Alvorada, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

É possível perceber que Lewis e Baynes vão aumentando os detalhes do mapa geral de Nárnia com o passar dos anos. Quando observamos o mapa um, da figura 11 desenhado por Baynes, não se tem, por exemplo, a região da Calormânia mesmo ela sendo mencionada na história que leva o primeiro mapa. Entretanto, conseqüentemente, nos mapas seguintes a região da Calormânia é acrescentada como podemos ver na figura 12.

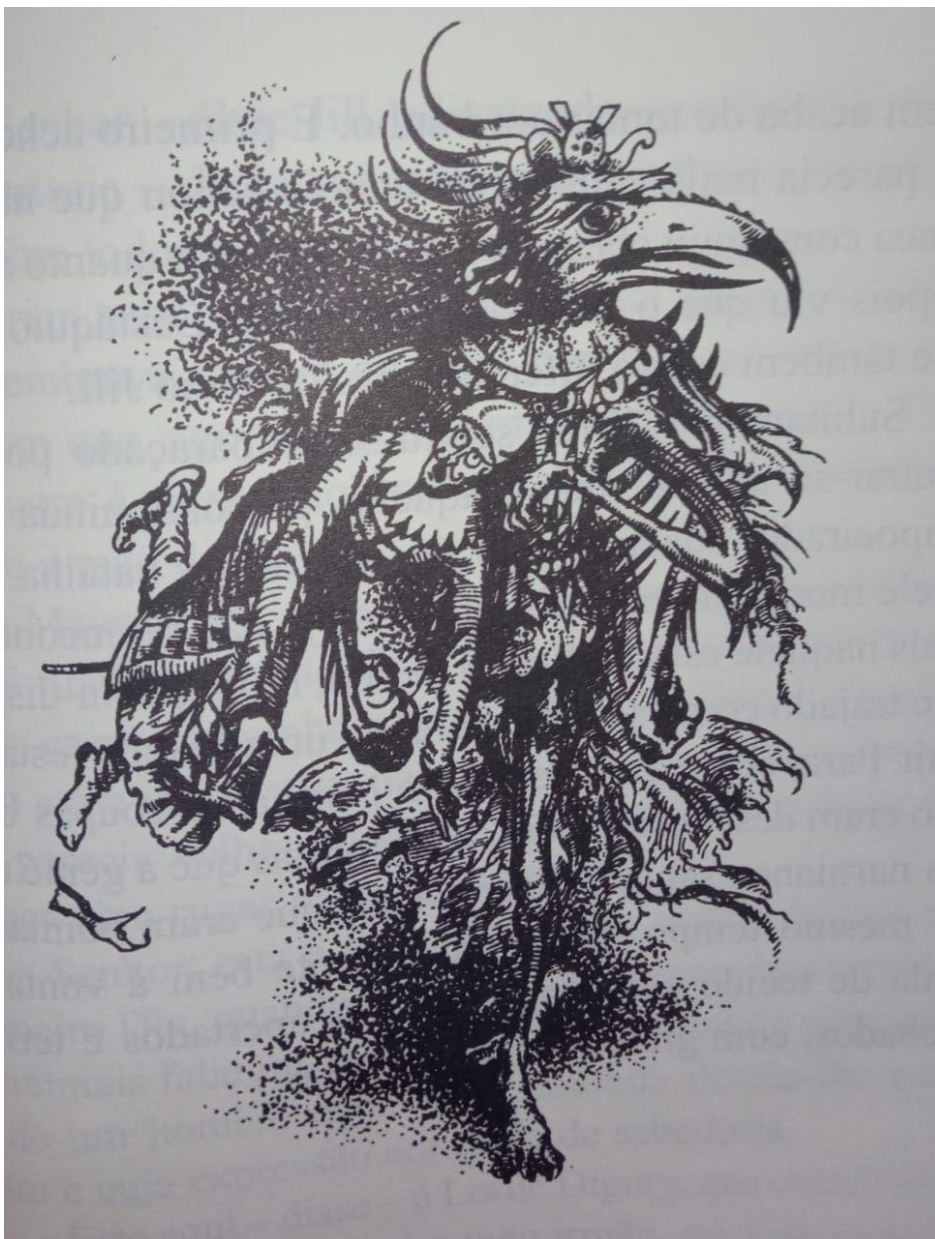
Os mapas, trazem um recurso imagético para os leitores das *Crônicas*, tornando-se fundamentais a medida que Lewis, decide acrescentar territórios para além de Nárnia. Nesse sentido, os mapas da saga, não só representam uma parte significativa do processo ilustrativo da obra, como também, sem eles não seria possível entender de maneira tão clara, as regiões que vão para além do território que dá nome a saga.

Por fim outro ponto bastante relevante sobre as imagens da obra é o fato de que Lewis pede para que Baynes descreva personagens que são bastante confusos. Como por exemplo,

Brejeiro e Tash que não possuem referências anteriores de outras obras e são invenções da cabeça do autor. Usaremos Tash como exemplo. A obra o descreve da seguinte forma:

[...] era muito menor do que a coisa que tinham visto da torre, embora fosse ainda muito mais alta que um homem. Mas era a mesma criatura. Tinha uma cabeça de abutre e quatro braços. O bico estava aberto e os olhos fumegavam.<sup>349</sup>

Figura 13: Tash.



LEWIS, C. S. A Última Batalha, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p.157.

Com certeza Lewis poderia ter deixado para a imaginação de cada um dos seus leitores a construção de Tash, mas parece que não era isso que o autor pensava em fazer e Baynes

---

<sup>349</sup> LEWIS, C.S. As Crônicas de Nárnia – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.707.

entendeu isso muito bem, descrevendo a criatura de maneira muito similar àquilo que Lewis havia descrito. Entretanto, mesmo com a semelhança do texto escrito e imagético em *Nárnia* ainda é possível perceber, nas suas ilustrações elementos que nem sempre estão descritos no texto possibilitando para o leitor infantil desenvolver um senso observador, a partir da distinção dessas diferenças.

Sendo assim, em *Nárnia* o que é possível observar é o que a pesquisadora em ilustração Sophie Van Der Linden vai chamar de “função completiva” que é quando texto e imagem fornecem informações capazes de complementar um ao outro preenchendo as lacunas da história. Tal função, auxilia na constituição do texto como um todo, como é o exemplo de Tash onde a imagem somada a escrita nos dá uma ideia completa de como seria a criatura.<sup>350</sup> Sendo *Nárnia* uma obra em que a sua linguagem ilustrativa é tão relevante quanto sua linguagem textual, seria impossível passar por ela ignorando um elemento determinante para a sua leitura e entendimento.

Feita essa análise que passou por um resumo da obra, pelos suas influencias, pela sua relação intertextual com a Bíblia e com outras obras, por sua análise filosófica e social, por seu lugar dentro da literatura infantil, e por fim pela importância da ilustração no interior da obra, nosso foco agora se dirige para o processo de recepção, para nos aproximarmos, através das cartas respondidas por Lewis aos seus leitores, e das possíveis interpretações em torno da obra durante a década de 1950 e 1960.

---

<sup>350</sup> LINDEN, Sophie Van der. *Para Ler o Livro Ilustrado*. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p.125.

### CAPÍTULO 3 - O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM AUTOR E O CRUZAMENTO DE UMA RECEPÇÃO.

Oxford.

11 de setembro de 1958.

Querida Lucy

Você acertou! Uma alegoria estrita é como uma charada com solução: um bom romance é como uma flor que o cheiro lembra você de alguma coisa que você não consegue identificar exatamente. Eu acredito que a coisa toda é “toda a qualidade de vida que nós conseguimos de fato experimentar” Você pode ter uma história realista onde todas as coisas e todas as pessoas são como as que conhecemos na vida real, mas a qualidade, o sentimento, a textura ou o cheiro, não são. O contrário acontece em um bom romance. Eu nunca vi Orcs, Entes ou Elfos<sup>351</sup> – mas o sentimento disso, o senso de um grande passado, do perigo iminente, missões heroicas alcançadas por uma pessoa não heroica, distância, vastidão, estranheza, simplicidade (tudo isso misturado) é tão exatamente o que viver significa para mim. E particularmente, partir o coração nos lugares mais belos, como Lothlorien<sup>352</sup>. E é como a história real do mundo: “Então, como agora, existia uma escuridão crescente e grandes feitos foram feitos que não foram inteiramente em vão”. Nem otimismo (essa é a última guerra e depois virá uma amável eternidade) nem pessimismo (essa é a última guerra e toda a civilização irá acabar) entenda. Não. A escuridão irá vir de novo e de novo e nunca será inteiramente triunfante ou derrotada.

Com os melhores cumprimentos.

C. S. Lewis.<sup>353</sup>

A escolha de iniciar o capítulo com essa carta se dá porque ela consegue abarcar muito do quão determinante foi a atuação de Lewis no entre e pós-escrito das *Crônicas de Nárnia* no processo de recepção da obra dos seus leitores. Apesar da carta em questão não falar sobre a obra, ela demonstra muito de como C. S. encarava e gostaria que seus romances, entre eles *Nárnia*, fossem compreendidos. Sendo assim, o capítulo 3 tem o intuito de demonstrar de maneira sistemática como Lewis buscava que *Nárnia* fosse entendida e de que maneira o autor construiu mecanismos para que os seus primeiros leitores não fugissem da interpretação construída por ele. Além disso temos o intuito de compreender como os “primeiros” leitores da obra a entenderam. Para isso buscaremos fontes que nos de indícios do que esses leitores falaram acerca da leitura da obra. Entretanto nesse sentido a pesquisa nos traz um desafio relacionado à própria ausência de fontes diretas desses sujeitos. Todavia, mediante a esse percalço uma análise das cartas de respostas de Lewis para esses leitores, nos possibilita, mesmo que de maneira indireta, analisar quais eram as principais indagações e questionamentos desses indivíduos ao lerem a obra.

<sup>351</sup> Habitantes da Terra-média formam a fantasia de Tolkien, O Senhor dos Anéis

<sup>352</sup> Lothlórien, uma antiga floresta na Terra-média onde cresciam as árvores douradas de Mallorn, de O Senhor dos Anéis.

<sup>353</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.81.

Interessante ressaltar que, por mais que haja milhares de cartas de Lewis para seus amigos, colegas de trabalho e fãs, não há a mesma variedade de fontes relacionadas às cartas que o autor recebia, o que representa uma lacuna apresentada pelas fontes até o momento relativa à discussão sobre o processo de recepção das suas obras. Em *Cartas de C. S. Lewis* (2021), uma citação de Warren H. Lewis, irmão de C. S. e responsável por juntar e transcrever grande parte dessas cartas, nos dá uma ideia dos critérios adotados para a seleção das cartas. Ela aparenta ter uma intencionalidade de criação de uma imagem de um Lewis “brilhante”, sem nenhuma preocupação em guardar as cartas que eram recebidas pelo autor:

Ao fazer esta seleção da correspondência do meu irmão, pensei não apenas naqueles interessados nos aspectos literários e religiosos da sua mente, - mas também - e talvez de forma mais urgente - naqueles que querem inferir dessas cartas alguma ideia de vitalidade, de cor, e da engenhosidade demonstrada por toda a sua vida por este melhor dos seus amigos e irmão.

Nem todas as cartas que Jack escreveu eram de interesse público e permanente; algumas vezes ele era repetitivo; e algumas cartas ou partes de cartas, devem ser omitidas por motivos de caridade e discrição. Em alguns casos, os nomes de seus destinatários foram alterados ou suprimidos, por motivos suficientes. Em geral, as omissões foram indicadas onde o leitor poderia ficar confuso ou perplexo: eu considerei a conveniência do leitor sem almejar alguma meticulosidade erudita.<sup>354</sup>

Como qualquer personagem histórico que tem seus escritos tocados, a mão do editor se faz presente nas correspondências de C. S. Lewis através das escolhas do seu irmão. Todavia, um pouco mais grave que isso é a declaração de Walter Hooper, último secretário de Lewis, ao cotejar as cartas originais do autor com as cartas editadas por Warnie H. Lewis e percebendo nelas intervenções significativas promovidas pelo irmão do autor:

Eu comecei esse trabalho comparando as cartas publicadas com as originais e fiquei bastante surpreso em descobrir com que liberalidade Warnie empreendeu a tarefa de editá-las. Havia centenas de alterações menores nas primeiras dezenas de páginas - tantas que eu mandei uma xerox das páginas corrigidas para Collins e os detentores dos direitos e legado. Ambos acharam que seria desonesto divulgar as cartas de Lewis com algo diferente do que ele realmente escreveu. [...] A Collins decidiu que seria válido reestruturar todo o livro.<sup>355</sup>

Deste modo, aparentemente as mudanças feitas por Warnie foram corrigidas pela Collins, já que ainda haviam os originais, mas é impossível saber quantos trabalhos foram escritos e redigidos com o uso das fontes alteradas.

---

<sup>354</sup> LEWIS, C. S. *Cartas de C. S. Lewis*. Trad. Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 56.

<sup>355</sup> *Ibid.*, p.13, 14.

Mediante a isso, esse estudo acerca da recepção de Nárnia, terá como fonte principal o livro de Lile W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead, intitulado, *C. S. Lewis, Letters to Children*, de 1995, onde são reunidas várias cartas que Lewis mandará para seus fãs respondendo às indagações sobre suas obras e entre elas Nárnia.

Vale ressaltar que tais cartas foram escolhidas pelas editoras com o intuito de construir um caráter universalizante da relação entre Lewis e as crianças. Na introdução da obra, é mencionado por elas que o conjunto de cartas entre Lewis e seus fãs mirins é imenso, e que as escolhas das cartas seria apenas uma amostra representativa desse acervo.<sup>356</sup> Sendo assim, há uma despreocupação em detalhar de maneira mais preocupada esses leitores, e um objetivo de construir uma imagem que coloque todos os leitores de Lewis pensando de forma similar.

Antes de adentrarmos as cartas é necessário entender o que consiste em o processo intitulado de recepção, cujos estudos intensificam-se a partir da década de 1960. Tal processo primeiramente tem uma busca por um novo olhar acerca do autor, texto e leitor. O autor agora estava morto, como unidade detentora de sentido pleno. Embora ainda seja responsável por produzir o texto, articular ideias e posições no construto da sua obra, ele não consegue mais controlar os sentidos e interpretações que sua obra de arte pode suscitar. É tirado então do autor o título de “detentor” do sentido do texto que agora perpassa para além dele atravessando estruturas de poder, ilustradores, editores da obra e leitores da mesma.<sup>357</sup>

Deste modo, o texto se desvencilhou das amarras estruturalistas/funcionalistas, que atribuíam a sua textualidade as chaves para se entender a obra. A partir das novas maneiras de se analisar a obra (pragmática, teoria da enunciação, análise do discurso), que passaram a considerar de maneira mais contundente a relação linguagem-sociedade, o texto deixou de ser apenas uma organização linguística que “carrega” ou “transmite” pensamentos, ideologias e informações daquele que a produz.<sup>358</sup>

Sendo então o texto agora incapaz de imprimir todas as intenções do seu produtor, o mesmo torna-se cheio de lacunas e não-ditos. É nesse sentido que a figura do leitor se torna primordial já que no ato de leitura é incluído seu universo de leituras prévias, vivências cotidianas e historicidade que produzem uma significação partindo da sua experiência e não da do autor. Dentro dessa estrutura de pensamento que as correntes preocupadas com a *Estética*

<sup>356</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.7.

<sup>357</sup> ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. *Estética da recepção*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: EdUEM, 2009. p. 153.

<sup>358</sup> Idem.

*da Recepção* irão surgir, baseadas na preocupação da experiência que o leitor tem ao ler determinada obra e refletir sobre como essas experiências são construídas.<sup>359</sup>

Deste modo, os estudos de recepção nos ajudaram a demonstrar os mecanismos de escrita usados por C. S. Lewis para construir uma obra que fornecesse uma leitura que fosse a pensada por ele na hora da escrita da obra. E se ao compararmos sua intencionalidade com as respostas das suas cartas, encontraremos por parte dos leitores mirins, interpretações que fogem daquilo que era pretendido pelo autor. Para alcançar tal objetivo usaremos como aporte teórico os trabalhos de Walter Benjamin (1892 – 1940), Wolfgang Iser (1926 – 2007), Umberto Eco (1932 – 2016) e Roger Chartier (1945) que apesar de possuírem perspectivas nem sempre semelhantes acerca dos processos de recepção possibilitam um enriquecimento do debate acerca dos métodos de recepção.

Em complemento a isso utilizaremos, os estudos que analisam as cartas como fontes históricas. Longe de ser um documento simplório de análise, elas possibilitam o acesso a ricos vestígios de um tempo que não é nosso e de relações que de certo modo, escapam a um controle social que é perceptível aos documentos oficiais. Cada elemento nos diz muito sobre determinada relação: a letra utilizada, a linguagem culta ou popular, a forma de tratamento, o papel no qual foi escrita, cada detalhe delimita o lugar histórico do documento do remetente e do destinatário.

Escrever uma carta, é de determinado modo escrever sobre si, e não só isso, escrever sobre isso pensando em seu receptor, exigindo de quem escreve um cuidado para que no seu horizonte de escrita haja ideias que atinja de maneira compreensível seu interlocutor. Dessa forma qualquer escrita tem como primeiro avalista do processo o seu autor, sendo a carta sobretudo uma conversa com um ausente que se faz presente no processo na comunicação.<sup>360</sup>

Como pondera Angela de Castro Gomes, a carta diz que o segredo existe, explicitando seus limites ou faz crer que ele não existe e que é uma confissão plena. Trata, assim de um discurso marcado por um cuidado de delimitar as relações pessoais. De qualquer forma, é um espaço ideal para a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais, profissionais e afetivas.<sup>361</sup>

---

<sup>359</sup> Ibid., 153, 154.

<sup>360</sup> FREDRIGO, Fabiana de Souza .As guerras de independência, as práticas sociais e o código de elite na América do século XIX: leituras da correspondência bolivariana. In: *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 23, nº 38: p.293-314, Jul/Dez 2007, p.294.

<sup>361</sup> GOMES, Angela Castro. “Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro. (Org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.21

Além disso, escrever para outro, sempre é um processo que permite acertar algumas coisas ditas, mudar determinadas ideias sobre si e construir uma maneira de se ver para o outro. Por mais que se assemelhe ao processo autobiográfico, a carta possui um caminho um tanto quanto mais intimista, já que a escrita é direcionada a um sujeito específico que o interlocutor pretende atingir com objetos específicos em relação a convencê-lo de algo ou compartilhar com o mesmo suas ideias ou partes determinadas do seu universo particular.<sup>362</sup>

Por seu caráter intimista, as cartas como arquivos pessoais e de família representam uma fonte de pesquisa singular, capaz de interagir as estruturas comunicacionais de um indivíduo com sua relação com o mundo. Os avanços das pesquisas nesses documentos trouxeram para o trabalho historiográfico importantes repositórios de informações que possibilitam um estudo mais ampliado dos sujeitos em várias áreas do conhecimento.<sup>363</sup>

Delas se permite a aproximação de sujeitos, a intensidade do relacionamento entre estes, além de ser um documento que funciona de maneira dúbia, ou seja, a carta sempre diz algo sobre aquele que a envia assim como diz algo sobre aquele que a recebe. Deste modo “como fonte, as cartas interessam pelo que contem de indicativo sobre a pessoa, na posição de remetente ou de destinatário, e suas circunstâncias”.<sup>364</sup>

O documento carta é recoberto com uma carga emocional tanto do autor quanto do destinatário, o que, pode exercer um fascínio sobre quem está lendo e exige do historiador um cuidado para não cair no perigo de entender o documento como uma verdade plena, como detentor daquilo que foi o mais próximo do tempo real do qual a pessoa estava escrevendo, como argumenta Angela Maria de Castro Gomes:

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido do real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é constitutivo, e em face do qual certas reflexões se impõem. Nesse sentido, o trabalho de crítica exigido por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário com qualquer outra, mas precisa

<sup>362</sup> FREDRIGO, Fabiana de Souza. As guerras de independência, as práticas sociais e o código de elite na América do século XIX: leituras da correspondência bolivariana. In: *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 23, nº 38: p.293-314, Jul/Dez 2007.

<sup>363</sup> BAUMANN, Eneida Santana. O Arquivo da Família Calmon à Luz da Arquivologia Contemporânea. Salvador, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, 2011, 24.

<sup>364</sup> LEMOS, Renato. *Bem traçadas linhas*. A história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p.18



levar em conta suas propriedades, para que o exercício de análise seja efetivamente produtivo.<sup>365</sup>

Vale mencionar também que as correspondências como fontes históricas, estão longe de serem documentos que foram escritos pensando no trabalho do historiador. Deste modo é praticamente certo de que o documento em algum momento apresentara lacunas ao processo da pesquisa histórica. Mediante a isso, cabe ao historiador perscrutar em primeiro plano a vida e as relações sociais do indivíduo que está escrevendo o documento em relação ao tempo histórico que ele está inserido, e quando possível utilizar os mesmos conceitos para entender quem são os indivíduos do qual esse está se relacionando.<sup>366</sup>

Desta forma, utilizaremos os estudos de Angela de Castro Gomes e Fabiana de Souza Fedrigo, como principal aporte para os estudos acerca da utilização das cartas para análise sobre qual relação é possível perceber entre Lewis e seus interlocutores mirins.

### **3.1 A construção de referências por um autor, a escolha de um leitor e os mecanismos propostos para uma leitura específica de Nárnia.**

Quando começou a escrever, Lewis certamente tinha algo em mente e, com o tempo suas ideias sobre escrita foram amadurecendo e se transformando. O que queremos demonstrar é que o autor formulou maneiras para que sua obra fosse lida de acordo com uma leitura prévia que ele estabelecera, e, por isso os estudos de recepção são tão importantes para compreendermos tal ato. Além disso, o seu relacionamento com seus fãs através das suas cartas também demonstra como o autor catequizou de determinado modo seus leitores para estruturar mais ainda a maneira da qual ele acreditava que Nárnia deveria ser lida.

Em 1939 as seguintes palavras foram ditas pelo autor: “Vou escrever um livro para crianças”<sup>367</sup>, enquanto tomava um café da manhã com a senhora Moore e a senhorita Maureen. A reação de ambas, rindo do anúncio de Lewis, demonstrava como soava improvável que um

---

<sup>365</sup> GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*.— Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13.

<sup>366</sup> PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Arquivo particular “Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. Patrimônio e Memória, v. 4, n. 2, p. 55-73, 2007, p.68.

<sup>367</sup> Essa recordação não tem data, mas o fato deve ter ocorrido antes do casamento de Maureen com Leonard Blake, em 27 de agosto de 1940, quando ela, mudou-se de The Kilns. (CF: MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.281).

teórico linguista conceituado escrevesse literatura infantil.<sup>368</sup> Tal declaração é importante porque já demonstra que Lewis decidira de antemão qual seria seu “Leitor-modelo”, e que construiria um texto fechado para um público específico.<sup>369</sup>

O conceito de “Leitor-modelo” foi sistematizado por Humberto Eco. Para o linguista italiano é criada por parte do autor uma estratégia textual. O autor deve se referir a uma série de competências que confirmam o conteúdo para as expressões que serão usadas, e aceitar que o conjunto de competências utilizadas por ele, serão as mesmas utilizadas pelo próprio leitor, ou seja ele deve prever um “leitor modelo” capaz de cooperar para a atualização textual como ele, o autor pensava e de movimentar-se interpretativamente conforme ele se movimentou gerativamente. Assim, podemos dizer que o texto é um produto cujo o destino interpretativo faz parte do próprio mecanismo gerativo, do qual no momento da feitura são determinadas estratégias com intuito de prever qual leitura será feita pelos receptores.<sup>370</sup>

Usando como exemplo as guerras e o xadrez, Eco diz que apesar da intenção do autor é necessário que este assim como no campo de batalha, antecipe as chances de que seu receptor não interprete o texto da maneira que foi planejada de antemão. Desta forma o autor precisa deixar no texto possibilidades que permitam que ele recupere seu leitor mais adiante na direção que ele deseja.<sup>371</sup>

Várias são as competências que podem ser estabelecidas pelo autor para estipular seu leitor específico: a escolha da língua, excluindo aqueles que não leem naquele idioma; apontar um pressuposto anterior para a leitura do texto (como já explicitado no meu texto anterior continuo daqui...) excluindo aqueles que não tem conhecimento do texto citado; a escolha de um tipo de léxico e estilo e obviamente os sinais de gênero que selecionam a audiência (Queridas crianças, Amigos, Brasileiros, Cidadãos e assim por diante).<sup>372</sup>

O fato do autor, não possuir filhos, passando a maioria da sua vida solteiro, surpreendeu as pessoas ao seu redor ao saberem do seu interesse em escrever uma obra do qual seu “leitor-modelo” era infantil. Entretanto em relato o autor justifica a vontade de escrever para crianças como um suprimento de uma necessidade sua: “[...] não sei exatamente o que me fez sentir,

---

<sup>368</sup> Lady Maureen DUNBAR, OH/SR-8, fólio 35, Wade Center Oral History Collection, Wheaton College, Wheaton *apud* MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.281.

<sup>369</sup> ECO, Umberto. Lector in fabula: a cooperação interpretativa no texto narrativo. Trad. Attilio Cancian, São Paulo, Perspectiva, 2002. p.40, 41 e 42.

<sup>370</sup> ECO, Umberto. Lector in fabula: a cooperação interpretativa no texto narrativo. Trad. Attilio Cancian, São Paulo, Perspectiva, 2002. p.39.

<sup>371</sup> *Ibid.*, p.39.

<sup>372</sup> *Ibid.*, p.40.

num determinado ano de minha vida que o que eu devia escrever – ou deixar jorrar – não era somente um conto de fadas, mas exatamente um conto de fadas para crianças.”<sup>373</sup>

Interessante é que mesmo mediante ao vasto conhecimento de contos infantis que Lewis possuía por este ser seu gênero de leitura favorito o autor só se dedicou de maneira assertiva a escrita do gênero em 1948. De acordo com as anotações do autor a uma possibilidade que isso seja devido a uma vergonha de sentir apreço por esse tipo de literatura. Em ensaio chamado *Três maneiras de se escrever para crianças* o autor relata quando jovem sua vergonha e sua preocupação em ser tido como infantil:

Quando tinha dez anos, eu lia contos de fadas escondido e ficava envergonhado quando me pilhavam. Hoje em dia, com cinquenta anos, leio-os abertamente. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino, inclusive o medo de ser infantil e o desejo de ser muito adulto.<sup>374</sup>

Lewis também reforça esse sentimento de infantilidade em relação aos contos de fadas na dedicatória à sua afilhada Luci Barfield, no início do livro, *O leão a feiticeira e o guarda-roupa*.

Minha querida Lucy, comecei a escrever essa história para você, sem lembrar-me de que as meninas crescem mais depressa do que os livros. Resultado: agora você está muito grande para ler contos de fadas; quando o livro estiver impresso e encadernado, mais crescida estará. Mas um dia virá em que, muito mais velha você voltará a ler histórias de fada. Irá buscar este livro em alguma prateleira distante e sacudir-lhe o pó.<sup>375</sup>

O fim da vergonha em ler abertamente os contos de fadas foi somado ao empenho do autor em se dedicar a escrever uma história infantil já com seus 50 anos. Muito pode ser dito acerca disso, mas nossa teoria acerca da demora do autor tem relação com a perspectiva de lugar de produção de Roger Chartier. Sem dúvida é necessário entender as múltiplas instituições sociais dentro das quais o texto é produzido: “(...) os lugares sociais ou as instituições nas quais os autores produzem obras são muito variáveis (o mecenato, a corte, a universidade, as academias, o mercado, os meios de comunicação, etc...)”<sup>376</sup>, e de acordo com o lugar isso traz um modo de escrita e um prestígio para o autor.

Para nós, o fato de Lewis ter que romper com o lugar de produção acadêmico que lhe era tão comum e lhe pertencia, atrasou a escrita de contos infantis por conta de uma determinada

<sup>373</sup> LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.746

<sup>374</sup> LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.744.

<sup>375</sup> LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.102.

<sup>376</sup> CHARTIER, *Cultura Escrita, Literatura e História*, (São Paulo: Editora Art Med, 2001), p. 90-1.

vergonha do autor, já que evidentemente, não era interessante para um acadêmico acostumado a escritos eruditos ou tratados apologéticos densos e teóricos, se dedicar agora a uma escrita tida nos meios acadêmicos como menor, como era considerada a literatura infantil, isso poderia “diminuir” ou “manchar” a sua imagem acadêmica.

Entretanto entendemos a declaração do autor contra a vergonha de ler contos infantis ao se tornar mais maduro, como um recurso persuasivo em defesa da relevância e da importância dos contos infantis tão quanto dos textos considerados “maiores” como os acadêmicos e teológicos, tendo em vista seu próprio status e relevância no meio literário, acreditamos que Lewis tinha em mente que sua opinião seria reverberada.

Lewis reforça em outras oportunidades o desejo de escrever uma história infantil quando era mais novo:

Todo o Leão começou com uma imagem de um fauno carregando um guarda-chuva e pacotes em uma floresta coberta de neve. Essa imagem esteve em minha cabeça desde que eu tinha 16 anos. Um dia, então, já quase entrando nos quarenta, eu disse a mim mesmo: Vamos tentar criar uma história sobre isso.<sup>377</sup>

Essa imagem realmente como diria o autor seria a primeira impressão da personagem Lúcia a chegar em Nárnia. Porém, o primeiro parágrafo de Nárnia apesar de ser um escrito de caráter literário, contém uma relação histórica vivenciada por Lewis: os bombardeiros sofridos pela Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial.

Lewis era um dos que recebera na sua casa em The Kilns, no interior de Oxford crianças que eram mandadas para se verem mais segura dos bombardeios. Provavelmente essa experiência lhe influenciou na escrita, já que no mesmo período escrevera um fragmento de texto que se assemelha em grande parte com o primeiro parágrafo das Crônicas<sup>378</sup>:

Este livro é sobre quatro crianças cujos nomes eram Ann, Martin, Rose e Peter. Acima de tudo, porém, o livro diz respeito a Peter que era o mais jovem. Todas essas crianças tiveram de abandonar Londres de repente, devido aos ataques aéreos e porque o Pai que estava no Exército, havia partido para a guerra, e a Mãe vinha fazendo algum tipo de trabalho associado à guerra. Elas foram mandadas para ficar com um conhecido de sua Mãe, um Professor muito velho que vivia sozinho no campo.<sup>379</sup>

<sup>377</sup> It All Began With a Picture p. 529 *apud* JACOBS, Alan. *As Crônicas de Nárnia*. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael. C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015. p. 334.

<sup>378</sup> DURIEZ, Colin. *Atormentados: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e a sombra do mal*. Trad: Priscila Catão, Rio de Janeiro, Ed. Lúrio, 2019, p.30.

<sup>379</sup> GREEN, R. L.; HOOPER, W. A *Biography*. Londres: HarperCollins, 2002, p. 303 *apud* JACOBS, Alan. *As Crônicas de Nárnia*. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael. C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015. p. 334.

Vejamos agora o trecho escrito por Lewis em 1948, em que fica evidente a semelhança em grande parte do corpo do texto, onde a mesma situação é retratada, com o mesmo contexto histórico, e com exceção da mãe, contendo a presença dos mesmos personagens: quatro crianças e um professor:

Era uma vez duas meninas e dois meninos: Susana, Lúcia, Pedro e Edmundo. Esta história nos conta algo que lhes aconteceu durante a guerra, quando tiveram de sair de Londres, por causa de ataques aéreos. Foram os quatro levados para a casa de um velho professor, em pleno campo, a quinze quilômetros de distância da estrada de ferro, e a mais de três quilômetros da agência de correios mais próxima.<sup>380</sup>

Em carta a fã Lewis disse que não sabia exatamente de onde vinham suas histórias de ficção; todas as ficções surgiam como imagens na sua cabeça, mas que ele não sabia ao certo de onde vinham as imagens. Pondera: “É muito comum que eu comece a escrever um livro quando estou arrumando uma gaveta e encontro anotações antes descartadas por mim anos atrás, e de repente eu percebo que posso sim usá-las.”<sup>381</sup> Nárnia parece ser um exemplo claro disso, o que reforça a possibilidade que ele realmente utilizou um fragmento escrito dez anos antes.

O fato de Lewis ter utilizado um acontecimento real para dar começo a sua história faz com que seja pertinente pontuar como História e Ficção sempre se cruzam em toda narrativa. Dela se vale de técnicas da disciplina histórica para dar a sua ficção um peso de realidade, ou de verossimilhança.<sup>382</sup>

É o que podemos perceber quando Lewis mobiliza aspectos da história em sua literatura, colocando seus personagens fantásticos a dialogar com crianças inglesas durante a Segunda Guerra Mundial. Portanto, usar a literatura para a produção do conhecimento histórico pressupõe refletir sobre ela, problematizá-la e historicizá-la.

O nome Nárnia ainda é incógnita para a maioria dos pesquisadores do autor. Walter Hooper, secretário de Lewis, nos dá uma dica na biografia escrita sobre ele. No período de estudo com Kirkpatrick em Great Bookham entre 1914 e 1917, Lewis adquiriu um atlas do mundo clássico, e em um dos mapas sublinhou o nome de uma cidade antiga italiana por ter gostado do som da palavra quando falada.<sup>383</sup> A cidade era Nárnia atual cidade Narni, na Úmbria, localizada no centro da Itália.

<sup>380</sup> LEWIS, C.S. As Crônicas de Nárnia – Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.103.

<sup>381</sup> LEWIS, C. S. Letters To Children. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.94.

<sup>382</sup> CHARTIER, Roger. A História ou a Leitura no Tempo. São Paulo: Autêntica, 2009, p.24.

<sup>383</sup> GREEN R. L, HOOPER, W. Lewis: A biography, Londres:HarpenCollins, 2002. p.305, 306 *apud* MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.282.

Em relação ao leão Aslam, por muito tempo os estudiosos do autor teorizaram possibilidades da escolha. Em carta encontrada escrita para uma fã em 22 de janeiro de 1952, Lewis revela tanto o motivo da escolha do nome Aslam, quanto a escolha do leão como uma referência bíblica a Cristo: “É um prazer responder à sua pergunta. Eu encontrei o nome nas notas de Lane<sup>384</sup> em *As noites de Arábia*: significa Leão em turco. Eu mesmo pronuncio Asslan. E é claro que me refiro ao leão de Judá.”<sup>385</sup>

Alguns aspectos relacionados ao modo como o autor pretendia escrever *Nárnia* merecem destaques. O primeiro deles é que, para Lewis, *Nárnia* era um mundo imaginativo e não imaginário. Para a autor imaginário, é algo que foi imaginado falsamente sem uma conexão com a realidade, e imaginativo seria algo produzido pela mente humana na tentativa de responder algo que era maior do que ela, buscando descobrir imagens da realidade.<sup>386</sup> Partindo disso, Lewis sabia que os contos de fada eram uma maneira inteligente de tratar de questões filosóficas, morais e teológicas através do em mundo imaginativo que abriria uma porta para reflexões mais profundas.<sup>387</sup> Sobre isso, o autor pondera sobre seu próprio caráter imaginativo:

O homem imaginativo em mim é mais velho, mais seguidamente operante e, neste sentido, mais básico do que o escritor de textos religiosos ou o crítico. Foi ele que me fez tentar pela primeira vez (com pouco sucesso) ser poeta. Foi ele que, em resposta à poesia de outros, fez de mim um crítico e, em defesa dessa resposta, às vezes um crítico provocador de polêmicas. Foi ele que, depois de minha conversão, me levou a expressar minha crença religiosa em formas simbólicas ou mitopoéticas que vão de *Screwtape* a uma espécie de ficção científica teologizadas. E, sem dúvida, foi ele que me levou, nos últimos anos, a escrever a série de histórias de *Nárnia* para crianças; sem perguntar o que as crianças querem para, em seguida, tentar me adaptar (isso não era necessário), mas porque o conto de fadas era o gênero mais apropriado ao que eu pretendia dizer.<sup>388</sup>

Um dos aspectos mais excêntricos do processo de “compreensão” de Lewis, era a divisão que o mesmo fazia de si entre “Autor (homem imaginativo e escritor de textos religiosos)” e “Homem (crítico)”, O primeiro era o que respondia às sugestões da sua mente criativa apoderando-se das imagens ali criadas – faunos com pacotes, leões poderosos -, e as combina de modo a formar uma narrativa. O segundo era o Homem, que examinando o

<sup>384</sup> Edward Willian Lane (1801-1876), tradutor de *As mil e uma noites*, também pode ser conhecido como *As noites de Arábia*.

<sup>385</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.29.

<sup>386</sup> *The Collected Letters*, vol. 2, p.444, 445.

<sup>387</sup> MCGRATH, Alistar. *A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p.280.

<sup>388</sup> Carta sem data à Milton Society Of America (CLIII, p.516, 517) *apud* JACOBS, Alan. *As Crônicas de Nárnia*. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael. C. S. Lewis: além do universo mágico de *Nárnia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015. p. 337.

desenvolvimento dessa história a partir de fora, por assim dizer, vê seus acontecimentos como possíveis lições práticas. O que Lewis parece querer fazer nesse sentido é esvaziar Nárnia de qualquer contexto que demandasse um caráter voltado a apologética, polêmica ou teologia disfarçadas.<sup>389</sup> Entretanto como já dito ao citarmos o conceito de “leitor-ideal” de Eco, nota-se que a narrativa da saga é repleta de estratégias para que o leitor leia a obra de determinado modo e toda a construção de Nárnia tem o intuito de trazer o leitor para escapar dos percalços que o impedem de entender a obra fora da sua intencionalidade religiosa.

Esse elemento é bastante comentado pelos estudiosos do autor. Como ele se apropriou da narrativa bíblica para construir sua narrativa em Nárnia. Lewis, todavia, sempre se defendera da ideia de que construía uma alegoria em Nárnia. Para Lewis ele havia construído um mundo mítico de suposições e faz uma distinção clara do porquê para ele Nárnia era uma suposição e não uma alegoria:

Se Aslam representasse a deidade imaterial da mesma forma que o gigante Desespero [*de O peregrino*] representa o desespero, ele seria uma figura alegórica. Na realidade, porém, ele é uma invenção que dá uma resposta imaginária à pergunta: “Como seria o Cristo se de fato houvesse um mundo como Nárnia e ele escolhesse encarnar-se e morrer e ressuscitar nesse mundo como ele de fato fez no nosso? ” Isso não é absolutamente uma alegoria.<sup>390</sup>

A estrutura narrativa mítica usada por Lewis em Nárnia é bastante comum em contos mitológicos, e obviamente Lewis como um professor de letras, bem as conhecia. Em conversa com Tolkien, relatada como um dos momentos que marcaram sua saída do deísmo para o cristianismo, Lewis conversa sobre essas estruturas e a relação delas com a narrativa cristã:

-Você vê a semelhança entre a narrativa dos mitos e das Escrituras, particularmente na história da paixão? - perguntou Tolkien para Lewis certa noite.  
-Vejo – respondeu Lewis. Elas têm a mesma estrutura: a história de um mal acometido à humanidade, de um Deus que se sacrifica para salvar a mesma e que ascende de volta aos céus, levando-a consigo.  
-Pois é, mas há uma grande diferença – observou Tolkien – Em Cristo, o mito se tornou fato!.<sup>391</sup>

Por mais que Lewis negue que tentara fazer uma alegoria é difícil concordar com o autor quando se olha a obra por completo, por toda a estrutura dela se relacionar com a estrutura bíblica. Em carta a Sophia Stor, em 1959, Lewis, ao mesmo tempo que, de certa forma, coloca

<sup>389</sup> JACOBS, Alan. *As Crônicas de Nárnia*. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael. C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015. p.337, 338.

<sup>390</sup> The Collected Letters, vol. 3, p.1004.

<sup>391</sup> GREGGERSEN, G. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa e a Bíblia: Implicações para o educador. 1 edição. Editora Prismas: Curitiba, 2016. p.22.

como metafísica a religiosidade presente em Nárnia, ele também admite que a história tinha se tornado cristã e que ela tinha uma conexão com a narrativa bíblica:

Não, claro que não foi consciente. Pelo que me lembro também não foi intencional inicialmente. Isso é, quando comecei *O Leão, a Bruxa e o Guarda Roupa* eu não acho que previ o que o Aslam iria fazer e sofrer. Eu acho que ele somente insistiu em se comportar da Sua própria maneira. Isso claro eu entendi e a série inteira se tornou cristã.

Mas não é, como algumas pessoas pensam, uma *alegoria*. Isso é, eu não disse “vamos apresentar Cristo como Aslam”. Eu disse, “Suponhamos que exista um mundo como Nárnia, e vamos supor que, como o nosso mundo, esse também precise de redenção. Vamos imaginar então que tipo de Paixão e Ressureição de Cristo teria por lá.” Entende?

Eu acho que isso é bem óbvio se você levar em consideração todos os sete livros de Narnia como um todo. No *O Sobrinho do Mágico* Aslam cria Narnia. No *Príncipe Caspian* as histórias antigas contadas sobre ele estão começando a ser desacreditadas. Ao fim de *A Viagem do Peregrino da Alvorada* ele aparece como o Cordeiro. Suas três respostas a Shasta sugerem a trindade. Em *A cadeira de Prata* o antigo rei é renascido dos mortos por uma gota do sangue de Aslam. Finalmente, na *Batalha Final* nós temos a origem do anti-Cristo (o macaco), o fim do mundo, e o Último Julgamento.<sup>392</sup>

É necessário admitir que os códigos literários que possibilitam uma leitura que conecte Nárnia a Bíblia no sentido cronológico, como retratado por Lewis na carta acima, exige do leitor um conhecimento prévio bíblico. O próprio Lewis, em sua obra *Um experimento em crítica literária* admite “que a mesma história pode ser um mito para uma pessoa e não para outra.”<sup>393</sup> A afirmação do autor dialoga com o conceito de Eco de “leitor modelo” principalmente na relação autor/recepção, já que há uma intencionalidade por parte de Lewis de colocar Aslam como Cristo, traçando uma narrativa cristã. No entanto, sendo toda obra literária polissêmica, nem sempre a recepção produz resultados esperados pelo escritor. Em carta a uma fã chamada Ruth, em 1963, é possível notar que a leitora consegue identificar as referências cristãs, o que deixa Lewis bastante satisfeito demonstrando como o autor tinha o intuito de que a recepção fosse feita deste modo. Mas ao mesmo tempo, Lewis cita o fato de que nem todos encontravam tal perspectiva: “Eu estou tão grato de que você entendeu a “história escondida” nos livros de Nárnia. É raro, crianças geralmente entendem, adultos muito dificilmente.”<sup>394</sup>

Outro aspecto importante da obra é sua ordem cronológica e sua ordem de publicação. A ordem de publicação de Nárnia possui a seguinte sequência: *O leão, a feiticeira e o guarda-*

<sup>392</sup> LEWIS, C. S. Letters of C. S. Lewis, Edited by W. H. Lewis and Walter Hooper, San Francisco: HarperOne, 2017, p.621, 622.

<sup>393</sup> LEWIS, C. S. Um experimento a crítica literária, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p.56.)

<sup>394</sup> LEWIS, C. S. Letters To Children. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.111.



*roupa* (1950), *Príncipe Caspian* (1951), *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952), *A cadeira de prata* (1953), *O cavalo e seu menino*, (1954), *O sobrinho do mago* (1955) e por fim *A última batalha* (1956), mas em ordem cronológica a ordem se altera drasticamente: *O sobrinho do mago* (1955), *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (1950), *O cavalo e seu menino* (1954), *Príncipe Caspian* (1951), *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952), *A cadeira de prata* (1953) e *A última batalha* (1956). A partir de 1985 os editores da obra mudaram sua ordem de leitura de modo a indicar aos leitores uma leitura cronológica da obra. Walter Hooper, último secretário de Lewis e seu futuro executor testamentário argumentou que em suas últimas conversas com o autor, o mesmo demonstrou o interesse que a obra fosse lida de maneira cronológica. Além disso, uma carta que o autor escrevera para um menino chamado Laurence parece validar o que Hooper sugerirá. Na carta, Laurence diz que sua mãe acreditava que Lewis tinha escrito os livros naquela ordem e deviam ser lidos assim. E ela não concordava dizendo que o certo seria ler em ordem cronológica. Sobre isso, além de apontar que quando começou a escrever *Nárnia* nem sabia se passaria do primeiro livro, Lewis também aponta que concordava com Laurence sobre a cronologia, mas que tampouco achava que isso era muito relevante:

Eu acho que concordo mais com a sua ordem de ler os livros do que com a de sua mãe. Existem sequencias que não foram planejadas de antemão como ela pensa. Quando eu escrevi *O Leão, A Bruxa e o Guarda Roupas*, eu não sabia que iria escrever mais. Então eu escrevi *O Príncipe Caspian* como uma sequência e continuava achando que não teriam mais, e quando eu havia escrito *A Viagem do Peregrino da Alvorada* eu estava certo que esse seria o último. Então talvez não importa muito em qual ordem se deva ler. Eu não tenho nem certeza se a mesma ordem em que foram publicados foi a que eu escrevi. Eu nunca tomo notas desse tipo de coisas e nunca me lembro de datas.<sup>395</sup>

Outro fato relevante, demonstrado em resposta a uma fã, é referente ao preço da obra. Lewis responde uma fã chamada Phyllida em 1953, ao ser questionado aparentemente acerca do preço da coleção: “São sete livros do universo de *Nárnia*. Eu sinto muito que eles sejam tão caros: é culpa da editora não minha, eles que colocam os preços. Este é o novo [A cadeira de prata].”<sup>396</sup> Não conseguimos encontrar fontes que nos desse uma certeza de quanto valia *As Crônicas de Nárnia* na época da sua publicação. Ainda, em carta para Phyllida,<sup>397</sup> Lewis menciona que a qualidade material de *Nárnia* é superior aos folhetins, que eram histórias de

<sup>395</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.68.

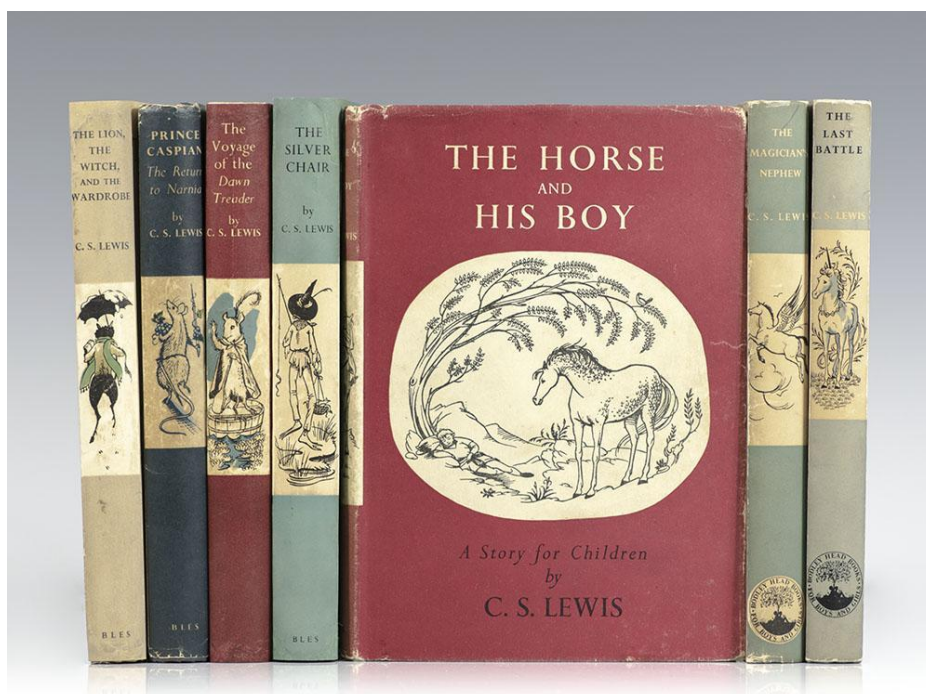
<sup>396</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.33

<sup>397</sup> *Ibid.*, p.14.

romance publicadas por vezes em jornais em periódicos semanais. Além disso ao pesquisarmos as imagens originais da obra, percebemos no seu aspecto físico, elementos que aumentam o valor do produto, como sobrecapa e capa dura, o que aliado ao uso das imagens e a uma edição material de boa qualidade, leva-nos a crer que *As Crônicas* não eram obras tão baratas se comparadas a outras publicações voltadas ao público infantil.

Ainda que pareça óbvio que Lewis não escreveria para uma criança dizendo que o preço do livro estava justo, tal postura “compreensiva” em relação a crítica da leitora acerca do preço elevado da obra, demonstra uma forma de Lewis se colocar ao lado do público, assim construindo uma ideia de autor perante seus leitores.

Figura 14: As Crônicas de Nárnia - Primeira Edição.



LEWIS C. S. The Chronicles of Narnia. Published by Geoffrey Bles 1950-1956, London, 1950, via <https://pictures.abebooks.com/inventory/30443638001.jpg>.

Tanto a mudança cronológica da obra pós-morte de Lewis, e o fato dele não determinar o preço dos livros de Nárnia nos dizem é o autor está longe de fazer da obra, um produto inteiramente seu. Como pondera Chartier, a construção do objeto livro perpassa por todas essas relações, desde da decisão de uma editora de mudar a ordem de leitura, e do preço de uma obra que é feita a partir de análises mercadológicas.<sup>398</sup>

<sup>398</sup> CHARTIER. Escutar os mortos com os olhos', Estudos Avançados, v. 24, n. 69 (2010), pp. 7-30, p.21.

### 3.2. O processo de seleção das cartas, sua apresentação e os principais questionamentos dos leitores mirins da década de 1950 e 1960 acerca de Nárnia

Durante todo o tempo de pesquisa esse estudo conseguiu reunir 37 das cartas respondidas aos seus fãs, onde as obras de Nárnia são de alguma forma citadas. De maneira geral as obras organizam-se seguindo um padrão: Lewis agradecendo pelos leitores terem gostado da obra; respondendo quantos livros totalizaram toda a saga; quando será publicado o próximo. Mas há também questões relativas, à religiosidade de Nárnia, críticas literárias a obra, o cotidiano dos seus fãs, o fim da narrativa e o que teria acontecido com os personagens.

A maioria das cartas selecionadas foram extraídas da obra *Letters to Children* (1995) editada por Lyle W Dorsett e Marjorie Lamp Mead. Na citada obra, não é possível saber qual a idade dos interlocutores de Lewis, mas como pontapé inicial do livro, as editoras da obra, Lyle W Dorsett e Marjorie Lamp Mead, garantem que todas as cartas contidas, foram enviadas por crianças, cabendo a nós acreditar na honestidade acadêmica das pesquisadoras. Além disso, há referências indicando a localização completa da documentação utilizada. Infelizmente para nós, uma averiguação das fontes primárias ainda não é possível, já que esses arquivos estão em instituições na Inglaterra. Também trabalhamos com a obra *Cartas de C. S. Lewis* (2021) de onde retiramos uma carta que também utilizaremos.

As cartas apesar de trazerem um conteúdo expressivo da relação do autor com seus fãs mirins, trazem poucas identificações sobre quem eram esses sujeitos, tendo basicamente o primeiro nome de quem Lewis estava respondendo e a data dessa resposta. Deste modo as 37 cartas podem ser organizadas da seguinte forma:

Data	Autor	Assunto
22 de janeiro de 1952	Carol	Onde encontrou o nome Aslam
21 de março de 1953	Michael	Corrigiu o nome do livro <i>A cadeira de prata</i> e pediu que

		tivesse expectativa acerca do livro
3 de junho de 1953	Hila (americana)	Dúvidas sobre publicação da saga e teológicas.
23 de junho de 1953	Hila (americana)	Dúvidas sobre publicação
14 de setembro de 1953	Phyllida	Dúvidas sobre a história, e o alto preço da obra.
19 de setembro de 1953	Phyllida	Dúvidas sobre a história e erro ortográfico encontrado pela menina
18 de dezembro de 1953	Phyllida	Debate sobre a importância das histórias de aventura e a qualidade do material físico de Nárnia
24 de janeiro de 1954	Hugh, Anne, Noelie, Nicholas, Martin, Rosamund, Matthew e Miriam (crianças americanas)	Desenhos feitos de Nárnia pelas crianças e dúvidas sobre a publicação das histórias.
30 de janeiro de 1954	Hila (americana)	Dúvidas sobre a história
19 de março de 1954	Hugh, Anne, Noelie, Nicholas, Martin, Rosamund, Matthew e Miriam (crianças americanas)	Dicas sobre escrita e dúvidas acerca da publicação de um novo livro
15 de abril de 1954	Joan (americana)	Dúvidas sobre publicação
28 de abril de 1954	Hugh (americano)	Análise do dragão Eustace desenhado pela criança
7 de maio de 1954	Joan (americana)	Aviso do encerramento de Nárnia em 7 livros
29 de maio de 1954	Quinta série de Maryland	Dúvidas teológicas e acerca das publicações.
7 de junho de 1954	Joan (americana)	Dúvidas sobre publicação
20 de outubro de 1954	Joan (americana)	Feliz pela criança ter gostado de <i>O Cavalo e seu Menino</i>

22 de fevereiro de 1955	Marcia	Dúvidas sobre a história e sobre a publicação
6 de Maio de 1955	Laurence (americano)	Duvidas teológicas
3 de junho de 1955	Joan (americano)	Dúvidas sobre publicação
20 de julho de 1955	Hugh (americano)	Feliz pela criança ter gostado de <i>O sobrinho do mago</i> , que tinha sido dedicado a ela.
24 de outubro de 1955	Laurence (americano)	Dúvidas sobre a história
27 de abril de 1956	Laurence (americano)	Dúvidas teológicas
22 de janeiro de 1957	Martin (pode ser um dos irmãos americanos ou não)	Dúvidas sobre a história
13 de abril de 1957	Penny	Análise dos macacos desenhados pela criança
23 de abril de 1957	Laurence (americano)	Ordem de leitura
14 de setembro de 1957	Lucy	Discussões acerca de Nárnia
23 de dezembro de 1957	Laurence (americano)	Feliz por saber que a criança ainda gosta de Nárnia
24 de dezembro de 1959	Sophia Stoor	Duvidas teológicas
5 de fevereiro de 1960	Susan	Método que usa pra escrever
8 de junho de 1960	Patrícia	Dúvidas teológicas
29 de março de 1961	Jonathan (americano)	Aviso que Nárnia tinha terminado.
11 de janeiro de 1962	Martha	Feliz por ter gostado da saga
14 de fevereiro de 1962	Sydney	Aviso que Nárnia tinha terminado
24 de março de 1962	Francine	Feliz por ter gostado da saga
8 de setembro de 1962	Denise	Dúvidas sobre a materialidade da obra
26 de outubro de 1963	Ruth	Dúvidas teológicas
21 de novembro de 1963	Philip	Dúvidas teológicas

O que se pode perceber é que a influência das Crônicas foi bastante expressiva nos Estados Unidos, dada a quantidade de interlocutores que entravam em contato com Lewis vindo

deste país. Além disso, Lewis assim como com seus fãs britânicos, mantinha um relacionamento de caráter intimista com os fãs americanos, perguntando sobre suas famílias, o que eles estavam aprendendo na escola e conversando sobre os mais diversos assuntos que não tinham relação alguma com Nárnia.

Dito isso, o que devemos traçar é qual o objetivo do interlocutor em enviar e responder cartas? O que na maneira dele responder essas cartas e o conteúdo dessas nos dizem acerca da sua relação com seus receptores? E por fim e o principal o que essas cartas nos dizem sobre o que esses sujeitos estavam interessados acerca de Nárnia?

### **3.3 Um panorama geral das cartas e da construção do diálogo entre Lewis e seus fãs.**

Em primeiro lugar, é importante situar onde está o interlocutor das cartas, mas isso já foi feito anteriormente e sabemos de que lugar social e histórico Lewis falava. Sendo assim a novidade parte dos receptores que podem ser definidos como: crianças que tinham em comum uma faixa etária próxima, que tinham como língua comum o inglês e que eram apreciadores de Nárnia.

Lewis seguia uma rotina sistemática para responder as cartas dos leitores, passando uma hora ou mais da sua manhã respondendo carta por carta, sempre à mão, acreditando que responder tais cartas era um dever dado por Deus para ele, o que demonstra certo aspecto de religiosidade presente no ato da escrita destas correspondências.<sup>399</sup> Além disso, como já percebido em sua autobiografia o autor tratava a infância como um processo determinante na construção do sujeito adulto. Deste modo, a sistemática do autor demonstra que ele levava muito a sério tanto religiosamente quanto intelectualmente as respostas que ele dava as crianças o que pode ser comprovado pelo trecho abaixo:

A criança, como leitora, não deve nem ser tratada com condescendência nem idealizada: falamos com ela de homem para homem. Todavia, a pior de todas as atitudes é a atitude profissional, que vê as crianças indistintamente como uma espécie de matéria-prima que temos de manipular. É claro que temos de nos esforçar para não lhes fazer mal; e podemos, se a Onipotência assim quiser, ter a ousada esperança de fazer-lhes algum bem – mas não mais que o bem de tratá-las com respeito.<sup>400</sup>

<sup>399</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.4.

<sup>400</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 751.

Apesar disso, algo deve ser dito, a escrita de Lewis, ao conversar com seus interlocutores mirins mudava de maneira significativa, o que demonstra a preocupação que havia por parte do autor de que ele fosse entendido. Longe da linguagem erudita recheada de filosofias e conceitos teológicos complexos que permeavam suas obras, suas cartas assumiam um tom simples: continham uma linguagem afetiva e carinhosa chamando os leitores de queridos e terminando suas cartas com “Seu” ou “Para Sempre Seu” ou “Sinceramente Seu”:

Querido Michael,

Eu percebi que agradei ao seu pai por um presente tão gentil que na verdade veio de você. Deixe-me agradecer-lo agora, muito obrigado mesmo. Eu achei maravilhoso. Pelo menos, eu sei que quando era garoto apesar de gostar de muitos autores, eu nunca os enviei coisa alguma. A razão de ter tanta comida cozida por aqui é que temos pouca comida com gordura para assar ou fritar.

O novo livro é A cadeira de prata, e não a cadeira de corrente. Não espere tanto por isso ou lhe asseguro que ficará desapontado. Mil obrigados e muito amor.

Seu

C.S. Lewis.<sup>401</sup>

É claro que esse tratamento que Lewis colocava em prática em relação às crianças, traziam por parte delas um retorno, e, por várias vezes o autor agradece por desenhos recebidos, textos e relatos do dia a dia compartilhados com ele. Dessa forma, o que aparenta é que essa relação, seja ela feita de maneira intencional, ou não, deixou para posteridade e para os estudiosos do autor, uma imagem de um Lewis que tinha um relacionamento saudável com seu público mirim e que o correspondia de maneira bastante afetuosa.

Dito isso, um ponto importante em relação às cartas que analisamos pode ser destacado: elas sempre tinham em primeiro plano um caráter afetivo, eram cartas que apesar de abordarem questões e dúvidas sobre Nárnia, com raras exceções não começam com Lewis agradecendo aos fãs pelo carinho com ele, por terem gostado da obra ou por conterem na carta algum tipo de presente para o autor. Dessa forma, elas possuem como regra geral a estrutura das cartas abaixo:

Querida Joan

Muito obrigado por sua gentil carta, com uma bela pintura e uma foto muito interessante que chegaram até mim no dia de hoje. Estou tão feliz por você gostar dos livros de Narnia, e foi legal da sua parte me contar. Devem haver sete histórias no total. Os que já saíram são.

- 1.O leão, a Bruxa e o Guarda-Roupa
- 2.Príncipe Caspian
- 3.A viagem do Peregrino da Alvorada
- 4.A cadeira de Prata

---

<sup>401</sup> LEWIS, C. S. Letters To Children. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.30.

Algum dia desse ano, o número 5, o Cavalo e o seu Menino, será publicado; e o sexto o Sobrinho do Mágico já saiu para impressão (você não tem ideia do tanto que demora um livro para ser impresso). O sétimo já está escrito, mas apenas a caneta e tinta, e eu ainda não decidi bem o título. As vezes penso em chamá-lo de *O Último Rei de Nárnia*, e outras vezes, *A Noite Cai em Nárnia*: Qual você acha que soa melhor? Eu estive em um zoológico na semana passada e vi os leões de verdade; e também alguns perfeitos e amáveis ursos cuidando de seus filhotes. Como você tem sorte por ter uma piscina. Com amor para você e seu irmão Seu sempre C. S. Lewis<sup>402</sup>

Querida Marcia  
Estou tão feliz em saber que você gosta dos livros de Nárnia. Depois do príncipe Caspian, vem *A Viagem do Peregrino da Alvorada*: depois a *Cadeira de Prata*: depois *O Cavalo e seu Menino*. Todos já foram publicados. No próximo outono, chegará *O Sobrinho do Mágico* e, no ano seguinte, *a Última Batalha* (pelo menos eu acho que esse será o nome, mas eu posso mudar) que terminará a série. Nesse último o Peter volta para Nárnia. Receio que a Susan não. Você não percebeu nos dois que você leu que ela gosta muito de ser adulta? Lamento dizer que o lado adulto dela ficou mais forte e esqueceu de Nárnia. Não. Não comecei com quatro crianças em mente: apenas inventei. É como escrever histórias, não é?! Como você, eu costumava escrever muito nessa idade. Desejo as melhores coisas Atenciosamente C. S. Lewis.<sup>403</sup>

Feita essa primeira análise estrutural que tem um caráter íntimo e pessoal de como a maioria das cartas era formulada, nos atemos as respostas de Lewis as cartas que trazem para nós questionamentos específicos sobre a obra e que nos ajudam a entender quais eram os questionamentos dos leitores da obra e como Lewis se comportava como sujeito atuante os influenciando nos modos de leitura, e também como esses sujeitos influenciavam o ator a corrigir determinadas coisas em suas obras.

### 3.3.1. Phyllida: A “crítica literária” de Lewis.

Algumas cartas recebidas por Lewis possuíam um teor de crítica e Lewis também se demonstrava aberto a ouvi-las e até a refletir sobre como poderia melhorar seu texto. Nesse sentido uma fã chamada Phyllida se destaca por questionar o autor sobre determinadas passagens da história, o fazendo admitir que poderia ter escrito melhor alguns trechos da saga.

<sup>402</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.41, 42.

<sup>403</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.51.



O conteúdo da carta é tão abrangente que temos uma certa dificuldade de situar exatamente cada trecho dela, o que nos dá a impressão de que não era a primeira vez que Lewis estava debatendo com Phyllida. Além disso, as respostas de Lewis às cartas da menina, demonstram que possivelmente a menina era mais velha do que a maioria dos leitores que o autor trocava correspondências, por ser perceptível em suas indagações uma maturidade não observada em outras cartas.

[...] Muito obrigado, é muito interessante escutar exatamente o que as pessoas gostam e não gostam, e isso é algo que leitores adultos não costumam fazer. Agora sobre crianças. Eu também odeio a palavra. Mas se o que você quer dizer é a respeito do lugar em *Príncipe Caspian* capítulo 8, a questão é que Edmundo também odeia isso. Ele estava usando a palavra mais podre só porque era de fato a palavra mais podre, se abaixando o máximo possível, porque estava fazendo o anão de idiota – como você pode dizer “É claro que posso somente dedilhar” quando você sabe que poderia de fato tocar piano tão bem quanto a outra pessoa. Mas se eu tiver usado “crianças” em algum outro lugar (espero que não) então me desculpe: você está bem certa em apontar isso. E você também está certa sobre a festa se transformar em pedras nas floretas. Eu pensei que as pessoas fossem tomar isso como óbvio que Aslam ia fazer tudo certo. Mas agora vejo que eu deveria ter explicado.

A propósito, você acha que a Ilha Negra é muito assustadora para crianças pequenas? Assustou ao seu irmão? Eu estava nervoso quanto a isso, mas eu deixei porque eu pensei que alguém nunca pode ter certeza sobre o que vai assustar as pessoas. [...] Como eu digo, eu acredito que você esteja certa sobre os outros pontos, mas acredito que eu estou certo em fazê-los envelhecer em Nárnia. É claro que eles irão ficar mais velhos também nesse mundo. Você irá ver. Veja, eu não acredito que a idade importe tanto como as pessoas pensam. Algumas partes minhas ainda tem 12 anos e outras partes 50 quando eu tinha 12. Então eu não me sinto que seja estranho que eles cresçam em Nárnia enquanto eles sejam crianças na Inglaterra.<sup>404</sup>

Querida Phyllida

Eu sinto que depois de mostrar o novo livro, cometi o mesmo erro que você me apontou na semana passada! Digo, depois de enviar o livro, eu o li e encontrei “crianças” novamente duas vezes. Eu irei tomar cuidado em não fazer isso novamente. No começo da história do Rilian, contada pela coruja era para soar como se fosse um conto de fadas comum, então fiz diferente da parte onde eu conto a história. Eu acredito que a ideia de fazer isso diferente esteja certa: mas é claro que o que importa nos livros não são as ideias, mas sim o caminho que se percorre até elas. Desejo tudo de bom com amor para vocês.<sup>405</sup>

[...]. Não estou certo do que você quis dizer com "histórias de aventuras tolas sem um ponto". Se elas são bobas, ter um argumento não as justificará. Mas se elas de fato forem boas, e se por um "ponto" você quer dizer alguma lição sobre o mundo real que se pode tirar do enredo, não posso dizer que concordo. Pelo menos, acho que procurar um "ponto" nesse sentido pode impedir que, às vezes, se obtenha o efeito real da história em si – como escutar com muita atenção as palavras cantadas que não devem ser ouvidas (como um hino em um coro). Eu não tenho certeza disso, pense você enquanto eu vou contando. [...]

<sup>404</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.33, 34.

<sup>405</sup> *Ibid.*, p.34.

Por mais que as cartas de Phyllida constituam em um exemplo praticamente isolado nas fontes que temos de indagações acerca das maneiras de escrever do autor, não seria possível ignorá-las principalmente porque eles demonstram da parte de Lewis, uma vontade de escrever de maneira que fosse compreensível para seus leitores, e ao mesmo tempo contrapondo a opinião da sua leitora como ocorre na terceira carta. Nesse sentido é possível perceber que o autor levava a sério seus interlocutores mirins, debatendo com eles e quando não concordando com suas opiniões, argumentando em prol de sua ideia.

O que acreditamos é que Phyllida tenha lido o artigo do autor intitulado *On Three Ways of Writing for Children* (1946) que em português foi traduzido como *Três maneiras de escrever para crianças* presente no fim do Volume Único de *As Crônicas de Nárnia* da editora Martins Fontes. Nesse texto, Lewis defende que o ideal é escrever uma história infantil que não tenha necessariamente um objetivo moral previamente estabelecido como necessário as crianças daquela geração “[...] quem consegue escrever uma história para crianças sem moral nenhuma deve fazê-lo – desde que, é claro, esteja mesmo disposto a escrever para crianças [...]”<sup>406</sup> Devido ao argumento de Phyllida, questionando a utilidade das histórias de aventura, que seriam bobas e não trariam um benefício reflexivo real, acreditamos que a leitura de Nárnia pela menina fez com que ela possivelmente tenha ido ler outras coisa de Lewis, o que proporcionou o seu questionamento ao autor.

Não tão importante quanto Phyllida mas digna de ser mencionada é a carta do autor a menina Joan, onde Lewis compartilha com ela suas ideias para o título do sétimo livro da saga e além disso pede opinião para a mesma sobre o que ela achava dos títulos: “O sétimo já está escrito, mas apenas a caneta e tinta, e eu ainda não decidi bem o título. As vezes penso em chamá-lo de O Último Rei de Nárnia, e outras vezes, A Noite Cai em Nárnia: Qual você acha que soa melhor?”<sup>407</sup> No final das contas nos falta a carta de Joan pra saber sua opinião o que se sabe é que por fim em 1956 o livro foi publicado com o título de *A Última batalha*.

### **3.3.2 Patrícia e Laurence: Questionamentos acerca de Aslam e da religiosidade da obra.**

<sup>406</sup> LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia – Volume único*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 750.

<sup>407</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.42.

Elemento tão debatido pelos estudiosos de Nárnia, a religiosidade presente na obra também era assunto corriqueiro nas perguntas dos fãs a Lewis. Vale aqui ressaltar a importância de se notar como, com o passar dos anos Lewis, vai deixando a aparente preocupação que Nárnia fosse entendida como uma história religiosa e dava respostas cada vez mais claras sobre ser a história efetivamente uma releitura da narrativa bíblica. Vejamos primeiramente a carta enviada para uma leitora chamada Hila, em 3 de junho de 1953.

Em relação ao outro nome do Aslam, bem eu quero que você adivinhe. Nunca teve ninguém neste mundo que (1). Nasceu na mesma hora que o Papai Noel. (2). Disse que era o filho do Grande Imperador. (3). Sacrificou a si mesmo por culpa de outras pessoas, a ser julgado e morto por pessoas fracas. (4). Voltou a vida (5) Algumas vezes é tido como um carneiro (preste atenção no final do Peregrino da Alvorada). Você realmente não sabe o nome dele nesse mundo? Pense a respeito e me diga a sua resposta!<sup>408</sup>

Nota-se que por mais que Lewis dê várias dicas que encaminhem a menina para entender a história como uma releitura da narrativa bíblica, em nenhum momento ele dá respostas certas sobre como a saga se trata disso. Sete anos depois em carta, para uma criança chamada Patrícia em 1960, Lewis apesar de ainda negar que fazia uma releitura bíblica, conta para Patrícia todos os caminhos que fez na construção da história explicitando um claro intertexto com a Bíblia. Tal carta contém uma semelhança absurda com a enviada pelo autor em dezembro de 1959 para Sophia Storr já debatida por nós:

Querida Patrícia

Todas as suas colocações de fato têm fundamento. Mas eu não estou de fato representando a real (Cristã) história em símbolos. Eu estaria mais para “Suponhamos que exista um mundo como Nárnia que precisa ser salvo e o Filho de Deus (ou o “Grande Imperador Ultramarino”) foi redimi-lo, assim como Ele veio para nos redimir. Como isso poderia acontecer em outro mundo? Talvez seja de fato como você pensou, mas nem tanto.

1. A criação de Nárnia é o Filho de Deus criando o mundo (não necessariamente o nosso).
2. Jadis arrancando a maçã é como o pecado de Adão, um ato de desobediência. Mas não tem o mesmo efeito na vida dela como teve na dele. Ela já estava muito caída (bastante) antes de comê-la.
3. A mesa de pedra é para lembrar uma das tábuas de Moisés
4. A Paixão e Ressureição de Aslam assim como a Paixão e Ressureição de Cristo deve supostamente ter acontecido naquele mundo – assim como aconteceu no nosso, mas não exatamente igual.
5. Edmundo é como Judas um traidor, que escolhe o melhor lado. Mas diferente de Judas ele se arrepende e é perdoado (como Judas com certeza teria sido se tivesse se arrependido).
6. Sim. Até a pequena beira no mundo de Nárnia Aslam começa a ser identificado mais como Cristo, como Ele é conhecido em nosso mundo. Por isso, o cordeiro. Por isso, o café da manhã – como ao final do evangelho do São João. Ele não diz “Foi

---

<sup>408</sup> LEWIS, C. S. Letters To Children. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.31.

- permitido a você me conhecer neste mundo (Nárnia) para que você me conheça melhor quando voltar ao seu mundo”?
7. E é claro o macaco e o enigma, bem antes do último julgamento (na Última Batalha) são como a vinda do anticristo antes do fim do mundo.  
Ficou tudo esclarecido?  
Eu fico muito feliz que tenha gostado dos livros  
Atenciosamente,  
C. S. Lewis.<sup>409</sup>

O que se é perceptível nas cartas é que, com o passar dos anos, a sacralidade que a história e principalmente o leão Aslam adquiriram foi tão grande para o autor que ele “esquecera” do cuidado que tinha anteriormente em não misturar Jesus com Aslam. Nas cartas é possível perceber por diversas vezes, o autor referir a Jesus como Aslam. Dessa forma é importante observar que as repetidas comparações dos fãs entre Jesus e o leão parecem ter mudado o autor sem que ele mesmo percebesse, o que fez com que ele acabasse internalizando isso.

Ao referir à sua esposa Joy que sofria com um câncer nos ossos, o autor nos dá um exemplo claro de como Aslam tinha se tornado sinônimo de Cristo para ele: “Eu tenho certeza que Aslam saberá o que é melhor, se levará ela para o mundo dele ou se a deixará comigo. Mas é claro que isso me deixa muito triste. Eu tenho certeza que você e sua mãe irão rezar por nós.”<sup>410</sup>

Entretanto de todas as cartas que tem caráter religioso nenhuma merece mais atenção do que a da intitulada Senhora K, mãe de Laurence, um menino de 9 anos que morava nos Estados Unidos. É a única carta que encontramos que uma mãe decide se comunicar com Lewis. Isso se dá ao fato dela perceber que o garoto estava bastante preocupado por estar com medo de estar amando mais a Aslam do que Jesus. Por isso, apesar de não ser uma carta de uma criança para Lewis, decidimos acrescentá-la porque nela indica-se como Laurence se apropriou e interpretou a obra. O depoimento da mãe demonstra o quanto, para alguns fãs, Nárnia se tornou uma obra religiosa, distanciando-se de uma obra de fantasia.

Na sua resposta, Lewis praticamente encarna um bispo anglicano e a carta parece mais um aconselhamento espiritual do que qualquer coisa que possa remeter a resposta de um autor de livros infantis a uma mãe preocupada. Em cada trecho da carta, é possível ver Lewis sistematizando a resposta, explicando em pontos o porquê Laurence não deveria se preocupar

---

<sup>409</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.92.

<sup>410</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.69.

já que amar as coisas que Aslam fazia significava amar a Cristo, pois as obras do leão remetiam as obras da sua inspiração:

Querida Senhora K....

De mim para Laurence, com meu amor:

1 / Mesmo se ele estivesse amando Aslam mais do que Jesus (explicarei de imediato porque ele não pode realmente estar fazendo isso), ele não seria um adorador de ídolos. Se ele supostamente fosse um adorador de ídolos, ele o faria de propósito, enquanto agora se ele o faz é porque não pode deixar de fazê-lo, e se esforça para não ser um. Mas Deus sabe muito bem o quanto achamos difícil amá-lo mais do que qualquer um ou qualquer outra coisa, e Ele não ficará bravo conosco enquanto estivermos tentando. E Ele nos ajudará.

2 / Mas Laurence realmente não pode amar Aslam mais do que Jesus, mesmo que ele sinta que é o que está fazendo. Pois as coisas que o fazem amar Aslam são simplesmente as coisas que Jesus fez e disse. De modo que, quando Laurence pensa que está amando Aslam, ele está amando Jesus: Talvez ainda mais que antes. É claro que há uma coisa que Aslam tem que Jesus não tinha - quero dizer, o corpo de um leão. (Mas lembre-se, se houver outros mundos e eles precisarem ser salvos e Cristo Iria sim salvá-los - Assim Ele pode realmente ter tomado qualquer tipo de corpo nesses mundos que não conhecemos.) Agora, se Laurence está incomodado porque ele acha que o corpo do leão lhe parece mais agradável que o corpo do homem, não acho que ele precise se preocupar. Deus sabe tudo sobre o funcionamento da imaginação de um garotinho (afinal de contas, Ele quem o criou) e sabe que, em certa idade, a ideia de conversar com animais de maneira amigável é muito atraente. Portanto, acho que ele não se importa se Laurence gosta do corpo de Leão. E de qualquer maneira, Laurence descobrirá que, à medida que se envelhece, esse sentimento (gostar mais do corpo do leão) desaparecerá, sem que ele tenha que se preocupar com isso.

3 / Se eu fosse Laurence, diria em minhas orações algo assim: "Querido Deus, se as coisas que tenho pensado e sentido sobre esses livros são coisas que você não gosta e faz mal para mim, por favor, tome afaste esses sentimentos e pensamentos. Mas, se não for por favor, faça com que eu pare de me preocupar com eles. E me ajude todos os dias a amá-lo mais da maneira que realmente importa, muito mais do que qualquer sentimento ou imaginação, seguindo o seu caminho e crescendo mais como você. "

Esse é o tipo de coisa que acho que Laurence deveria dizer por si mesmo; mas seria gentil e cristão se ele acrescentasse: "E se o Sr. Lewis preocupou outras crianças por seus livros ou lhes causou algum dano, então, por favor, perdoe-o e ajude-o a nunca mais fazê-lo".

Isso vai ajudar? Lamento muito por ter causado esse problema, e seria um grande favor se você escrevesse novamente e me dissesse como Laurence continua. É claro que o colocarei ele diariamente em minhas orações. Ele deve ser um garoto de sorte: espero que você esteja preparada para a possibilidade de ele ser um santo. Ouso dizer que as mães dos santos têm, de certa forma, tempos difíceis!

Atenciosamente,

C. S. Lewis.<sup>411</sup>

Além disso, pelo esforço argumentativo de Lewis ao escrever a carta é possível perceber que a preocupação da mãe o incomodou de verdade, Laurence é um exemplo claro de como a obra no processo de recepção escapa do controle do autor, por mais que a Lewis quisesse fazer uma releitura bíblica, nada indica que o intuito dele era levar uma criança de 9 anos a ter conflitos religiosos por conta de uma leitura da sua obra.

---

<sup>411</sup> LEWIS, C. S. Letters To Children. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.52, 53.

Nesse sentido, apesar de Lewis tentar “fugir” disso, Aslam sem dúvida acabou se tornando um símbolo de Cristo para uma ala do cristianismo. Em 2020, 64 anos após a publicação do último livro de *As Crônicas de Nárnia*, a Igreja de St. Mary na Inglaterra decidiu ter em sua decoração as estatuas da obra de Lewis. Segundo a reverenda Becky Lumley: “esses livros não são só infantis, eles contêm incríveis verdades que muitos cristãos de hoje em dia refletem em seu próprio entendimento de Deus e da fé.”<sup>412</sup>

Figura 15: Alison White, bispa de Hull, abençoa estátua de Aslam na Igreja de St. Mary.



Imagem: Danny Lawson/PA Images via Getty Images.

Aspecto mais interessante de toda essa análise é que a sacralização de Aslam ocorreu partindo do público para o autor. Sendo assim, temos um exemplo claro de como a recepção da obra acaba por mudar os sentidos originários que o autor tinha em mente ao construí-la, o objetivo de Lewis de separar Cristo e Aslam fracassou e como vimos, ainda hoje, o leão possui um status que o coloca longe de ser apenas um personagem de uma história infantil para alguns cristãos, pelo menos essa é impressão que as fontes nos dão.

---

<sup>412</sup> REDAÇÃO. Santo Aslam? Igreja na Inglaterra será decorada com estátuas de ‘Nárnia’. 2001. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2001/10/in-defense-of-c-s-lewis/302301/>. Acesso em 24/02/2020.

### 3.3.3 Laurence, Joan, Jonathan, Ruth e Philip: Questionamentos acerca do fim dos personagens e do fim da saga.

Em nossas pesquisas também foi possível notar, uma preocupação dos receptores de Lewis sobre o que havia acontecido com alguns personagens, em especial Susana, a única heroína excluída da Nova Nárnia e que já teve essa carta citada por nos anteriormente.<sup>413</sup>

Em uma outra carta do já mencionado Laurence esse indaga se os irmãos tinham conhecimento do Credo Apostólico em especial para a parte do credo que cita a certeza na ressurreição do corpo e na vida eterna, pois pareciam muito preocupado com a vida após a morte. O autor responde da seguinte forma: “[...] se eles conheciam o Credo, suponho que o professor Kirke, Lady Polly e os Pevensies o conheciam, mas provavelmente Eustáquio e Pole, que haviam sido educados naquela pobre escola não conheciam.”<sup>414</sup>

Alguns pontos devem ser observados na resposta do autor: o primeiro deles e o mais evidente é que diferente do que ocorre no livro, Lewis supõe que seus personagens possuíam alguma tradição religiosa. Isso é relevante porque vemos que a pergunta de Laurence faz com Lewis de determinado modo continue a escrever Nárnia, acrescentando a obra de maneira indireta uma informação nova. Além disso, o autor se resguarda da ideia de mente construtora da obra, ao utilizar a palavra “suponho” ao invés de fazer uma confirmação taxativa da doutrina religiosa dos seus personagens o que não seria um absurdo.

Em contrapartida a isso, Lewis acaba por valorizar o conhecimento do Credo, ao citar Eustáquio e Pole como não conhecedores da doutrina por estudarem em uma pobre escola, se referindo ao Colégio Experimental citado em *A cadeira de prata*. Relembrando que Lewis era crítico a educação da sua época que deixava de lado os valores morais em prol de fatos, e davam prioridade para a ciência secular, acima da sabedoria e da virtude, o que pode ser reafirmado através da carta para Laurence.

Mais populares que as indagações acerca dos personagens eram as relacionadas ao fim da série, que obtiveram do autor em todas as cartas respostas semelhantes:

Querida Joan

Obrigado pela sua carta e desenhos. Eu digo que você tem sorte de ter uma armadura: eu adoraria que tivesse tido uma quando eu era garoto, mas nunca tive a oportunidade. O tipo que você tem seria ainda melhor para os vikings, etc., do que para os cavaleiros Arturianos. Quanto a fazer mais do que 7 livros de Nárnia, não é melhor parar quando as pessoas ainda pedem por mais do que continuar até ficarem cansadas? Com amor

<sup>413</sup> Conferir na página 84 desta dissertação.

<sup>414</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.61.

*Seu,*  
C. S. Lewis.<sup>415</sup>

Querido Jonathan

A sua é uma das mais lindas cartas que eu já recebi sobre os livros de Nárnia, e foi muito gentil da sua parte escrevê-la. Mas eu temo que não haverão mais dessas histórias. Mas porque você não tenta escrever alguns contos sobre o mundo de Nárnia? Eu comecei a escrever quando tinha a sua idade, e era muito divertido. Tente!

Todos os melhores desejos,  
Atenciosamente  
C. S. Lewis.<sup>416</sup>

Querida Ruth

[...]. Eu temo que os livros de Nárnia tenham chegado ao fim, e sinto muito em dizer que não deva esperar por mais.

Deus lhe abençoe  
Atenciosamente,  
C. S. Lewis.<sup>417</sup>

A citação das três cartas é relevante pela temporalidade das mesmas, a carta de Joan é escrita e respondida em 7 de maio de 1954, nessa data ao que parece pela resposta a menina, Lewis já tinha certeza que escreveria sete livros e encerraria Nárnia. Em 29 de março de 1961 em carta a Jonathan, já com todos os livros publicados, Lewis, volta a afirmar que a saga tinha sido encerrada e por fim em 26 de outubro de 1963 em carta a Ruth, o autor reafirma o encerramento da saga, mas não foi só isso, o principal que as cartas de Lewis demonstram é que aparentemente ele não escreveria mais obras para crianças e foi o que ele fez.

Ao que parece o autor dedicou todo seu entusiasmo para literatura infantil escrevendo Nárnia e apesar do seu estado de saúde já debilitado no fim da vida, não acreditamos ter sido esse o motivo que levou o autor a não escrever mais histórias infantis, já que em 1956 ele publica *Till We Have Faces*, traduzida para o português como *Até que tenhamos rostos* (2021) pela editora Ultimato, que é uma releitura do mito da Cupido e da Psique, sendo uma obra de complexidade bem mais robusta que Nárnia, e que o autor admite em carta<sup>418</sup> para a menina Joan, ser seu maior fracasso em anos o que o surpreendeu já que ele acreditava ser o livro, sua melhor obra. Isso parece indicar que seus leitores esperavam do autor algo próximo de Nárnia, o que não aconteceu.

Apesar desse distanciamento da escrita de obras infantis, essa literatura esteve presente no seu cotidiano até o fim da sua vida principalmente por conta da correspondência dos seus

---

<sup>415</sup> Ibid., p.43.

<sup>416</sup> Ibid., p.99.

<sup>417</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.111.

<sup>418</sup> Ibid., p.87.



leitores. O autor vem a óbito no dia 22 de novembro de 1963, um dia antes ele já com ajuda do seu irmão Warren por estar impossibilitado de escrever ainda respondia a um fã chamado Phillip:

Querido Philip...

Para começar, devo lhe parabenizar em escrever uma carta tão boa e marcante; eu certamente não poderia tê-la escrita em sua idade, E para começar, agradeço por ter contado que gostou dos meus livros, uma coisa que todo autor sempre fica agradecido em ouvir. É algo engraçado que todas as crianças que me escreveram percebem logo quem é Aslam, e os adultos nunca conseguem!

Eu nunca li a reedição de Puffin que você se refere, então é claro não vi o erro; mas irei chamar a atenção da editora para isso.

Por favor diga ao seu pai e mãe em como fico feliz de que eles acharam que meus livros sérios têm valor.

Com todos os bons desejos para você e sua família

Atenciosamente,

C.S. Lewis.<sup>419</sup>

O que podemos perceber como padrão na maioria das cartas que falam acerca de Nárnia, e uma sobreposição na maioria delas de aspectos da vida pessoal de Lewis ou das crianças sendo mais relevantes que o debate acerca da obra. Visivelmente é perceptível pelas fontes que os debates acerca de Nárnia acontecem sendo possível de observá-los, mas considerando todo o conteúdo das cartas encontramos leitores muito mais preocupados em conversar com o “criador de Nárnia”, enviar materiais para ele, do que tirar dúvidas sobre a obra em si.

Isso nos leva a entender que as recepções tomadas por esses leitores apesar de irem ao encontro com as de Lewis, eram influenciadas de maneira constante pelo autor. O poder do autor C. S. é presente em todas as cartas, onde através do seu parecer, o autor delimita o caminho que ele gostaria que a obra fosse lida. Sendo o autor/criador um lugar de autoridade como pondera Chartier, é possível perceber como os leitores da obra tinham a opinião de Lewis como aquilo que era o mais próximo da verdade, não só por ele ser o “criador da obra”, mas também pela construção desse sujeito afetivo que Lewis propunha em suas cartas que, como percebido, influenciava seus fãs, seja tal construção de caráter intencional ou não.

Porém, há de se mencionar como pondera Christophe Prochasson, que há cartas que demonstram uma intencionalidade do autor em deixá-las para a posteridade, de maneira que no ato de escrever o autor já estivesse em mente torná-las documentos públicos.<sup>420</sup> Isso não é

---

<sup>419</sup> LEWIS, C. S. *Letters To Children*. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995, p.113.

<sup>420</sup>PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Revista Estudos Históricas*, v. 11, n. 21, p. 105-120, 1998, p.111, 112.

perceptível nas cartas de Lewis para seus leitores mirins. Ao analisar o conteúdo das cartas, é possível perceber que a maioria delas trazem informações que são relevantes apenas para as pessoas envolvidas no diálogo. O depoimento do irmão de Lewis, dizendo que haviam cartas que por motivos de discrição e caridade deveriam ser excluídas de um contato público, nos dá pistas que realmente o autor não tinha tal ofício como uma maneira de deixar algo para a posteridade e o fato dele ter escrito uma autobiografia, também nos indica que o que ele queria deixar de íntimo para a posteridade, ele já havia sistematizado em sua autobiografia.

Entretanto o que deve ser mencionado, é que tais cartas não foram compiladas nem escolhidas pelo autor, logo, deve-se acrescentar que sendo toda a compilação um objeto histórico, alvo de disputas, é necessário pontuar que a escolha dessas cartas, a exclusão de outras, visa um projeto de construção de um autor diante dos seus leitores. Deste modo, as fontes que temos acerca do processo de recepção de Nárnia a partir dos seus leitores mirins, apontam para um entendimento da obra principalmente em dois sentidos: como uma obra infantil de cavalaria e para uma obra infantil que é uma releitura da história cristã. Mas não acreditamos ser a escolha de tais fontes algo natural, e sim feito de maneira intencional a demonstrar essa compreensão da obra por parte da obra e afirmar ainda mais seu caráter cristão e também uma imagem sacralizada de Lewis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa dissertação algumas coisas devem ser ditas: no primeiro capítulo, demonstramos como C. S. Lewis visivelmente constrói uma imagem de si, partindo de sua infância, dando aos seus primeiros anos uma importância primordial para sua transição religiosa e para a sua formação como escritor. Por mais que tenha crescido em um berço religioso e com pais com um grau de erudição considerável, tanto a mudança de perspectiva religiosa do autor quanto seu desenvolvimento como escritor parecem ter uma historicidade bem mais determinante a partir da sua fase adulta do que necessariamente dos primeiros anos de sua vida.

Também no primeiro capítulo foi possível entender qual contexto histórico do autor, e em que berço de conflitos e rupturas ele foi criado, estando envolvido diretamente nos principais acontecimentos do século XX, lutando a Primeira Guerra Mundial, e sendo uma voz religiosa na BBC de Londres durante a Segunda. Crítico da ideia de modernidade, Lewis é um enfático combatente da intervenção do Estado na vida do cidadão, quanto da mudança da perspectiva clássica de mundo tomada por morais absolutos. Nesse sentido *Crônicas de Nárnia* foi escrito pelo autor como um manifesto contra a modernidade, e como um apelo aos valores morais da sociedade europeia, já que é visível na obra, estereótipos, e modos de enxergar o mundo partindo de uma perspectiva eurocêntrica, sendo perceptível a influência da historicidade do autor na obra.

No segundo capítulo delimitamos Nárnia como literatura, informando que a obra se insere numa tradição de histórias de cavalaria e com forte apelo religioso às ideias cristãs, somadas ao mesmo tempo a uma teoria clássica e medieval. As várias leituras da obra e que ganharam forças a partir dos anos de 1990, apontam problemas da ordem das representações raciais e, de gênero.

No capítulo 3 ao compreendermos o lugar social-histórico que Lewis se encontrava e em que lugar Nárnia se localiza como literatura e seus principais discursos, o terceiro capítulo se debruçou a entender a intencionalidade do autor a construir a obra e quais discursos ele pretendia passar com ela. Para tal feito, Lewis utilizou de táticas como a escolha de um “leitor-ideal,” códigos religiosos que levassem a obra a ser lida como cristã e cartas que tinham em suas respostas a reafirmação da sua intenção que a obra tivesse também uma leitura sacra.

Ao analisarmos então, as respostas de Lewis para seus correspondentes dos anos de 1950 e 1960, conforme compiladas pela edição *Letters to Children* (1995) e *Cartas de C. S. Lewis* (2021), percebemos que tal compilação traz uma aparente interpretação de que os leitores mirins das décadas de 1950 e 1960 tiveram uma compreensão da obra semelhante à do autor e

obtiveram êxito em entender os códigos literários e referências deixadas por ele para que a história cristã presente na obra fosse entendida. Também foi possível perceber que não há, por parte dos leitores mirins de 1950 e 1960, nenhuma identificação de problemas relativos a temas como gênero, racismo e eurocentrismo que, com o passar dos anos vieram a ser questionados por alguns leitores citados no capítulo dois.

É possível então, descobrir quais as impressões os primeiros leitores de Nárnia obtiveram da obra? A pesquisa desenvolvida procurou demonstrar que sim. Os ideais de C. S. Lewis, suas crenças, o contexto histórico que ele viveu e sua resposta ao secularismo, fez com que o autor construísse em Nárnia uma obra de cavalaria em primeiro plano, e em segundo plano carregasse suas convicções religiosas. Mas além disso, por ter se tornado uma autoridade religiosa através dos seus tratados religiosos e Nárnia ter se tornado uma história sacra, acreditamos que o compilado de cartas reunidas de C. S. Lewis tende a sempre encaminhar uma leitura que não fuja disso.

Sendo toda compilação repleta de escolhas e exclusões, as 37 cartas que conseguimos encontrar aparentam construir de maneira intencional, uma busca por uma Nárnia que seja entendida como cristã, um C. S. Lewis muito compreensivo e carinhoso, e que não fuja do seu papel histórico como um autor cristão, de maneira que tais artifícios do autor continuem sendo preservados.

Por fim, os estudos acerca de C. S. Lewis e da obra *As Crônicas de Nárnia*, tendem a caminhar para uma análise do autor ou literária da obra. Deste modo, cremos que essa pesquisa caminhou com o intuito, diferente, já que se propôs a demonstrar a obra como um construto histórico que perpassa a sua relação entre autor, historicidade e recepção e que de uma maneira geral se complementam e ajudam a entender melhor a própria historicidade do objeto.

**FONTES:**

LEWIS, C. S. **A Cadeira de Prata**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia**. Volume único, São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEWIS, C. S. **A Última batalha**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

LEWIS, C. S. **A viagem do Peregrino da Alvorada**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

LEWIS, C. S. **Cartas a uma senhora americana**. Trad. Lenita Esteves, São Paulo: Editora Vida, 2006.

LEWIS, C. S. **Cartas de C. S. Lewis**. Trad. Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LEWIS, C. S. **Letters of C. S. Lewis**, Edited by W. H. Lewis and Walter Hooper, San Francisco: HarperOne, 2017

LEWIS, C. S. **Letters To Children**. Edit Lyle W. Dorsett and Marjorie Lamp Mead. Editora Touchstone, 1995.

LEWIS, C. S. **O cavalo e seu menino**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

LEWIS, C. S. **O leão, a feiticeira e o guarda-roupa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

LEWIS, C. S. **O sobrinho do mago**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020

LEWIS, C. S. **Príncipe Caspian**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020

LEWIS, C. S. **The lion, The Witch and the Wardobre**. New York. HarperCollins. 2007.

**REFERÊNCIAS**

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

ALMEIDA, D, V. **O legado dos passados dolorosos: como são ensinados os *The Troubles* aos jovens na Irlanda do Norte?** Tese de doutorado – Universidade do Porto. 2019.

AQUINO, Tomas de. **Suma Teológica**. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/religiao/suma-teologica-pdf>. Acesso em 08/03/2021. p.1511.

ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS. **ABC da ADG**. Glossário de termos e verbetes utilizados em Design Gráfico. São Paulo: ADG, 2000.

ARAÚJO, B. R. **Da imaginação à ilustração: Uma análise das ilustrações de Pauline Baynes no livro *As Crônicas de Nárnia***. Monografia - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Artes Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2019.

ARTIÈRE, P. **Arquivar a própria vida. Estudos históricos: arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, 1998.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BÍBLIA. Português. Bíblia anotada: edição expandida/ Charles C. Ryrie- Ed. Rev. e expandida – São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

BORDIEU, Pierre. **A Ilusão biográfica**. IN; **Usos & abusos da história oral**./Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. –RJ: Editora da FGV, 1996.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História, ano 1, n. 3, jun./2010.

BORTOLUCI, J. H. **Para além das Múltiplas Modernidades: Eurocentrismo, Modernidade e as Sociedades Periféricas**. In: *Plural*, v.16 n. 1, São Paulo, p. 53-80, 2009.

BOTO, Karolinne de Santana; BRAZ, Márcia Ivo. **Práticas de incentivo à leitura para o público adolescente: um estudo sobre os best-sellers infanto-juvenis**. In: CONGRESSO BRASILEIRO

DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. Anais eletrônicos...Fortaleza: CBBB, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/878/838>. Acesso, 19/01/2021.

BRANCO, Lúcia Castello (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte: Fale/UFMG-Cadernos Viva-Voz, 2008.

BROWN, Devin. **Are The Chronicles of Narnia Sexist and Racist? A Discussion in Eight Parts**. Disponível em: <https://www.narniaweb.com/resources-links/are-the-chronicles-of-narnia-sexist-and-racist/>. Acesso em 15/03/2021.

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. In: Estudos Históricos, no 21, 1998.

CAMARGO, Luis. **A imagem. Material didático entregue no minicurso "O livro para crianças: onde o visual e o verbal se mesclam"**, parte do evento paralelo ao 5º Traçando Histórias. Porto Alegre, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CAVALCANTI, J. R. **O leitor modelo de Eco**. Web Revista Discursividade, 2002-2004). Disponível em: <http://cepad.net.br/discursividade/EDICOES/01/arquivos1/16%20Jauranice%20R%20C%20-%20O%20Leitor%20Modelo%20de%20Eco.pdf> Acesso em: 19 mai. 2021.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura no Tempo**. São Paulo: Autêntica, 2009.

CHARTIER. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.

CHARTIER. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo. Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, *Cultura Escrita, Literatura e História*, (São Paulo: Editora Art Med, 2001).

CHARTIER. **Do códice ao monitor: a trajetória do escrito**. **Estudos Avançados** [online]. 1994, vol. 8, n. 21, p. 185-199. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1868338/mod\\_resource/content/1/CHARTIER\\_DoC odiceAoMonitor.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1868338/mod_resource/content/1/CHARTIER_DoC odiceAoMonitor.pdf). Acesso em: 20/05/2021.

CHARTIER. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna séculos XVI – XVIII**. Tradução Bruno Feitler. São Carlos. EdUFSCar, 2017.

CHARTIER. **Escutar os mortos com os olhos**, *Estudos Avançados*, v. 24, n. 69 (2010).

CHARTIER, *História Cultural: entre Práticas e Representações*. (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990).

CHARTIER. *O que é um Autor?* Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CHURCHILL, Winston, S. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

CLUTE, J & GRANT, J. **The Encyclopedia of Fantasy**. New York, NY: St. Martin's Press, 1999.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Editora Global, 2017.

DAVIS, Bill. *Extreme Makeover – reforma total: o desenvolvimento moral e o encontro com Aslam*. In: BASSHAM Gregory; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) **As Crônicas de Nárnia e a filosofia o leão, a feiticeira e a visão do mundo**. São Paulo: Ed. Madras, 2006.

DOWNING, David. **C. S. Lewis: o mais relutante dos convertidos**. Trad. Almiro Pisetta, Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006.

DURIEZ, Colin. **Atormentados: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e a sombra do mal**. Trad: Priscila Catão, Ed. Lírio, Rio de Janeiro, 2019.

DURIEZ, Colin. **Manual prático de Nárnia**. Trad. Celso Roberto Paschoa. Osasco, São Paulo: Novo Século Editora, 2005.

DURIEZ, Colin. **Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade**. Trad: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

EASTERBROOK, Greg. **In defense Of C. S. Lewis**. The Atlantic, 2001. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2001/10/in-defense-of-c-s-lewis/302301/>. Acesso em 14/03/2021.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa no texto narrativo**. Trad. Attilio Cancian, São Paulo, Perspectiva, 2002.

ECO, Umberto (1962). **Obra aberta**. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva. 1991.

ECO, Umberto. (1990). **Os limites da Interpretação**. 2ª ed. São Paulo Perspectiva, 2004, p.46. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-os-limites-da-interpretacao-umberto-eco-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 19 mai. 2021.

ESTANDARTE DE CRISTO. **Catecismo ortodoxo**. Trad: Camila Rebeca Teixeira, 2020.

FRY, Karin; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) **As Crônicas de Nárnia e a filosofia o leão, a feiticeira e a visão do mundo**. São Paulo: Ed. Madras, 2006.

FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão; ZENHA, Celeste. **O Século XX: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 2.

FILMER, Kath. **The Fiction of C. S. Lewis: Mask and Mirror**. New York: St. Martin's, 1993.

FORD, Paul. **Pocket Companion to Narnia**, HarperOne, 2009.

FREITAS, Neli; ZIMMERMANN, Análise. **A ilustração de livros infantis: uma retrospectiva histórica da Pesquisa**, Florianópolis, v. 2, n. 4, ago./2006 — jul./2007.

GADDIS, J, L. **A GUERRA FRIA**. Trad: Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2007.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Tradução de Cibele Braga, et al. Belo Horizonte: Edições Viva a Voz, 2010.

GOMES, Angela Castro. “**Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo**”. In: GOMES, Angela de Castro. (Org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOULART, I. C. V. **Entre a materialidade do livro e a interatividade do leitor: práticas de leitura**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 12, n. 2, p. 1-19, maio/ago. 2014. Disponível em:



<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1611>. Acesso em: 20/05/2021.

GREGGERSEN, G. **O leão, a feiticeira e o guarda-roupa e a Bíblia: Implicações para o educador**. 1 edição. Editora Prismas: Curitiba, 2016.

HAMBLET, C, W; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) **As Crônicas de Nárnia e a filosofia o leão, a feiticeira e a visão do mundo**. São Paulo: Ed. Madras, 2006.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre, Artmed, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. Trad: Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1996.

JACOBS, Alan. **As Crônicas de Nárnia**. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael. **C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, H.R. **Esthétique de la réception et communication littéraire Critique**. 37(4): 1981.

JEHA, Júlio. **A semiose da fantasia literária**. Signótica, Goiânia, v. 13, n. 1, 2001.

JOUBE, Vincent. **A Leitura**. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Edunesp, 2002.

JUDT, T. **PÓS GUERRA: Uma história da Europa desde de 1945**. Trad: José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KERSHAW, I. **De volta do inferno: Europa 1914-1949**. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

KESKE, Humberto I. **“Experiências interpretativas: a noção de recepção em Umberto Eco”**. In: Revista Líbero – Ano X – nº 20 – Dez 2007.

KHEDE, Sônia Salomão, org. **Literatura infanto-juvenil. Um gênero polêmico**. Petrópolis, Vozes, 1983.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. Histórias e Histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseaus a Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEWIS C. S. **A abolição do homem**. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2012.

LEWIS, C. S. **Até que tenhamos rostos**. Trad. Jorge Camargo, Ana Paula Spolon. 1ed. Viçosa: Ultimato, 2017.

LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. Trad. Gabriele Greggersen. 1ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LEWIS, C. S. **Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente**. Trad. Caudia Ziller. São Paulo: Planeta, 2017.

LEWIS, C.S. **George MacDonald – Uma ontologia**. Trad. Carlos Caldas, 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. Trad: Alípio de França Neto. São Paulo: Editora Vida, 2009.

LEWIS, C. S. **O regresso do peregrino: uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo**. Trad. Jorge Camargo. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2019.

LEWIS. C. S. **Reflexões cristãs**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Trad: Eduardo Pereira e Ferreira. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015.

LEWIS, C. S. **Um experimente em crítica literária**. Trad. Carlos Caldas, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

LINDEN, Sophie Van der. **Para Ler o Livro Ilustrado**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LOWE, Keith. **Continente selvagem: o caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial**. Trad. Rachel Botelho e Paulo Schiller. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

MAZOWER, Mark. **Continente sombrio**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MCGRATH, Alister. **A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo As Crônicas de Nárnia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MORAES, J, M, S. **Fantasia ou Religião?** As representações religiosas em As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis. 2018.

MOSTELLER, Tim. **O Tao de Nárnia**. In: BASSHAM Gregory; L. WALLS, Jerry. (Org. IRWIN William) **As Crônicas de Nárnia e a filosofia o leão, a feiticeira e a visão do mundo**. São Paulo: Ed. Madras, 2006.

NAVARRETE, E. **Roger Chartier e a literatura**. Revista Tempo, Espaço e Linguagem, Ponta Grossa, v. 2, n. 3, p. 23-56, set./dez. 2011.

NICHOLI, A. M. **Deus em questão: C. S. Lewis e Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida**. Trad. Gabriele Greggersen. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2005.

NUNES, M.R. & GOMES, P.S. (s.d.) A importância das ilustrações na literatura infantil e a necessidade de formação de leitores de imagens. Universidade Federal de Campina Grande.

O'CONNOR Kirie. **Lewis 'prejudices tarnish fifth 'Narnia'**. Seattlepi, 2005. Disponível em: <https://www.seattlepi.com/ae/books/article/Lewis-prejudices-tarnish-fifth-Narnia-book-1188939.php>. Acesso em: 13/03/2021.

OLIVEIRA, V, M. **Interação entre o texto e o leitor: Como se comporta o leitor na construção dos sentidos do texto no instante da recepção**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2015.

PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Arquivo particular “Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. Patrimônio e Memória**, v. 4, n. 2, p. 55-73, 2007, p.68.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 105-120, 1998.

PULLMAN, Phillip. **Narnia books attacked as racist and sexist**. The Guardian, 2002. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2002/jun/03/gender.hayfestival2002>. Acesso em: 19/03/2021.

PULLMAN, Phillip. **Pullman attacks Narnia film plans**. NewsBBC, 2005. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/4347226.stm#:~:text=Author%20Philip%20Pullman%20has%20attacked,to%20be%20released%20in%20December>. Acesso: 13/03/2021.

RÉMOND, René. **O século XX: de 1914 aos nossos dias**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

SAID Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

TAVARES, Fabiana. **Quase como antes: (a desconstrução das representações de infância da classe trabalhadora na literatura infantil e juvenil**. São Paulo: USP, 2014, p.131.

THIÉS, Tainá S. **A transposição do real para o imaginário: hipertextualidade mitológica na construção de mundos ficcionais de fantasia**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Práticas Sociais) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2012.

THORPE, Peter, ZIMMERMAN, Robert. **About Pauline Baynes**. Paulyne Baynes. Disponível em: <https://www.paulinebaynes.com/?what=about>. Acesso em: 22/04/2021.

THE COLLECTED LETTERS, **vol 1**, 2004.

THE COLLECTED LETTERS **vol 2**.

WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e Imagem: leituras cruzadas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. *Sobre Histórias de Fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

WILSON A.N. *C.S. Lewis: A Biography*. London: Harper Perennial, 1991.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Estética da recepção**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: EdUEM, 2009.

ZIMMERMANN, A. **Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras**. In: GRUPO DE PESQUISA ARTE E EDUCAÇÃO (GPÆE). Florianópolis: Udesc.